

**O UNIVERSO SIMBÓLICO DA CRIANÇA:**  
*olhares sensíveis para a infância.*



**Adriana Friedmann**

© 2014, Adriana Friedmann/Nepsid  
[www.nepsid.com.br](http://www.nepsid.com.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Autora.



NEPSID is licensed under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/)

*Aos meus filhos,  
aos de sangue, aos da alma, aos do coração.  
Aos filhos da vida,  
aos que dei à vida, aos que a vida me deu.*

## Reflexões de percurso

*Algumas questões vêm me acompanhando desde que tenho memória consciente, não somente no que se refere ao âmbito da educação como também ao âmbito pessoal, já que ambos têm caminhado de mãos dadas na minha vida. Entre tais questões: a procura pela autenticidade do ser humano, a aceitação e o respeito pelo que cada um é, a preocupação de como e para o que educamos nossas crianças, o autodesenvolvimento da pessoa humana.*

*Cada um de nós tem uma história de vida muito particular pela qual somos levados por caminhos, nem sempre fruto das nossas escolhas conscientes. Muitos dos nossos potenciais e habilidades vão sendo abandonados, esquecidos, censurados ao longo do nosso trajeto. Chegado um determinado momento das nossas vidas, alguns de nós damos ouvidos ao chamado de retomar nosso verdadeiro rumo. Ter, talvez, que abandonar um jeito de ser e fazer; uma carreira construída, mas que não necessariamente nos preenche; um jeito conhecido de mostrar-nos ao mundo, mas não necessariamente nosso verdadeiro jeito de ser. Se conseguirmos ouvir e, sobretudo, reagir a este chamado, que com mais e mais força se faz presente quanto mais perto estamos da meia-idade, parece como que re-descobrimos tesouros guardados em um velho baú.*

*No meu caso particular, tenho tido um percurso de vida muito ligado ao brincar, ao lúdico, ao resgate da criança dentro e fora de cada um. Minha trajetória começou com meu trabalho junto a crianças pequenas, continuou com meus estudos e aprofundamento sobre o desenvolvimento das crianças, do ser humano e as metodologias de ensino. Os estudos sobre o brincar, tendo Piaget como grande norteador das minhas primeiras reflexões, constituíram as matrizes para as idéias e trabalhos que venho construindo ao longo do tempo. O brincar desvendou para mim a possibilidade de chegar, de forma mais significativa, na essência dos educadores que passaram a fazer parte do meu cotidiano no meu trabalho com formação. O lúdico tornou-se, a bem da verdade, uma boa e importante ponte, um meio, uma "desculpa" para poder trabalhar com e através dele, questões mais profundas da educação, que têm me inquietado até hoje, ligadas ao desenvolvimento desses educadores e à consciência das questões relativas à infância. Pelos caminhos tortuosos do autodidatismo e pela convivência com profissionais das diversas linguagens humanas, fui penetrando no universo de outras expressões paralelas ao brincar. Nos meus últimos anos de trabalhos dedicados ao brincar, à conscientização através de publicações, cursos, palestras e trocas e à necessidade do seu resgate e do seu uso consciente em prol do desenvolvimento do ser humano; assim como muitos anos voltados para o aprimoramento de dinâmicas adequadas a diferentes grupos; e a descoberta deste caminho sem volta que é o do mistério do ser humano, me levaram a ampliar e aprofundar a percepção do mesmo e a adentrar na temática das linguagens simbólicas, fruto desta obra.*

*Acredito que o que é mais significativo no desenvolvimento de um ser humano vem através, não somente de uma luz interior que se ascende e toma sentido, mas, sobretudo dos vínculos afetivos que estabelecemos com os seres que chegam a nós através do coração. Tenho tido o privilégio de conhecer e criar profundos laços pessoais e profissionais, com alguns seres que considero que, de uma ou outra forma, descobriram, revelaram e trouxeram importantes "tesouros" interiores para minha vida. Gostaria, com esta publicação de partilhar com você, leitor, desses tesouros. Sobretudo para despertar e trazer à consciência o fato de que todos temos alguma coisa muito especial a ser resgatada e partilhada, que pode transformar e iluminar nosso caminho e o daqueles à nossa volta.*

*Quero dedicar esta publicação a todos estes seres muito especiais que fazem parte do meu caminho e que me presentearam com sensibilidade, raízes, espiritualidade, espírito cooperativo, alegria, novos olhares, doçura, admiração, sabedoria, consciência corporal, conhecimentos, questionamentos, arte, orientação, companhia, cuidado, amizade, autenticidade, pioneirismo, habilidades, criatividade, humanidade, humildade, inspiração, consciência, natureza.*

## INDICE

INTRODUÇÃO	p. 7
1. PANORAMA E PERSPECTIVAS DA INFÂNCIA NO SÉCULO XXI	p.11
2. CAMINHOS DO OLHAR	p.20
A. AMPLIANDO A LEITURA DO MUNDO E DO SER HUMANO	p.20
B. APROFUNDANDO O OLHAR PARA A CRIANÇA	p.22
3. LINGUAGENS SIMBÓLICAS	p.26
A. O QUE A CRIANÇA DIZ QUANDO NÃO DIZ?	P.28
B. CONCEITOS ESSENCIAIS	P.81
4. POSSIBILIDADES NAS PRÁTICAS E NAS PESQUISAS	P.95
A. AS PRÁTICAS: ENSAIOS DE LEITURAS SIMBÓLICAS	P.95
* O BRINCAR	P.95
* OS CONTOS	P.104
* A ARTE	P.110
B. AS PESQUISAS	P.114
* EDUCAÇÃO	P.114
* DESAFIOS	P.118
5. PÓS FÁCIO	P.120
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	P.121

## AGRADECIMENTOS

A Pâmela Mifano que tem sido minha mestra e amiga e tem acompanhado minha trajetória com a força do seu amor.

A Ute Craemer, minha companheira de estrada, pela coragem, entusiasmo e envolvimento nos nossos desafios pela infância.

A Lia Diskin pelo apoio e carinho incondicionais na causa pela infância.

A Jette Bonaventure pelas pertinentes observações que ajudaram a transformar o rumo desta obra e pelo interesse partilhado pelas crianças e pelos educadores.

A Maria Alice Proença, corajosa educadora com quem tenho me deliciado em extensas trocas e conversas regadas a café e afeto.

Aos meus alunos, pelo entusiasmo e pela confiança.

A minha família, berço das minhas alegrias e preocupações.

Às crianças e à minha criança interior por serem fruto da minha inspiração.

## INTRODUÇÃO

O que estamos fazendo com nossas crianças? Como as estamos educando? Constatamos que os professores estão insatisfeitos, seguem em frente, porém nem tão convictos; os pais estão preocupados, desnorteados: repetem velhas fórmulas, procuram orientação, porém estão cheios de dúvidas de estarem no caminho "certo". Há grande falta de informação, de consciência e muito medo de SER.

A preocupação primeira no que se refere à educação de crianças e jovens é a de dar-lhes as bases para que sejam autônomos, bons cidadãos e possam contribuir e inserir-se no mercado de trabalho.

Mas há um âmbito mais profundo que, para alguns tem a ver com valores de vida e que eu aprofundo para a seguinte questão: será que existe consciência da importância de propiciar à criança o desabrochar de sua essência mais profunda, dos seus verdadeiros potenciais, do seu ser mais autêntico, da sua alma? Será que sabemos como?

Temos talvez intuições, mas pouca consciência a esse respeito. Os caminhos podem até serem enxergados, mas, sem a possibilidade do auto desenvolvimento, do resgate da auto-estima, da re-descoberta dos próprios potenciais e necessidades mais profundas, este caminho não será possível de ser trilhado.

Pensando nos nossos adolescentes, futuros cidadãos, nos nossos professores e educadores, tão desgastados, não ouvidos, desacreditados e exaustos e nos pais procurando orientações, temos grandes desafios a perseguir:

- . que cada um deles possa "dar a luz sua criança";
- . que, descobrindo seus próprios tesouros interiores, encontrem caminhos para ajudar na gestação e nascimento dos potenciais das crianças que fazem parte das suas vidas.

Educar para viver ou para sobreviver? É possível educar para atingir os dois objetivos, o de sobrevivência, mais imediato; o de viver plenamente, de forma permanente.

Mas é possível educar a ALMA, a essência do ser humano? A ALMA se educa? A ALMA precisa expressar-se e ser ouvida!

O mundo interior da criança pode ser comparado, de forma analógica, com uma casa com muitas portas, atrás de cada uma das quais se esconde um universo secreto possível de ser desvendado por quem nele ouse entrar. Entrar não significa espionar: entrar significa mergulhar em um universo que espelha a alma profunda deste tão grande pequenino ser.

## CARTA DE UMA CRIANÇA QUE AINDA HÁ DE SER \*

"A você que sei que me ama tanto, mas às vezes não me compreende  
A você que quer acertar, mas tem tanto medo de errar  
A você que passa por mim sem se deter  
E quando vai perceber, eu já não sou mais criança  
Olha no meu olho  
Me escuta  
Senta aqui do meu lado  
Tira o relógio e fica por alguns instantes no meu tempo  
Vou te contar...

**EU SINTO** À FLOR DA PELE.

Segurança quando você me abraça, quando me beija  
e me aconchega, quando conta uma estória e canta para mim.  
Alegria quando você está comigo, olha para mim, brinca  
comigo.  
Tristeza quando as pessoas à minha volta brigam, me colocam de  
castigo.  
Medo de escuro, de gritaria, de balas, de bombas, de ficar só, de  
perder você.  
Perdido quando ninguém me entende, as pessoas não prestam  
atenção em mim, quando saio da minha estrada.  
Preso, afogado, reprimido quando não posso dizer o que penso, ou  
fazer o que quero; quando sou violentado com palavras, agressões  
físicas ou restrições.  
Livre quando posso ser eu mesmo, fazer o que sinto, o que penso, o  
que quero, como posso e como quero.  
Confuso quando você faz uma coisa, mas diz outra.

**EU PENSO** POR MIM MESMO.

Que as crianças precisamos de mais atenção e AMOR.  
Que os jovens precisamos de mais compreensão e AMOR.  
Que os adultos precisam de olhos para ver e enxergar mais longe, e  
enxergar mais perto do coração; e de ouvidos mais apurados; e de um  
coração mais aberto; e tocar, dançar, cantar...  
Que tem tanta coisa errada e tantos problemas...  
Que temos muita LUZ mas...  
Que estamos mergulhados na escuridão.  
Que as pessoas não pensam: jogam o lixo onde não devem, matam,  
se matam.

*EU QUERO MAIS...*

Brincar.  
Dizer o que penso.  
Fazer o que quero.  
Saber até onde posso.  
Você junto de mim.  
Meus amigos por perto.  
Ouvir histórias.  
Verdade.  
Ter mais... a sua atenção.  
Transformar este mundo.  
Fazer um novo Atlas da vida...

*EU VIVO.*

Brinco.  
Pinto, desenho, modelo.  
Jogo.  
Faço de conta que...  
Viajo a outros mundos.  
Peço para que...  
Pesquiso e descubro o mundo.  
Amo.  
Brigo.  
Sobrevivo.  
Reajo para não ser machucado.  
Fico doente de tristeza, de raiva, de medo.  
Apronto para ser e aparecer.  
Bebo, me drogo para fazer de conta que... ou para fugir...

*EU ESTOU NUM MUNDO ESTRANHO...*

Num mundo de imagens.  
Num mundo virtual.  
Num mundo poluído.  
Num mundo em guerra (que muitas vezes começa na sala da minha casa...)  
Num mundo de medo.  
Neste mundo...

*EU DIGO DO MEU JEITO.*

Pintando.  
Brincando.  
Dançando.  
Sonhando.  
Cantando.  
Olhando.  
Escrevendo.

Ficando em silêncio...  
 Gritando.  
 Chorando.  
*EU VEJO* COISAS QUE SÓ EU VEJO.  
 Através de você.  
 Um mundo invisível.  
 O que você já esqueceu...  
*EU PRECISO* De AMOR.  
 De Alimento.  
 De descanso.  
 De sonhos.  
 De luz.  
 De calor.  
 Ver e enxergar.  
 Ouvir e escutar.  
 Tocar e sentir.  
 Tentar e experimentar.  
 Errar.  
 Ter coragem, ultrapassar.  
 Aprender.  
 Compreender.  
 Crescer.  
 Estar.  
 SER.  
 De você.  
*EU PEÇO* Olhe para mim e me veja por dentro.  
 Me ouça e tente me entender.  
*EU SOU* ASSIM MESMO.  
 Criança.  
 Jovem.  
 Inteiro.  
 EU SOU.  
*E VOCÊ?"*

- Adriana Friedmann in "Caminhos para uma Aliança pela Infância" - 2003

# 1. PANORAMA E PERSPECTIVAS DA INFÂNCIA NO SÉCULO XXI

*Apresento, neste capítulo, uma série de reflexões de como vejo a infância, sua trajetória e uma sugestão sobre o papel do educador.*

## O QUE É INFÂNCIA?

Etimologicamente *infantia* é a dificuldade ou incapacidade de falar; criança (indivíduo na infância, criação) é o que é novo, novidade. A infância é símbolo de simplicidade natural, de espontaneidade.

De que infância estamos falando? A que tipo de criança estamos nos referindo? Sempre, em primeira instância àquela criança com a qual estamos mais familiarizados, com a qual convivemos no nosso cotidiano: referimo-nos tanto à infância das nossas crianças quanto à nossa infância pessoal, à nossa criança interior.

Mas é necessário ampliar este perfil que temos de infância e considerar os vários contextos e situações das crianças reais com as quais convivemos:

- a criança ou o jovem mais **idealizados**, globalizados, bem alimentados, limpos e educados, membros de famílias tradicionais nucleares (com mãe, pai, irmãos) ou estendidas (avós, tios, primos): é a referência veiculada pela mídia em geral;
- a criança ou o jovem provindos de **famílias desestruturadas**, desde a família de mãe solteira, **pais separados** onde só a mãe ou só o pai são os responsáveis, até **crianças adotadas**;
- a criança ou o jovem **discriminados** pelas mais variadas razões: raça, sexo, origem sócio-econômica, coeficiente intelectual ou necessidade especial (cegos, surdos, mudos, crianças com síndrome de Down, paralisias diversas, gagueira, etc.);
- a criança ou o jovem **criados em orfanatos** ou instituições que abrigam crianças **abandonadas, violentadas** ou que sofreram algum tipo de **abuso**;
- a criança ou o jovem das **periferias** das cidades que vivem em barracos, favelas, etc;
- a criança ou o jovem **viciados** em álcool, drogas, etc;
- a criança ou o jovem **doentes**, internados em hospitais;
- a criança ou o jovem das **zonas rurais**;
- a criança ou o jovem das **comunidades ribeirinhas**;
- a criança ou o jovem das **comunidades indígenas**;
- a criança ou o jovem **de diversas origens étnicas**: orientais, judeus, italianos, latinos, etc.;
- a criança ou o jovem **da rua**;
- a criança ou o jovem **que trabalham**;
- etc.

É importante contextualizar a criança à qual estamos nos referindo, pois é este o dado diferencial e fundamental para o nosso trabalho. Junto com as contribuições das teorias sobre desenvolvimento infantil que transitam desde os estudos cognitivos, emocionais, de personalidade, físicos-motores até os anímico-espirituais e que partem de uma criança idealizada para realizar suas afirmações, podemos ter um panorama mais próximo desta criança real com a qual convivemos.

Estas informações são fundamentais para uma compreensão mais ampla da infância. Mas, para uma compreensão mais profunda da **sacralidade** da infância, sobretudo daquela(s) criança(s) com quem estamos em contato, é preciso poder **OLHAR** para elas. E este olhar não tem como fundamento somente uma teoria vinda de fora, mas a coragem de acreditar nas nossas próprias percepções, intuições, sentimentos, sinais e imagens. A fonte mais segura é a **observação** que cada um faz da(s) criança(s) com quem convive, da sua gestualidade, dos seus movimentos, do seu jeito de relacionar-se com os outros, com ela mesma, com os objetos, com o mundo; a observação e a tentativa de compreensão das imagens e simbolismo que aparecem nos seus processos e nas suas produções, sobretudo as não verbais.

Como ir ao encontro dessa profundidade, dessa essência que cada criança e cada um de nós trazemos? Como diz Bachelard, precisamos "reconhecer a permanência, na alma humana, de um núcleo da infância, uma infância imóvel, mas sempre viva, fora da história, oculta para os outros... mas que só tem um ser real nos seus instantes de iluminação...".

## NORMOSE E CAMINHOS PARA A PLENITUDE

Acredito ser oportuno trazer para a reflexão um conceito que, dentro do contexto das idéias desta obra, parece-me extremamente importante para o enriquecimento de ampliação e aprofundamento das questões que dizem respeito ao universo simbólico da criança.

Trata-se do conceito de NORMOSE, introduzido por Pierre Weil, definido como o "conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou de agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria em uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte". A normose é patogênica e tem um caráter automático e inconsciente.

Vivemos uma fase de transição, de mudança de paradigmas em todos os âmbitos do humano. O maior desafio hoje é o de superar a "normose, o comodismo, a estagnação evolutiva e a perda do sagrado e dos valores perenes" para caminhar para uma fase de "consciência, amor e solidariedade" (Crema). O dom de cada ser humano é o que nos torna, a cada um, nós mesmos, únicos, dando sentido à nossa existência. Este é o grande desafio da educação atual, educação normótica que não aceita a diversidade e ainda, compara a partir de um ideal de "normalidade".

Jean Yves Leloup afirma existirem normoses gerais, como a do "paraíso perdido", a da separatividade (que gera apego, rejeição, indiferença), a bélica, a competitiva, a machista, a feminista; e existem normoses específicas como o consumismo, a normose alimentar, a materialista, a das drogas, a da individualidade, a da informática, a da especialização, a da fofoca, etc.

As normoses, a diferença das neuroses, são silenciosas, sutis.

Weil sustenta que é possível passar da normose à plenitude, ou, em outras palavras, da doença à saúde, da inconsciência à consciência. É função da educação trabalhar o ser humano para lograr a plenitude, ou seja, o "pleno alcance de todo o seu potencial, da sua liberdade e da consciência total". A educação pode atuar, tanto com crianças que já, desde o nascimento apresentam uma "sabedoria precoce", hoje muito mais comum do que a maioria gostaria de admitir: aqui educar seria cultivar, "preservar aquilo que já existe" sem reprimir os talentos naturais. E ainda, a educação deveria facilitar o despertar de todas as outras crianças no caminho da sua plenitude, citando aqui as idéias enunciadas por Jacques Delors de: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. E não resta dúvida que, para que a educação possa atingir estes objetivos, o caminho deve começar com os adultos, pais e educadores: o caminho do autodesenvolvimento.

Tanto Joseph Campbell na sua obra "O mito do herói" quanto James Hillman em "O código do ser", tendo Carl Jung como grande mestre e inspirador, propõem caminhos para o resgate da essência, missão, gênio (entre outros nomes) que em algum momento do caminho pessoal de cada ser humano foi perdido. Cada um de nós tem um talento que nos torna plenamente humanos. "Nós não nascemos humanos, nós nos tornamos humanos", diz Campbell.

## "NORMOSES" NO UNIVERSO INFANTIL

Gostaria de refletir, aproveitando o conceito de "normose" de Pierre Weil a respeito daqueles padrões que nossa sociedade considera 'normais' e que têm por trás um tanto de patológicos. Perguntamos, pois: o que é normal e o que é patológico quando olhamos para nossas crianças?

- . Não ter ritmos, horários, rituais?
- . As comidas "fast-food", balas, chicletes e refrigerantes?
- . Agendas superlotadas já desde o berço?
- . Ficarem horas sentadas na frente da televisão ou do videogame?
- . Querem, pedir e ganhar brinquedos a qualquer hora?
- . Não ter tempo livre?
- . Ser alfabetizadas precocemente?
- . Participar de todas as conversas e discussões dos adultos?
- . Viver em espaços não adequados?
- . Não conviver com a família?
- . Nunca estarem satisfeitos, querer sempre mais?

- . Trabalhar muito cedo (as que precisam)?
- . Não participar da coletividade (aquelas que vivem "protegidamente isoladas")? . . . . .
- . Iniciar-se sexualmente muito precocemente?
- . Não serem respeitadas na sua diversidade, singularidade e serem globalizadas, massificadas?
- . Tomarem antidepressivos?
- . Beber e drogar-se?
- . Etc., etc.

É muito preocupante perceber que, frente a situações que deveriam ser consideradas realmente humanas, naturais na vida de qualquer criança, reagimos como se fossem problemas: a tristeza, chamar a atenção de alguma forma, pedir colo ou atenção, falar sozinho, chorar, não parar quieto, querer ficar com outras crianças; querer ficar só; ter medos totalmente irracionais; brigar por amor, por atenção; ficar doente de tristeza ou para ter um colo; brincar; movimentar-se; não querer tomar banho ou não querer sair do banho; não conseguir perder; não ter paciência; se perder no pensamento, viajar a outros mundos, ficar distraída. Etc. etc.

#### REAIS PROBLEMAS QUE AFLIGEM A INFÂNCIA E SEU ENTORNO

Se formos tirar um "Raio X" da situação da Infância deste início de século XXI, salta a olhos vistos que vivemos um momento crítico:

- . podemos perceber um grande número de crianças hiperativas, com o conhecido Déficit de Atenção;
- . crianças agressivas que expressam sua raiva através de brincadeiras e de atitudes violentas;
- . crianças com diversas doenças, como alergias, problemas digestivos pela qualidade dos alimentos ingeridos, estresse, obesidade, muitos casos de câncer;
- . crianças com depressão, tristeza permanente, apatia;
- . crianças com problemas de sono: por viverem em espaços reduzidos em famílias numerosas, o entorno impede à criança ter um sono tranqüilo, restaurador e completo; a superestimulação vivida durante o dia faz com que a criança tenha uma noite intranqüila e perturbada; a falta de qualidade na alimentação faz com que a criança acorde com mal estar de madrugada;
- . crianças sobrecarregadas de atividades e, por conseguinte, sem tempo para brincarem, serem elas mesmas;
- . pressão escolar precoce;
- . crescente evasão escolar: as instituições escolares não têm encontrado caminhos que respondam aos interesses e às necessidades dos seus alunos, necessidades estas que não passam essencialmente pela aquisição de informações e conteúdos (estes estão hoje facilmente acessíveis fora da escola), mas pelo desenvolvimento da criatividade,

dos potenciais latentes, pelo trabalho para o desenvolvimento da inteireza, para citar alguns;

- . falta de interesse e concentração por parte das crianças, o que leva muitas delas a serem encaminhadas para acompanhamento psicopedagógico, terapêutico;
- . abuso sexual dentro de casa, prostituição precoce;
- . crianças envolvidas com o tráfico de drogas, etc.

Será que estamos conseguindo enxergar, olhar para nossas crianças?

. Observamos, por outro lado, crianças muito inteligentes que participam diretamente das dificuldades do cotidiano dos pais e estão em contato direto com a mídia, com os videogames e com o computador, geralmente bem antes do momento adequado: são estimulados por imagens externas que vão substituindo as imagens internas para as quais sobra pouco tempo e espaço.

. Percebemos também crianças extremamente frágeis, precisando de cuidado e proteção desde a mais terna infância, cada uma com sua "música" única. As crianças são tremendamente sensíveis e tudo as afeta, sendo o corpo o primeiro veículo a sentir diretamente qualquer estímulo ou invasão vindos de fora. Mas, na medida em que as crianças crescem, elas vão criando, de forma inconsciente, defesas, camadas de proteção que, se por um lado as resguardam, por outro vão encobrindo suas verdadeiras emoções e sentimentos que vão sendo "abafados", reprimidos, escondidos, quando não destruídos.

. Observamos assim mesmo crianças com uma percepção muito aguçada, que captam tudo ao seu redor;

. E crianças com muita luz e sabedoria que, se as ouvirmos, podem vir a trazer grandes lições para a nossa existência adulta que se preza "dona da verdade" e, conseqüentemente, autoritária e prepotente.

Temos também um panorama de pais e educadores desorientados, vivendo uma grande crise de identidade e de valores: originários de uma cultura e de um sistema que prega, de forma avassaladora, a globalização, que não considera as diferenças e particularidades de cada ser humano, mas que, pelo contrário estimula a massificação, a mecanização, a automação. Difícil ajudar o outro, especialmente às crianças a se transformarem, sem termos, nós, pais, mães, educadores, auxílio e orientação para a nossa própria transformação.

Temos sido "bombardeados" com mensagens, imagens e informações através da TV, jornais, revistas, Internet, publicações, informações que vamos acumulando e assimilando umas e esquecendo tantas outras. Muitas das informações veiculadas constituem uma ameaça pelo estímulo à violência que acabam disseminando, tanto através da tela da TV, quanto no dia a dia ao virar cada esquina e até dentro dos nossos próprios lares.

Vivemos uma crise de confiança, uma profunda crise de valores, uma carência de raízes que dêem significado às nossas vidas: é necessária uma re-conexão com nossos sinais internos.

Com relação às CRIANÇAS, a nossa sociedade, a nossa cultura está abafando o seu ser, a sua alma, tirando-lhes a oportunidade de serem elas mesmas.

Com relação aos EDUCADORES, costumamos abraçar um caminho, uma teoria que nós dá apoio e temos dificuldade de olhar para dentro de nós mesmos e para as crianças com as quais convivemos diariamente; não as crianças dos livros e das teorias, mas as crianças de carne e osso e alma que vêm a nós, que nos escolheram para aprender alguma coisa conosco e para ensinar-nos outras tantas lições, se pudermos ouvi-las.

Com relação aos PAIS, sentem-se desorientados e atuam de forma instintiva ou repetindo aquilo que receberam na sua própria infância: falta muita informação e orientação.

### COMO CUIDAR DESTAS DIFICULDADES/DESAFIOS?

\* É necessário, no trabalho junto às crianças, nos desapegarmos de dogmas para poder olhar para elas de forma INTEIRA e ler as mensagens que elas tentam nos transmitir através:

- . da palavra;
- . do corpo;
- . do não dito;
- . da sua arte;
- . dos seus medos;
- . das suas dificuldades;
- . das suas habilidades;
- . da sua timidez;
- . da sua agressividade, dentre tantas outras expressões.

\* É necessário conhecer as teorias e pesquisas, clássicas e atuais sobre desenvolvimento infantil dos vários pontos de vista, através de cursos, grupos de estudo, leituras, etc.

\* Torna-se necessário conhecer, pesquisar, vivenciar e ter um leque de possibilidades de propostas que sejam adequadas às necessidades, interesses, habilidades, dificuldades das crianças.

\* É fundamental estar atualizado, à par dos debates relativos à infância, assim como das políticas públicas e de toda a situação da infância, tema de reflexão do presente capítulo.

\* Pais e educadores precisam posicionar-se, aprimorar seus conhecimentos, discutir valores, dificuldades e ampliar sua consciência com relação à importância de perceber e estimular a essência específica de cada criança.

HÁ NECESSIDADE DE RESGATAR UMA INFÂNCIA COM ALMA, COM ESSÊNCIA, COM SIGNIFICADO, aquela na qual as pequenas e simples atitudes, momentos, gestos, sabores, brinquedos, cantos, histórias, pinturas, produções, toques e olhares sejam significativos, valorizados. Uma infância na qual haja uma preocupação em se deter no outro, ouvi-lo profunda e verdadeiramente. Uma infância na qual o ser humano esteja sensível e voltado às manifestações de carências, agressividade, dificuldades, interesses, desejos, conflitos, ao significado dos gestos, do espaço, das produções artísticas, das dificuldades, do significado oculto das brincadeiras das crianças.

É NECESSÁRIO PENSAR, EM UM ESPAÇO "ALMADO" (com alma), ESSENCIAL, SIGNIFICATIVO, um espaço feito por e para a criança: o educador poderia pensar em tornar o espaço cálido, acolhedor, familiar; poderia preocupar-se com a ambientação, as cores, as plantas, um mobiliário flexível e sua distribuição adequada a cada proposta, assim como com a diversidade dos materiais oferecidos. Já a criança dará sua cor e imprimirá sua personalidade com suas produções, seus cuidados, sua co-criação e o respeito às regras: impregnará o espaço com seu SER.

ATIVIDADES COM ALMA, ESSÊNCIA, SIGNIFICADO são aquelas adequadas a cada faixa etária, a cada momento específico, a cada grupo; aos diversos contextos, espaços, dificuldades; às diferentes habilidades, necessidades e interesses das crianças. São as atividades que servem de canal de EXPRESSÃO para dar voz às crianças. São aquelas atividades que levam em conta o corpo, a mente, as emoções, o espírito da criança na sua inteireza.

É NECESSÁRIO UM TANTO DE POESIA...

COMO CHEGAR PRÓXIMO DO MUNDO MISTERIOSO E SIMBÓLICO DA CRIANÇA? CONSEGUIMOS CAPTAR, APREENDER A ALMA DA CRIANÇA? COMO FAZER?

O OLHAR, a OBSERVAÇÃO das imagens que a criança traz, da sua PERCEPÇÃO; OUVIR o que ela tem a dizer, ficar conectados com nosso próprio CORPO, com nossas INTUIÇÕES e EMOÇÕES, podem ser pistas interessantes.

O QUE FAZER COM ESTAS INFORMAÇÕES?

- Vivenciar, pesquisar, estudar POSSIBILIDADES EXPRESSIVAS para ampliar nosso universo de opções.

- Estudar e conhecer profundamente os PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO INTEGRAL do ser humano nas diferentes faixas etárias.
- Procurar CONHECER E RE-CONHECER a nossa criança REAL.
- Tomar decisões, fazer ESCOLHAS responsáveis das atividades adequadas.
- CRIAR E RE-CRIAR propostas fazendo uma releitura das crianças tanto de forma individual quanto no grupo.
- ORIENTAR OS PAIS e incentivá-los a oferecer apoio e afeto.
- Conviver com a SOLIDÃO tanto quanto com o TRABALHO COOPERATIVO EM EQUIPE.

### O PAPEL DO EDUCADOR OU O MITO DO MINOTAURO

No panorama acima descrito, qual seria, pois, o papel do educador? Poderia se fazer uma analogia entre o mito grego de Teseu e o Minotauro e a situação do educador.

*\* O mito do Minotauro conta que Dédalo construiu um grande labirinto embaixo do palácio de Cnosso, para abrigar o Minotauro, metade homem metade fera. O labirinto era um edifício com inúmeros corredores tortuosos que davam uns para os outros e que pareciam não ter começo nem fim. O Minotauro era um monstro nascido da união da rainha Pasifae com um touro sacrificial branco e o labirinto era para mantê-lo fora das vistas.*

*A cada nove anos o Minotauro era alimentado com vítimas oferecidas como tributo por Atenas em compensação pela morte de Androgeu, filho do rei Minos. Sete rapazes e sete donzelas eram escolhidos para a viagem fatal a Creta, onde eram devorados. Um ano, Teseu, filho do rei Egeu, de Atenas, ofereceu-se para ir e livrar os atenienses dessa calamidade. Ele prometeu ao pai que, se conseguisse matar o Minotauro, na viagem de volta a Atenas trocaria as velas do barco, que eram pretas, por brancas.*

*Eles velejaram a Creta e, em sua chegada, Ariadne, filha do rei Mino, apaixonou-se por Teseu e pediu que ele voltasse para ela, se sobrevivesse. Ela lhe deu um novelo de um fio de ouro para que ele desenrolasse atrás de si à medida que avançasse pelo labirinto, de modo que, se fosse bem-sucedido em matar o Minotauro, seria capaz de seguir o fio e encontrar a saída.*

*Teseu entrou no labirinto, encontrou o Minotauro no centro e o matou. Então, enrolou o fio, achou o caminho de saída do labirinto e escapou de Creta com Ariadne. Na ilha de Naxos eles comemoraram a fuga e sua união dançando o Geranos, a Dança do Grou.*

- Este trecho foi publicado originalmente na obra "Dinâmicas criativas - um caminho para a transformação de grupos" da minha autoria.

*Depois disso, Teseu esqueceu-se de suas duas promessas: primeiro, abandonou Ariadne na ilha, indo embora sem ela; segundo, esqueceu-se de içar as velas brancas na viagem de volta. Quando se aproximou de Atenas, seu pai, espreitando dos recifes, avistou as velas pretas e atirou-se ao mar, em desespero. O mar recebeu seu nome, Egeu, que perdura até os dias atuais. Teseu foi aclamado o novo rei, com o coração pesado pelo luto.*

Fazendo uma analogia entre Teseu e o educador, no caminho através do labirinto, ao mesmo tempo em que ele pode se perder, existem diversas possibilidades a serem descobertas. Ele precisa, porém, enfrentar e vencer esse lado escuro (representado pelo Minotauro), seus medos, angústias e pressões, para poder encontrar sua verdadeira essência e seu caminho seguindo o "novelo de ouro"; prestar atenção aos sinais da sua intuição, das suas sensações, emoções e sentimentos, para retornar e juntar-se ao seu aspecto feminino. Qual seria o fio de Ariadne do educador, o seu novelo de ouro?:

- A OBSERVAÇÃO, A CAPACIDADE DE OUVIR a criança;
- a ESCOLHA E ADEQUAÇÃO DE ATIVIDADES de música, arte, expressão corporal, brincadeiras, contos, etc, em função de necessidades, interesses, habilidades, dificuldades de cada um;
- o autocuidado, a auto-observação e percepção, o prestar atenção aos sinais do seu corpo, a sua expressão pessoal.

*O panorama e as idéias expostos nesta 1ª. parte nos levam à reflexão de que estamos frente a dois grandes desafios: o de ampliar nossos conceitos do ser humano e do universo no qual ele está inserido e o de aprofundar nosso olhar para uma compreensão e conseqüente ação mais autêntica, responsável e comprometida com os desafios deste novo século.*

## 2. CAMINHOS DO OLHAR

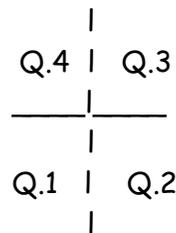
*Neste capítulo trago a reflexão de como o nosso ponto de vista e "leitura" de objetos, pessoas, acontecimentos e processos do mundo têm sido estreitos e da necessidade de ampliar e aprofundar esta leitura para bem além da concretude, do materialismo e da ciência, propondo diversos possíveis olhares.*

*Na primeira parte, a idéia de ampliar o olhar a partir de uma leitura "quadrifoliada". Na segunda parte, o desafio é de aprofundar o olhar.*

### A. AMPLIANDO A LEITURA DO MUNDO E DO SER HUMANO

#### DO CONHECER DOS NOSSOS SENTIDOS AO CONHECER DO SIGNIFICADO

A nossa cultura ocidental contemporânea tem "lido" o mundo a partir de um ponto de vista estritamente científico-analítico-racional-materialista. Tomo "emprestadas" as idéias de Luc Bigé, doutor em ciências, pesquisador e escritor francês contemporâneo, que mostra como é possível ampliar a nossa perspectiva a partir da leitura de objetos, seres, fenômenos, processos e fatos sob quatro olhares, quatro caminhos do saber ou do conhecimento, propondo quatro quadrantes (Q):



Q.1 - Conhecimento analítico, científico, a ciência analítica ou ciência da substância - o conhecer dos nossos sentidos. Nesta abordagem medem-se as diferenças e a parte é sagrada. Ela está apoiada na lógica científica que acentua o individualismo, o liberalismo e o materialismo e tenta descobrir a *identidade* objetiva do mundo *concreto*. É a leitura mais comum nos nossos dias.

Q.2 - Conhecimento ecológico, a ciência das interações ou das relações - o conhecer da direção, do movimento incessante que liga a parte com o todo. Prevaecem os valores de harmonia. Esta abordagem reconhece como primordiais a coletividade com seus vínculos sociais e ecológicos. Aqui a relação é sagrada. Nossa cultura começa a se conscientizar da importância desta abordagem.

Q.3 - Conhecimento simbólico ou ciência do significado - a percepção das forças formadoras invisíveis do ser. Goethe, grande teórico do terceiro quadrante, buscava descobrir o arquétipo escondido por trás da multiplicidade de formas objetivas das

plantas. A lei que diz que a verdade e a necessidade serão parte da essência das plantas, pode ser aplicada a tudo o que é vivo. *Esta abordagem trata de uma realidade abstrata, não material e não interativa fisicamente.* Entramos no mundo das "inergias", um conjunto das forças chamadas "energias psíquicas" que vivem e dinamizam o universo do significado (em oposição ao mundo das energias dos dois primeiros quadrantes). Sacralidade do símbolo.

Q.4 - Conhecimento operativo, transcendental ou ciência dos vínculos - Co-nascimento: o indivíduo nasce com o objeto do seu estudo graças a um processo de identificação consciente. O símbolo torna-se operativo, transforma o ser que entra em contato com ele de forma com que todo conhecimento seja também um nascimento: o poder criativo inunda o ser humano. *Esta abordagem trata de uma realidade abstrata, não material e não interativa fisicamente.* Este também é o mundo das "inergias". Aqui o transcendente é sagrado.

Um conto ou uma flor podem constituir uma harmonização destes quatro quadrantes. São ao mesmo tempo: objetos, modos relacionais, símbolos portadores de significado e a expressão de um arquétipo.

O mundo ocidental conhece muito bem o primeiro quadrante da realidade, começa a perceber o segundo. O terceiro inclui uma geografia do imaginário, a forma como os arquétipos se relacionam: os mitos, os contos e os sistemas analógicos veiculam as grandes imagens metafóricas que nos ajudam a decodificar este mundo do significado. O quarto quadrante leva-nos diretamente ao mundo ainda misterioso dos arquétipos em ação (a magia, a alquimia). Atualmente, no Ocidente, existem poucas pesquisas relativas ao terceiro e ao quarto quadrantes.

Os sistemas analógicos utilizam formas simbólicas para se expressarem (ex: a astrologia usando os signos), assim como os sistemas lógicos utilizam formas concretas para se construírem (o corpo humano usando proteínas, açúcares, etc.).

O objetivo desta proposta é a de mostrar a POSSIBILIDADE e a NECESSIDADE que existem hoje, de desenvolver o olhar simbólico para evitar o excesso de pensamento analítico.

<b>Conhecimento operativo</b>		<b>Conhecimento simbólico</b>
Mundo do sagrado que se expressa no homem pelo seu "instinto de transcendência", seu desejo permanente de superação.		Mundo "imaginal" que se expressa no homem pela utilização de símbolos para responder à sua necessidade de significados.
<hr/>		
<b>Conhecimento científico</b>		<b>Conhecimento ecológico</b>
Mundo físico que se expressa no homem por sua necessidade de alimento.		Mundo biológico que se expressa no homem pela capacidade de ligar-se ao que não é ele.

Ciência e tecnologia adaptam-se perfeitamente aos valores do primeiro quadrante. Ecologia, biologia, modelação do comportamento de grupos (de átomos, indivíduos, objetos, organismos, conceitos) entram no segundo quadrante. A psicologia pertence ao terceiro quadrante no seu esforço por compreender a natureza das pessoas, grupos e sociedades. Tudo o que se relaciona às grandes questões metafísicas pertence ao quarto quadrante.

Existe uma comunidade científica, a única hoje internacional e cujos interesses perpassam culturas, línguas e religiões. A comunidade ecológica nasceu após o fim da segunda guerra mundial com a teoria dos sistemas de Von Bertalanfi e adquire hoje em dia, mais e mais importância com as contribuições de Fritjof Capra e Humberto Maturana, entre outros. Trata-se de pensar relações, interações e cooperação. As outras duas formas de conhecimento não adquiriram ainda sua autonomia histórica: não existe ainda esforço coletivo para decodificar o mundo "imaginal" e aprender a cooperar com ele graças ao conhecimento das leis que o regem. Não há também, reflexão teórica e experiências práticas *apoiadas por uma visão coletiva*. Tudo isto já existe, mas com métodos, filosofia e objetivos muitas vezes inadequados.

## B. APROFUNDANDO O OLHAR PARA A CRIANÇA

*No meu primeiro livro "Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil" (1992), esbocei uma proposta metodológica para a observação de crianças em situações tanto de jogo espontâneo quanto de jogo dirigido. Sugeria, basicamente na situação de JOGO ESPONTÂNEO, realizar um DIAGNÓSTICO dos estágios de desenvolvimento, comportamentos, conflitos e problemas das crianças, assim como das*

*idéias, valores, interesses e necessidades do grupo, a partir da OBSERVAÇÃO e conseqüente REGISTRO E ANÁLISE dos mesmos para propor, na seqüência, ATIVIDADES DIRIGIDAS adequadas para o estímulo do DESENVOLVIMENTO integral das crianças e de APRENDIZAGENS específicas.*

*Esta era uma preocupação e proposta inicial quanto à postura e atitude do educador como um observador de fatos e situações concretas, palpáveis, com as quais ele convive no seu cotidiano.*

*Continuo afirmando a necessidade premente desta postura do educador para compreender e conhecer melhor as crianças com quem ele trabalha: suas necessidades, seus interesses, suas habilidades, suas dificuldades, suas emoções, seus desejos.*

*Mas neste momento acredito na necessidade de ir além da observação e registro dos fatos concretos, exteriores, para adentrarmos em uma leitura e compreensão mais profundas da criança e do seu mundo. Para tal, gostaria de avançar do conceito de OBSERVAR para o conceito de OLHAR. Ainda, gostaria de caminhar da idéia de "observar acontecimentos" para a idéia de "olhar imagens". Ultrapassar a idéia de fazer uma leitura "analítica" para a idéia de fazer leituras "simbólicas e analógicas".*

Estarei me referindo ao OLHAR, não somente no sentido estrito (olhar com os olhos), mas no sentido de OLHAR com a inteireza, a presença, os OLHOS, os OUVIDOS, o coração.

Dennis Klocek, educador, cientista e pesquisador, distingue três estágios do olhar:

- olhar fixo -> terra - o olhar se fixa no detalhe: vejo aquilo que vejo até alguém me mostrar que existe outra verdade. A imagem está fria. É o estágio de formação de uma imagem. O mundo se reduz a pedacinhos. Observamos e registramos exatamente o que vemos;

- olhar fluído -> água - o olhar parte para novos detalhes, criando seqüências no tempo: há uma participação de quem olha no "tornar-se" do objeto ou da pessoa olhada. A imagem está quente. É o estágio da conexão com outra imagem. Há possibilidade de viver no fluir das leis da natureza: exercer a liberdade de fazer as ligações que cada um quiser. Formamos uma imagem interior do que vemos em uma seqüência determinada. Ver através, para ver o ser, a essência. Tem a ver com as percepções pessoais. A arte é um dos caminhos mais interessantes para trabalhar este olhar;

- olhar aberto -> ar - envolve as seqüências ao contrário: olhar retrospectivo que dá um sentimento de evidência. Ficamos em um lugar de não conhecimento: tornamo-nos humanos, piedosos, abertos. Estágio de dissolução da imagem. É um nível elevado de percepção. Sacrificamos o que sabemos. Pensando para trás nos aproximamos do arquétipo: recebemos, não uma resposta, mas uma pergunta. Importância de chegar no

silêncio. O objeto fala para o nosso olhar. O sentimento pode estar no presente, no passado e no futuro. É a transformação do objeto em figura com movimento e vida. Meditação: sentar-se no silêncio. Este silêncio que fica quando a imagem desaparece é muito profundo. Existe uma linguagem pela qual a alma fala, canta, toca. Toda forma tem atrás de si um movimento sonoro.

Poderíamos sintetizar este processo da seguinte forma:

Consciência fixa -> Seqüência de movimentos -> Imagem interna da seqüência de movimentos para frente -> Imagem interna para trás com movimentos do próprio corpo -> Silêncio -> Intuição

"Olhar" tem a ver com ATENÇÃO e com todos os sentidos. Para a educação da alma esta diferença é muito importante. Nesta forma de olhar não há uma verdade porque a sensação é uma maneira de tornar-se.

O materialismo reduz o mundo a pequenas idéias que conseguimos captar através da experiência: a visão torna-se restrita e perde-se a visão mais ampla e profunda do mundo. O ser humano tem o potencial de reverter essa situação desencantando os sentidos, ou seja, transformando-os lentamente.

"Observar" tem um significado oculto: observar -> servir, servir objetivamente, servir o objeto, servir o objeto objetivamente. Se quiser servir o objeto com minha visão, tenho que fazer uma coisa especial: "compreender" (understand = ficar agachado, é um outro tipo de servir, fico embaixo daquilo que gostaria de servir).

Observar para compreender - preciso ficar embaixo daquilo que quero compreender objetivamente. A chave é me entregar àquilo que quero observar. O ser humano tem diferentes potenciais de compreender, de consciência.

As crianças naturalmente desejam entregar-se aos adultos. Estes têm mais resistência à entrega. Aqui reside a importância da flexibilidade na educação. Nas crianças pequenas é possível manter as imagens vivas trabalhando o símbolo. Este tem uma qualidade de ser. Uma simples imagem pode ser abstrata ou tomar vida: entrar na imagem, colocar-se no lugar. Para tal é importante aprender a linguagem dos gestos. Esta é a essência da educação: cada conceito que trazemos para a criança deve ter por trás um gesto. Se consigo trazer à vida este gesto interno ele poderá ser compreendido, mesmo que sem palavras. Tornando-nos as imagens desvendamos os segredos por trás delas. A criança presta atenção ao gesto que é o grande poder por trás do símbolo.

TERRA - percebo um detalhe. O resto desaparece. O significado não está na palavra, mas na imagem interior que a palavra cria em nós. O segredo dessa linguagem é ser capaz de mover-se da terra para a água.

ÁGUA - preciso dissolver o significado específico do texto para atingir o significado da imagem. Quando ensino uma criança a tocar um instrumento musical, por exemplo, ensino primeiro a técnica para que depois ela

o deixe fluir. Viver na repetição do detalhe é o gesto: a criança olha para uma nuvem e vê um leão, por exemplo. Toda figura tem dentro dela a linha do gesto: se você capta a figura, ela começa a dizer coisas para você.

AR - pego o gesto e tento senti-lo interiormente. Ao captar a linha do gesto de uma imagem, esta começa a falar para você. O gesto é a essência e pode expressar meu significado. Há um movimento do conhecido para o desconhecido.

FOGO - está presente sempre que há uma transformação de um elemento para outro. O fogo é o grande transformador.

A grande tragédia do ser humano é "matar" o movimento essencial. Porque? Porque vemos as coisas (olhar fixo), mas não o movimento delas (olhar fluido e aberto).

A grande oportunidade do ser humano é desencantar aquilo que matamos. Como? Pensando em imagens. Há uma força contrária que é a da poluição das imagens externas que esgotam as imagens internas. O segredo está na ARTE, nos SONHOS, nas BRINCADEIRAS, na MÚSICA, no MOVIMENTO, capazes de CRIAR IMAGENS internas.

### 3. LINGUAGENS SIMBÓLICAS

*No âmbito educacional, especificamente quando se fala da infância, inúmeros pesquisadores, educadores, psicólogos, biólogos e médicos têm se debruçado para pesquisar o desenvolvimento do ser humano, como se processa o conhecimento sob diversas teorias, grande parte das quais argumentado cientificamente, fruto de estudos, pesquisas e teses ao redor do mundo.*

*Nesta obra estou propondo uma ótica diferenciada, a do simbolismo, para ampliar e aprofundar a compreensão e leitura do ser humano, especificamente da infância.*

*Na primeira parte trago a minha proposta prática de uma forma de olhar mais aprofundado para o universo infantil. Não se trata de um método, mas de um caminho possível.*

*A segunda parte foi elaborada especialmente para o leitor que tiver interesse em conhecer diversas abordagens teóricas sobre o simbolismo e que poderão enriquecer seu estudo com os conceitos apresentados. O levantamento realizado é fruto de uma extensa pesquisa com o intuito de propor uma síntese reflexiva e mostrar diferentes âmbitos nos quais os símbolos têm sido estudados. Não é um estudo exaustivo, porém é introdutório e, ao meu ver, essencial à temática do simbolismo na infância.*

#### Como entendo o Universo simbólico da criança

Apresento, a seguir, a minha concepção do que compreendo como SÍMBOLO, IMAGEM e LINGUAGENS SIMBÓLICAS, conceitos que me parecem básicos para a reflexão do universo simbólico infantil.

Compreendo o **SÍMBOLO** como uma das possibilidades de significação oculta de uma expressão, da representação de uma idéia, de um conceito, de um ser, de uma emoção ou de um objeto. Esta representação pode adquirir formas concretas ou abstratas. Dentro das formas concretas, por exemplo, uma pintura, uma obra de arte, um texto, uma poesia. Dentre as formas abstratas, o símbolo pode ser representado através de um movimento, uma expressão corporal ou gestual, uma brincadeira, um sonho, um relato de imaginação ativa. Essas representações, tanto as concretas quanto as abstratas surgem sob a forma de **IMAGENS** externas ou internas. As imagens internas são aquelas que provém do interior da criança e que tomarão forma de imagens externas quando expressas através da arte, do movimento, do gesto, da brincadeira, da palavra, da escrita, etc.

**AS LINGUAGENS SIMBÓLICAS** - Antes de defini-las torna-se necessário especificar o que compreendo por linguagem: é um meio através do qual os seres humanos se comunicam, ou tentam se comunicar, se expressam. A linguagem mais direta é a palavra, a linguagem verbal. Mas nem sempre a mais autêntica, a mais verdadeira ou a mais expressiva das nossas profundezas, da nossa sacralidade.

Existem outras linguagens, as simbólicas, linguagens não verbais com as quais viemos a este mundo, permeadas de símbolos. Não são diretamente compreensíveis ou transparentes. Nos convidam a olhar através delas, além delas. Essas linguagens apresentam-se via imagens e através delas podemos entrar no mundo do ser humano com profundidade. Dentre elas podemos citar a linguagem dos sons, a do toque, a da fala e da escrita, a dos cheiros, a dos sabores, a da arte, a do brincar, a dos gestos, a dos sonhos.

## A. O QUE A CRIANÇA DIZ QUANDO "NÃO DIZ?"

*A intenção do presente capítulo é, não a de demonstrar "cientificamente" que a criança está "falando" quando brinca, se movimenta, pinta, chora, etc, mesmo que sem palavras; a intenção é a de mostrar, partilhar a idéia de que existe um universo de possibilidades a ser desvendado que irá revelar muito mais daquilo que conhecemos do mundo da criança.*

*A proposta da entrada na série de imagens, textos e comentários apresentados a seguir, convidam a "perceber" e a "evocar" internamente, a partir das próprias lembranças de infância, e interagir com imagens visuais e poéticas, mais do que a "compreender" a partir da mente racional.*

*"Uma infância potencial habita em nós". - Bachelard*

No decorrer do século XX têm sido feitas leituras da criança e do jovem a partir de parâmetros e teorias que têm servido para compreender como se dão os processos de desenvolvimento e de aprendizagem. Devemos continuar utilizando uma única lente ou usar várias para conseguir enxergar o ser humano inteiro sob olhares cognitivos, corporais, emocionais, anímicos, sociais, morais? Essas diversas lentes são, sem dúvida, extremamente importantes de serem experimentadas como base para a compreensão do ser humano. Porém, temos nos distanciado mais ainda daqueles que pretendemos melhor compreender: chegamos na criança com verdades que vestimos como uniforme, ingênuos para a possibilidade de "ouvir, olhar, observar e ver" o que acontece com aquela(s) criança(s) ou grupos de crianças que estão à nossa frente. Ouvir e observar, ou melhor, ouvir e olhar (e talvez até ver), já seria um grande passo para nos desvencilharmos de verdades preconcebidas e podermos ter, nós educadores, a coragem de criar um referencial específico do grupo que acompanhamos no dia a dia. Ao franquear esta porta, iremos nos deparar com um universo repleto de tesouros que irá nos revelar linguagens pouco conhecidas por nós: as linguagens simbólicas. Como já colocado, com outros termos no capítulo precedente, considero serem aquelas linguagens não evidentes, não verbais que aparecem a partir de imagens no brincar, na arte, nos gestos e nas expressões corporais, na expressão musical, nos sonhos e em outras tantas representações. Aprender a olhar para essas imagens registrá-las junto com nossas impressões e percepções, partilhá-las e tentar, através delas, chegar na essência da criança e do jovem, é o desafio que proponho para um trabalho mais autêntico e profundo em prol de uma infância mais significativa, compreendida e respeitada.

*"... a imagem prevalece acima de tudo. A experiência vem depois".- Bachelard.*

Quais são as linguagens do ser humano?

As cem linguagens da criança

*Ao contrário, as cem existem*

*A criança*

*É feita de cem.*

*A criança tem*

*Cem mãos*

*Cem pensamentos*

*Cem modos de pensar*

*De jogar e de falar.*

*Cem sempre cem*

*Modos de escutar*

*As maravilhas de amar.*

*Cem alegrias*

*Para cantar e compreender.*

*Cem mundos*

*Para descobrir.*

*Cem mundos*

*Para inventar.*

*Cem mundos*

*Para sonhar.*

*A criança tem*

*Cem linguagens*

*(e depois cem cem cem)*

*mas roubaram-lhe noventa e nove.*

*A escola e a cultura*

*Lhe separam a cabeça do corpo.*

*Dizem-lhe:*

*De descobrir o mundo que já existe*

*E de cem*

*Roubaram-lhe noventa e nove.*

*Dizem-lhe:*

*Que o jogo e o trabalho*

*A realidade e a fantasia*

*A ciência e a imaginação*

*O céu e a terra*

*A razão e o sonho*

*São coisas*

*Que não estão juntas.*

*Dizem-lhe:*

*Que as cem não existem*

*A criança diz:*

*Ao contrário, as cem existem*

*LORIS MALAGUZZI*

*Proponho a seguir um exercício do olhar para entrarmos neste universo misterioso e fascinante das linguagens simbólicas. Para tal vamos nos apropriar de algumas linguagens:*

- a verbal utilizada aqui de forma consciente, da melhor forma possível;*
- a linguagem da arte: a escolha de imagens de crianças representadas por artistas de várias épocas e países tem como origem a idéia de que o dom desses artistas foi o de captar, através dos seus olhares, das suas observações, das suas conexões e sensibilidades profundas, sentimentos, estados, reações de crianças de qualquer época. Tanto as de fora quanto as de dentro. Os artistas têm muito a nos ensinar a nós educadores. Principalmente levar-nos a perceber que educar também é uma arte.*
- você poderá utilizar a linguagem da música, se assim o desejar, como ambientação para o exercício;*
- outras linguagens podem aparecer sem nossa consciência ou controle, sobretudo a gestual e a corporal.*

Resgatando nossas imagens de infância pessoais:

*Quero convidar você, ao mesmo tempo em que apreciamos e refletimos juntos sobre imagens comuns, a fazer uma viagem interior a partir do que cada uma das pinturas apresentadas evoca em você. Registre por escrito o primeiro insight que surgir ao apreciar cada uma das imagens selecionadas. Na seqüência de algumas imagens aparecem reflexões a respeito do insight que elas evocaram em mim pessoalmente, que não precisam necessariamente coincidir com sua evocação pessoal. Ainda mais, as suas percepções junto com as minhas irão enriquecer estas leituras.*

*Neste segmento farei uma exposição de diferentes linguagens simbólicas da criança.*

#### Apresentação de imagens - leitura e manifestações simbólicas

*"Ler é produzir sentido" - Miriam Celeste Martins*

Existe uma interioridade na criança que se apresenta como um espaço misterioso, imaginário, invisível, escondido, no qual moram segredos, lembranças ou até infortúnios. É desde a interioridade que os impulsos, desejos, tensões, necessidades e planos podem surgir de forma espontânea na criança: anunciam-se desde uma obscura profundidade. Tais experiências parecem, por vezes, ocultas e, em outros momentos, perceptíveis. O espaço interno da criança, capaz de habitar seu corpo e guardar alguma coisa, nem sempre é acessível ao adulto.



## **O INVISÍVEL**

Amigos invisíveis.

Muitas crianças têm amigos invisíveis com os quais falam, brincam, sonham, convivem, dão nome e criam um universo que, para nós adultos, é realmente impenetrável. A criança vivencia no seu cotidiano consciente essas fantasias que revelam muito do seu ser, das suas emoções, das suas vivências. Muitas vezes, confundindo-se tais diálogos com um jogo de fantasia ou de faz-de-conta, o adulto pode se ver espelhado, imitado, reconhecido ou desconhecido.



## SONHOS

*"Mãe, isto é sonho ou realidade?" - N.J. (cinco anos).*

A criança sonha e lembra dos sonhos quase que diariamente se a estimularmos: a cada manhã, assim que acorda e pode relatá-los, é bem possível que lembre com exatidão de detalhes da vivência noturna. Porém, esta é tão real para a criança que muitas vezes ela não distingue sonho de realidade. Assim como também ela "sonha acordada", o que Bachelard chama de "devaneio".

Roberto Gambini, psicoterapeuta junguiano, realizou uma pesquisa extremamente interessante sobre os sonhos infantis, junto a crianças de uma escola da cidade de São Paulo, envolvendo também professores e educadores. Uma das

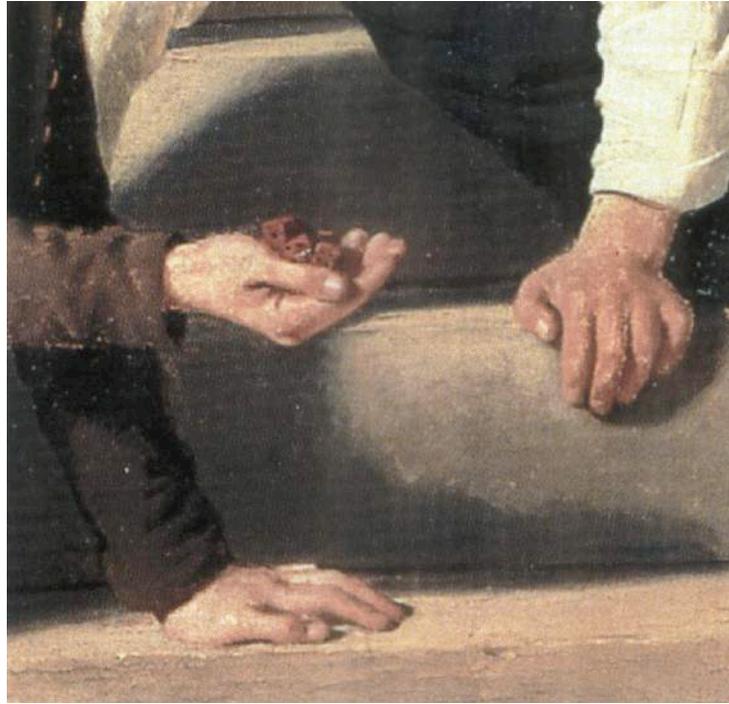
questões mais importantes trazidas à tona é a do imenso repertório que o inconsciente pode aportar à vida consciente do cotidiano dessas crianças e educadores. Como, conhecendo este repertório é possível entrar em um universo, até o presente, absolutamente ignorado pelos educadores? Universo este, como uma riqueza temática, possível de, não somente vir a enriquecer os conteúdos curriculares, mas, na minha visão pessoal, de vir a conhecer mais profundamente a essência dessas crianças: seus desejos, medos, interesses, necessidades, conflitos.

*"O silêncio é o meio de comunicar qualquer coisa sem nada dizer" - Marc de Smedt*



### **MEDOS**

Medo de escuro, de monstro, de fantasma, de ladrão. Medo de ficar só.  
Medos de criança que se arrastam ao longo das nossas vidas.



## GESTOS

*"A linguagem dos olhos é a moldura das coisas que não dizemos" -  
Malcolm de Chazal*

*"Os gestos, as tentativas, os desenhos, as linhas melódicas, os movimentos rítmicos, corporais da criança pequena podem parecer atos isolados, desprovidos de continuidade. Ela, contudo, está em atitude de pesquisa, perseguindo idéias, repetindo-as muitas vezes, num jogo de exercício, porque está exercitando sua ação/pensamento" - Miriam Celeste Martins.*

*"O ser humano acontece pelo gesto, experiência de liberdade posicionada entre o ser e o não ser" - Gilberto Safra*



Os primeiros passos - à conquista do mundo



### **MANIFESTAÇÕES CORPORAIS**

O corpo fala - à procura da liberdade.

As doenças podem ser lidas como sinais de feridas da alma, podem ser vistas como oportunidades de transformação.



Acidentes - o corpo e a vida pedindo uma parada e reaprender uma nova forma de "caminhar" pela vida.

Obesidade - proteção de invasão, da inserção nas camadas mais profundas e sensíveis do nosso ser.

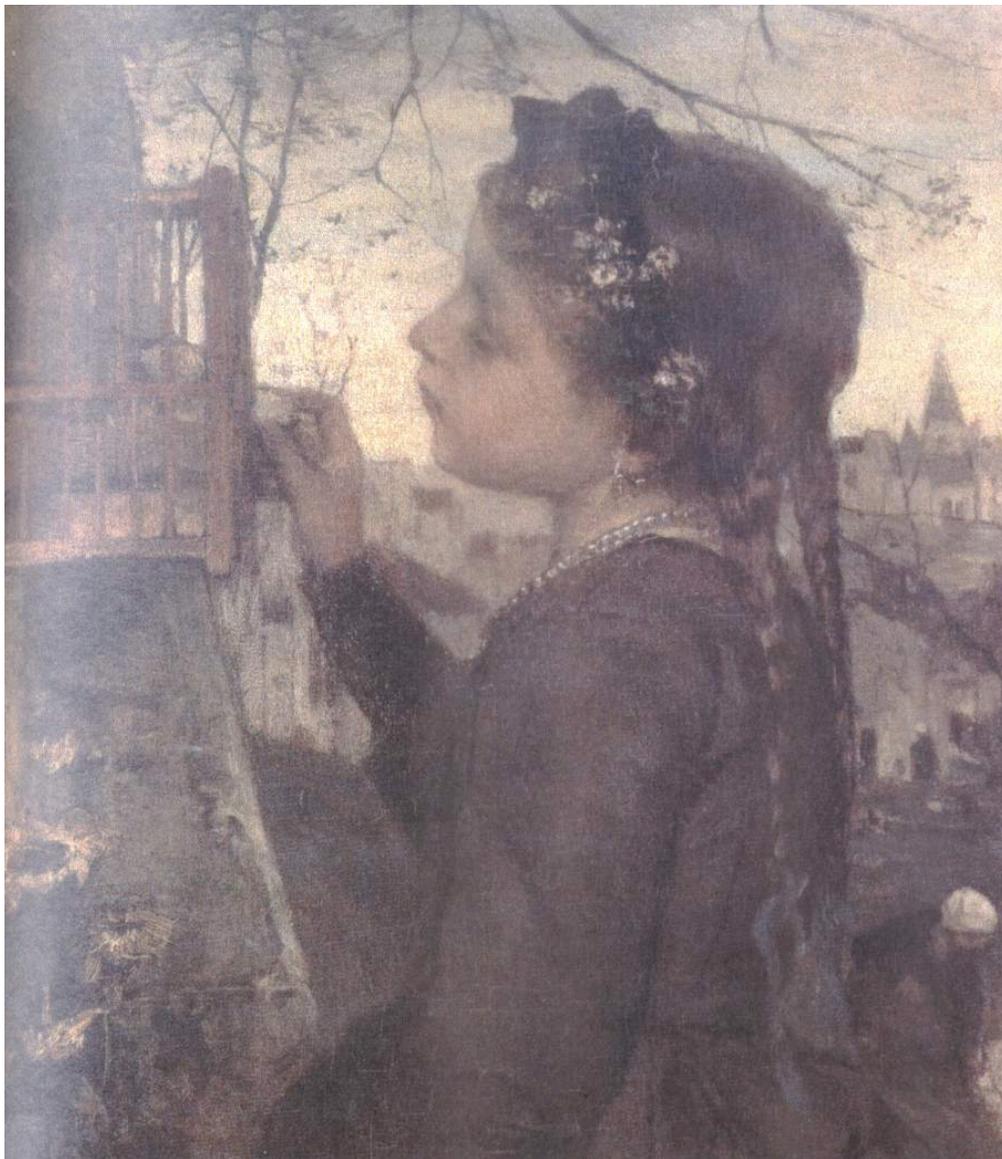
*"Os corpos dizem as coisas melhor e mais francamente" - Bouvard*

Se o terapeuta tenta reencontrar em cada ser a vida, a sabedoria natural do seu corpo e do seu potencial de criação, porque o educador não poderia (e deveria) agir preventivamente e estimular então este (auto) conhecimento da linguagem e mensagens corporais e do potencial criativo que existe dentro de cada um?

**O CORPO NO BRINCAR: MOVIMENTO, DANÇA, ESPORTE, EXPRESSÃO CORPORAL.**

No ato de brincar, assim como no ato de dançar, há movimento, entrega, expressão. Assim como na dança, no brincar podemos atingir uma elevação do nosso espírito através do nosso corpo. Qualquer outro movimento ou esporte que nos leve a

tomar consciência das nossas habilidades e limites físicos, estará contribuindo para a expressão do nosso ser, além de todos os benefícios para a nossa saúde física e mental.



Cuidado com bichos, plantas



### Choro

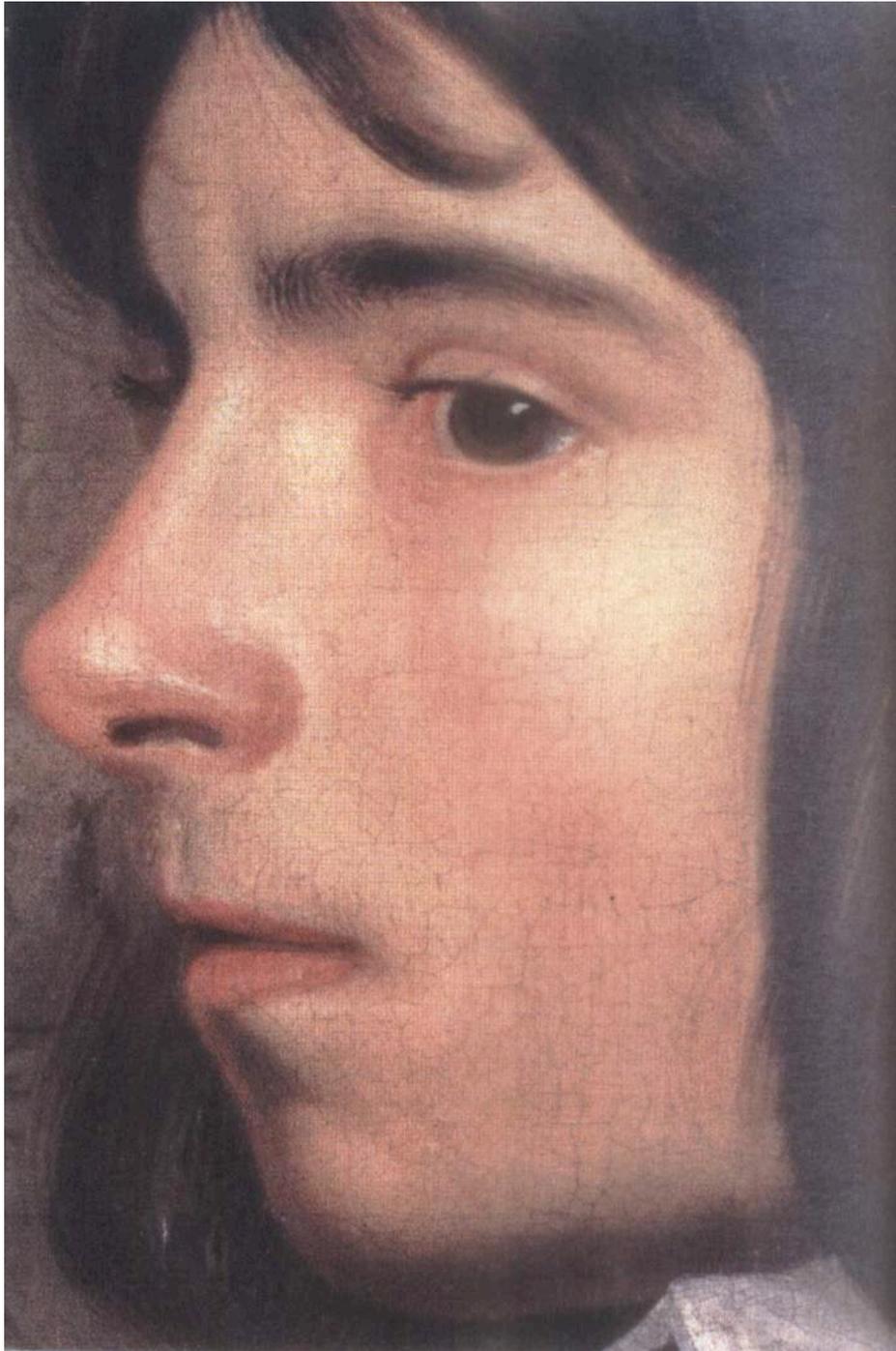
O choro é, talvez, o símbolo mais evidente de tristeza, desamparo, carência, emoção, felicidade e até desabafo ao qual temos acesso e familiaridade. Porém, nossa primeira reação é querer consolar a criança e fazer o possível para que ela pare de chorar quando é, muitas das vezes, tão necessário esse choro para "colocar para fora", expressar seu estado, seus sentimentos, suas reações.



### Agressividade

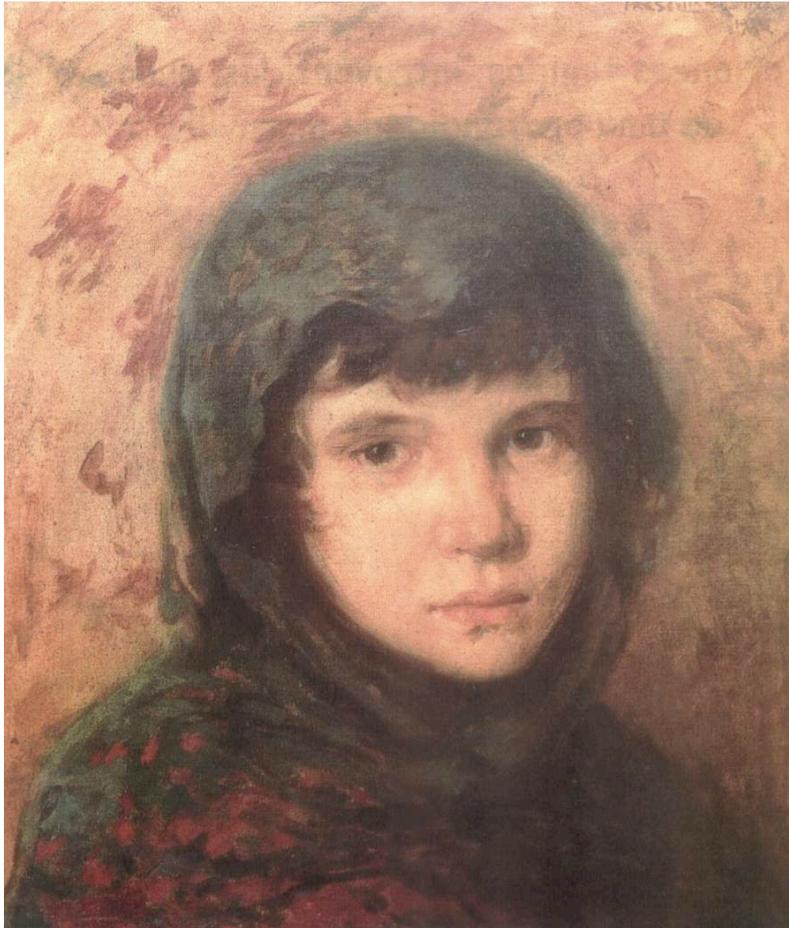
Cada vez mais esta manifestação está presente na vida das nossas crianças. Imitação, desabafo, forma de chamar a atenção dizendo-nos: "olha, eu existo, preciso de você!?"

A criança está agressiva ou é taxada, rotulada como agressiva e, muitas vezes, estigmatizada para toda a sua infância/adolescência. Muitas vezes desprezada e menosprezada, sua auto-estima sofre profundas feridas. Não seria possível encontrarmos canais, vias, motivações, atividades específicas para auxiliar esta criança a colocar essa agressividade para fora de forma mais saudável para ela e para aqueles com quem convive?



### Raiva

A raiva, em muitos casos, esconde uma profunda tristeza reprimida. Precisa ser colocada para fora para não "roer" as entranhas, não tornar nossos órgãos doentes.



### Depressão

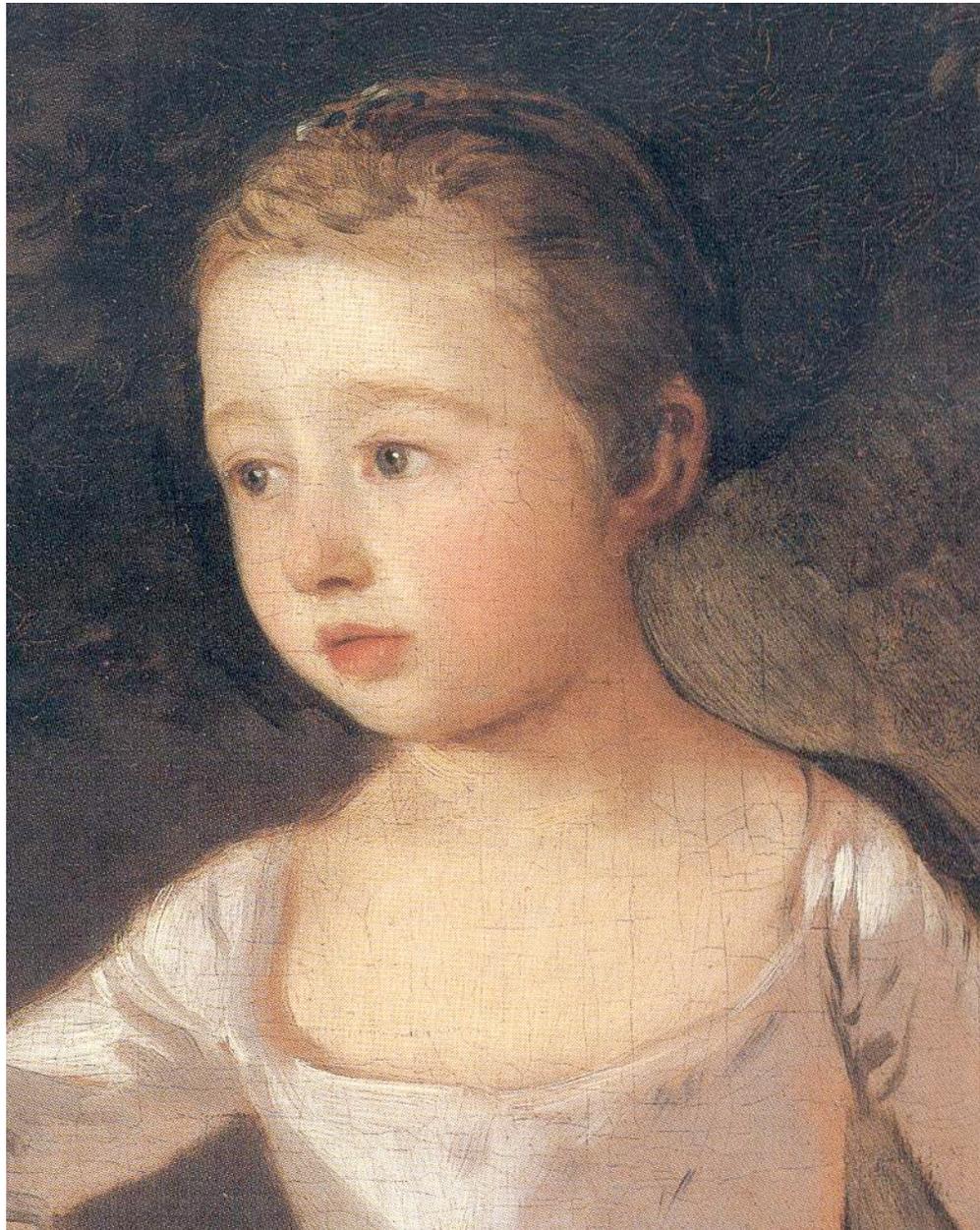
Quanto se fala hoje em dia de crianças com depressão! É assustador observar quantas dessas crianças vêm sendo medicadas com drogas extremamente fortes. A depressão que esconde profunda tristeza, desorientação, desamparo precisa ser olhada e expressa de alguma forma pela criança: escrevendo, movimentando-se, pintando, esculpindo, chorando, gritando, etc. Precisa encontrar um canal para ser colocada no mundo.

### Hiperatividade

O déficit de atenção de que tanto se fala hoje em dia é também uma das manifestações simbólicas pelas quais as crianças têm, mesmo que sem inteira consciência, chamado a atenção dos adultos. A reação e tendência tem sido medicar às crianças. Algumas abordagens vêem esses comportamentos e a hiperatividade, não somente como um distúrbio, mas como uma maior sensibilidade dessas crianças com o universo espiritual, as forças invisíveis. Muitas dessas crianças, chamadas de "crianças

índigo", apresentam uma grande sabedoria espiritual, muitas vezes não apreensível pelo adulto. O padrão utilizado para compreender essas crianças está bem além daquilo que o nosso conhecimento racional pode apreender. Estas crianças precisam ser olhadas e, principalmente, sentidas a partir de parâmetros outros que não os materialistas.

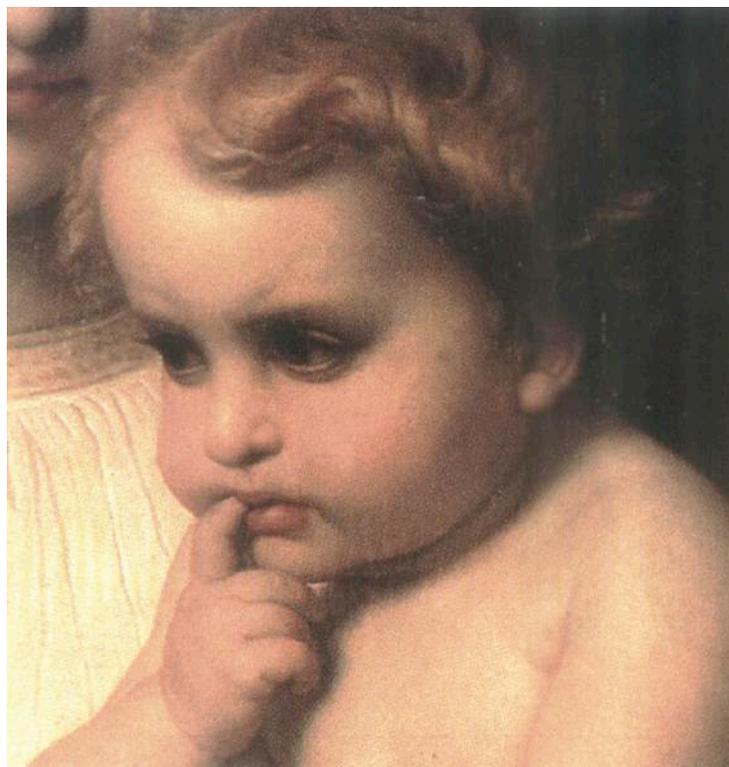
Timidez - as crianças tímidas, introvertidas, quão sofridas! Porém, de uma profundidade maravilhosa!



Ansiedade/Angústia



Frustrações



### VÍCIOS

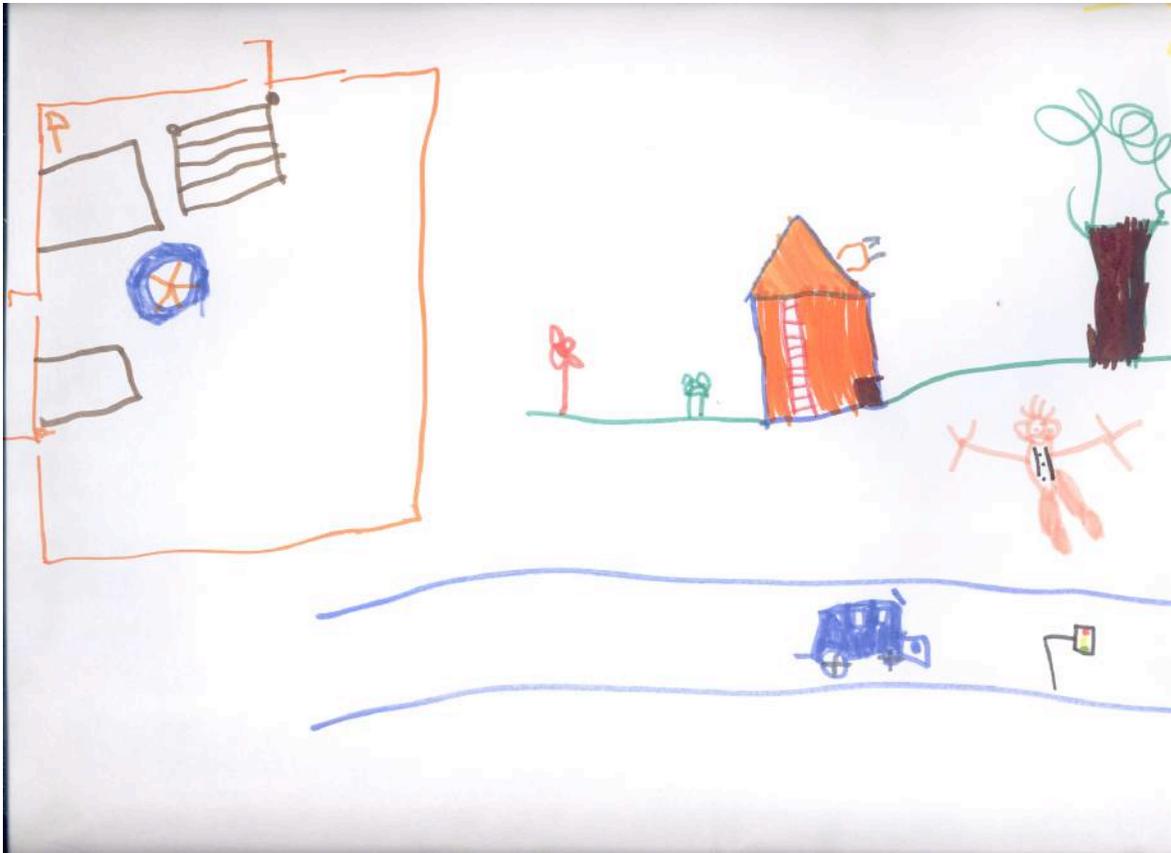
Roer unha, dedo na boca, dedo no nariz



### PRODUÇÕES Artísticas



*"O artista desvela o mundo... através de seus sentidos, intuição, imaginação, intelecto, sensações" - Miriam Celeste Martins.*



### Desenhos

"... mostre-me o que você desenha e eu lhe direi o que você é".  
Emanuel F. Hammer



N. J. - 5 anos.

Modelagem - O que a criança vê, o que sente, o que compreende, toma forma através das suas mãos.



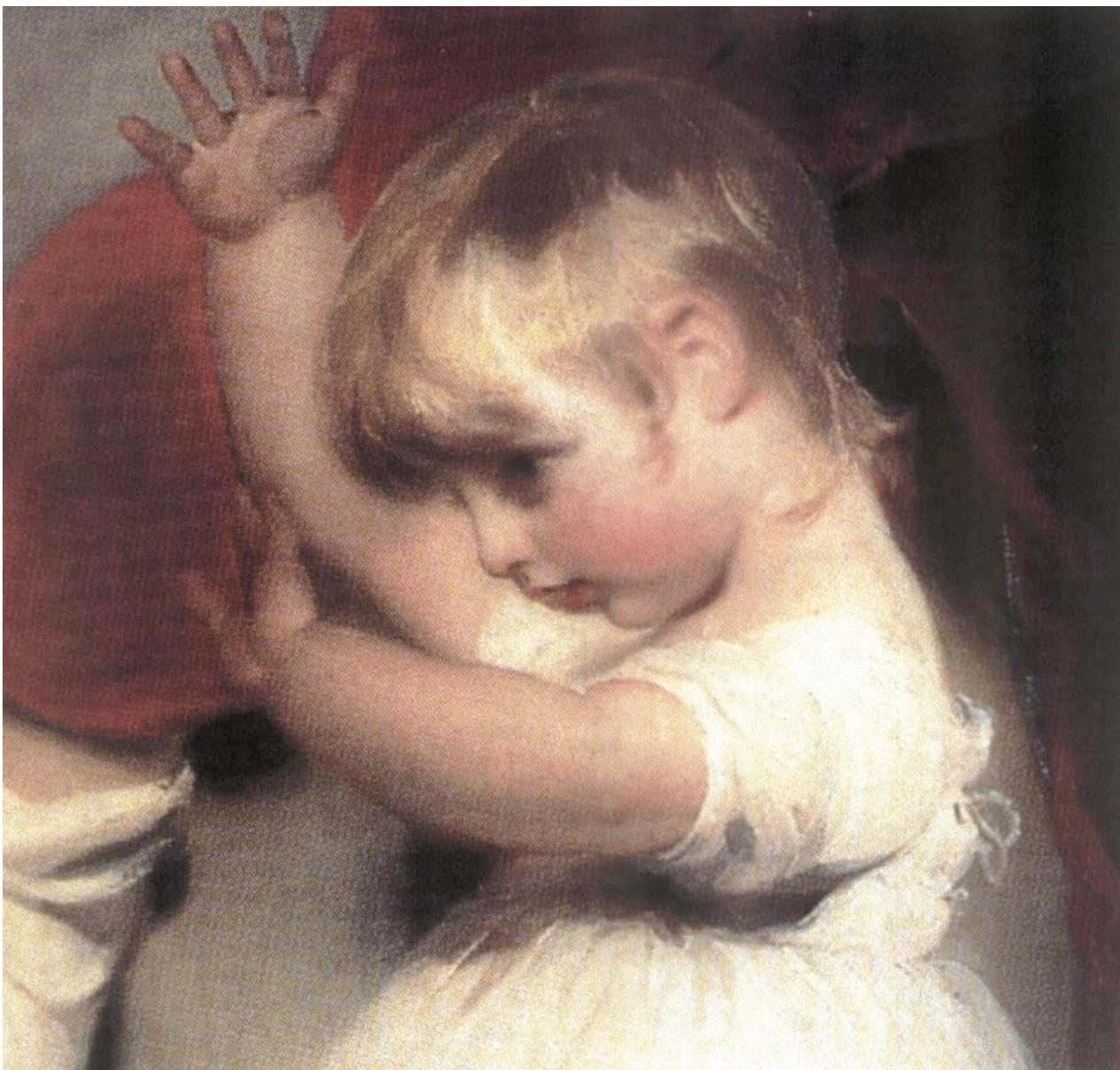
## TEATRO

O teatro, também conhecido como jogo de papéis, constitui-se no maior jogo de faz-de-conta, no qual os atores brincam de serem outros, representam, simbolizam, transformam-se, assumem personagens e expressam suas verdades e suas dúvidas.



**MÚSICAS**  
Instrumentos





### Canções

*"A música é a arte de combinar os sons sobre uma tela de silêncio, o espelho da realidade (Marx), o texto a decifrar (Freud), o 'arquétipo sonoro' da sociedade".*

*Poderíamos comparar o educador a um músico, um intérprete para o qual existem três coisas fundamentais:*

*1 - aprender a ler, a decodificar a linguagem (musical ou qualquer outra) para captar aquilo que o compositor (a criança) quer expressar (dizer).*

*2 - Antes de ser música (a expressão) era ritmo do coração. Sem esse ritmo fundamental não existe mais nada*

*3 - Concentrar-se na beleza do som (da expressão), aprender a ouvir para criar exatamente o som que se deseja (reencontrar a expressão da voz humana, da natureza humana que Deus criou);*

Ouvir música, cantar, tocar um instrumento, são também formas de brincar: com os sons, com as palavras, com os instrumentos... A música é a expressão profunda do estado da nossa alma.



Construções - construir, desconstruir: duas faces da "mesma moeda" que escondem o mistério do vir a ser.



### Produções escritas

Escrever é uma forma de expressão, um desafio no ato de juntar palavras para colocar sentimentos e pensamentos em forma de prosa, poesia.

A arte, seja ela qual for, é um canal de expressão que se utiliza de diferentes técnicas, instrumentos e materiais para trazer nossos sentimentos, nossa alma, nosso momento específico. A arte é uma forma de brincar e o brincar é uma forma de arte.



**BRINCADEIRAS, BRINQUEDOS E JOGOS**



### **O BRINCAR**

Saia para brincar agora e você vai compreender tudo o que já foi dito, escrito e pesquisado sobre o brincar...



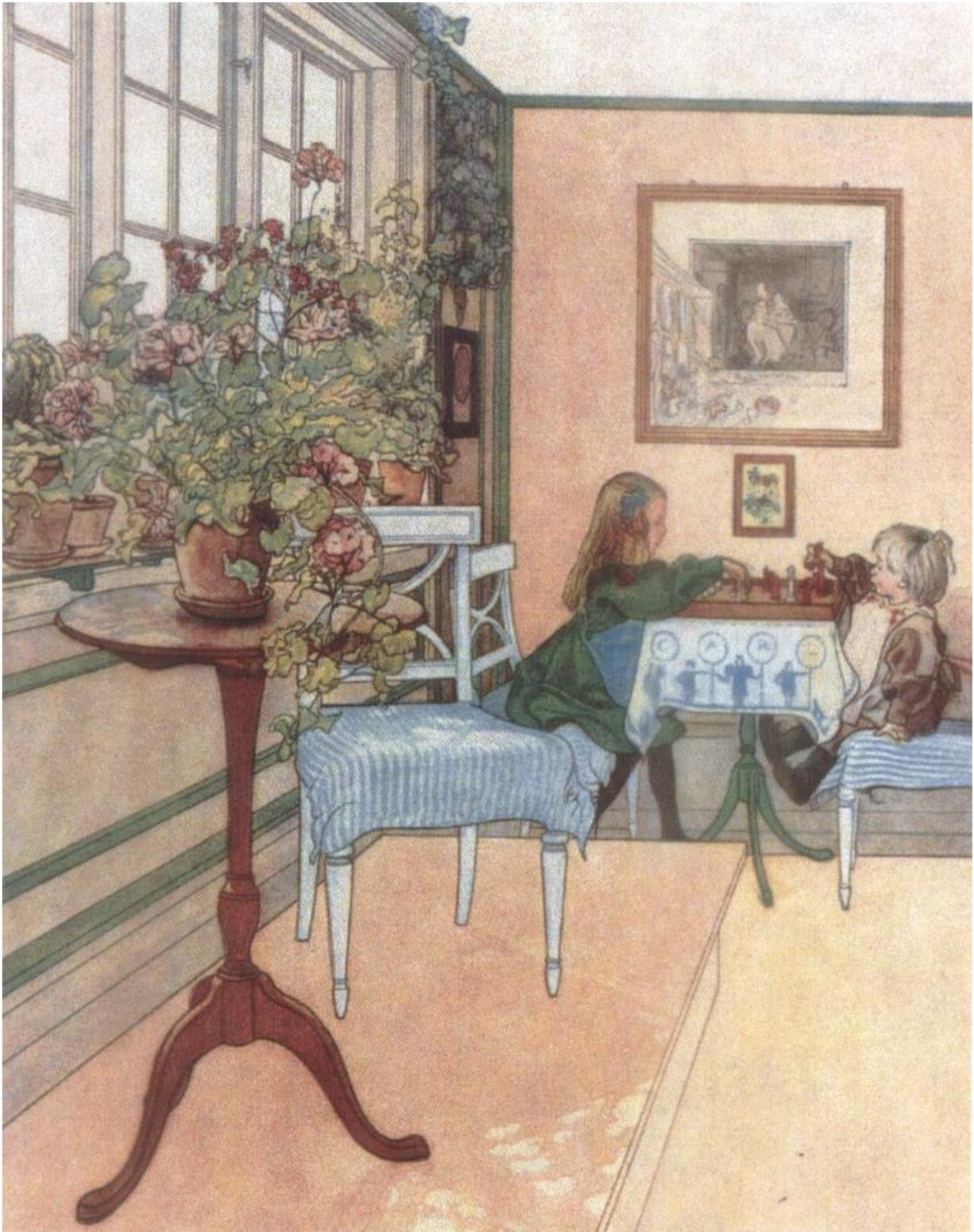
**APEGOS** com objetos - muitas vezes tão sagrados, tão simbólicos  
Mesmo que velhinhos e puídos, "ai de mim" se eles sumirem ...!



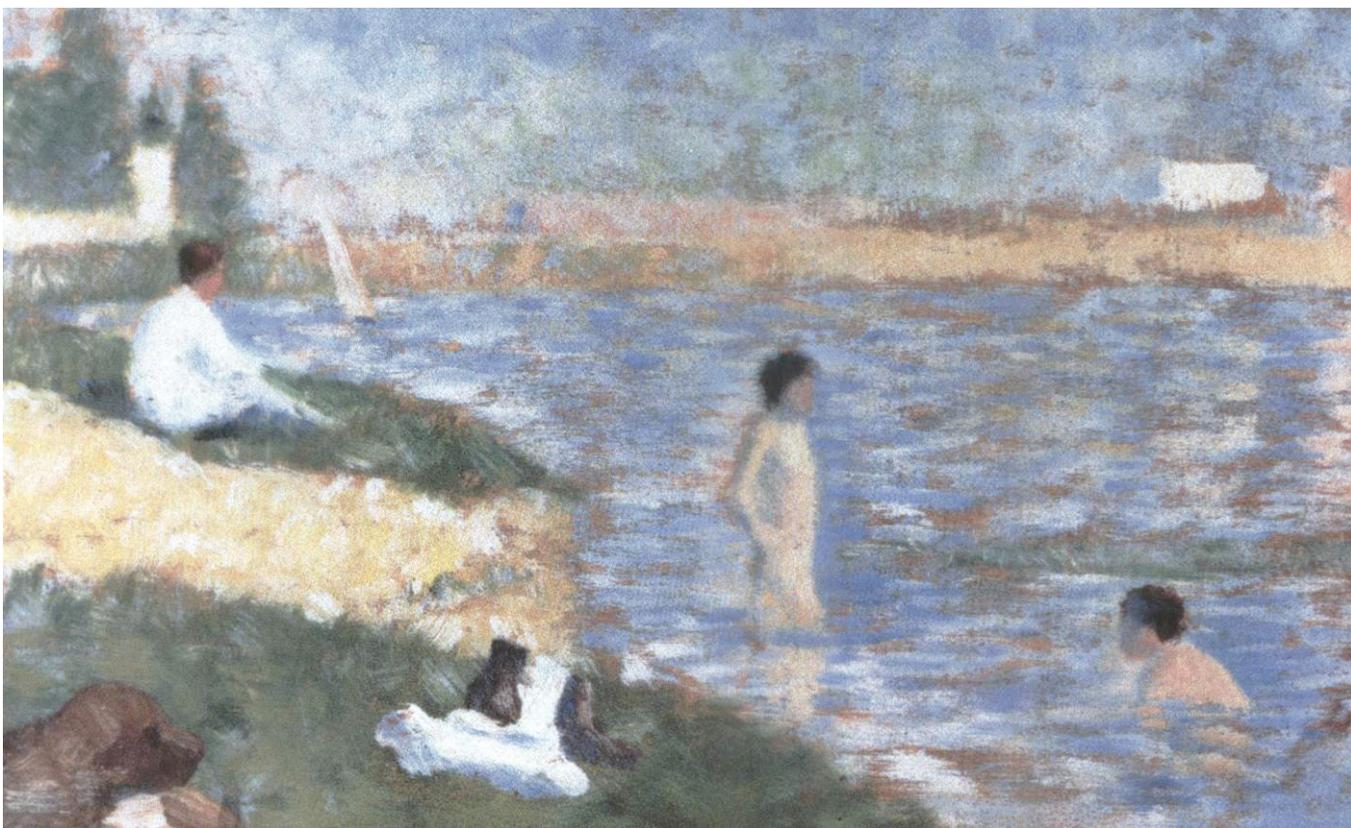
**APEGOS** com pessoas - a escola da vida, do amor, da entrega, o porto seguro, o calor, a amainar da dor.



**APEGOS** com bichos - muitas vezes os mais fiéis e os únicos que podem "compreender" nossos sentimentos, nossas feridas, nossos medos.



Cantos / lugares - Segredos! O de dormir, o de comer, o de brincar, o de se esconder. Tantos! E continuam pela vida toda na nossa casa interna.



Rituais - o banho, o café da manhã, aquela brincadeira, o preparo para o sono. Quanta segurança eles dão para a criança!



**IDENTIFICAÇÕES** com pessoas - Mãe, pai, professora, avós, heróis...  
permanecem no corpo e na alma no decorrer das nossas vidas.



IDENTIFICAÇÕES com personagens



**ESPAÇOS** internos



### ESPAÇOS externos

**O QUE É O ESPAÇO?** Extensão ideal, sem limites, que contém todas as extensões finitas e todos os corpos e objetos existentes ou possíveis. Etimologia da palavra: espaço livre, extensão, distância, intervalo; na acepção temporal espaço de tempo, duração, época.

**O QUE É O TEMPO?** Período contínuo e indefinido no qual os eventos se sucedem. Oportunidade para a realização de alguma coisa.

Existe um espaço externo: no universo, nos continentes, nos países, cidades, bairros, instituições (dentro e fora), habitações. São espaços:

- mais ou menos > delimitados
- > livres
- > organizados
- > bonitos
- > adequados

Existe um espaço interno, maior ou menor em função:

- > da educação e história pessoal de cada indivíduo;
- > dos bloqueios, tabus;
- > da flexibilidade;

- > da formação;
- > do momento de vida.

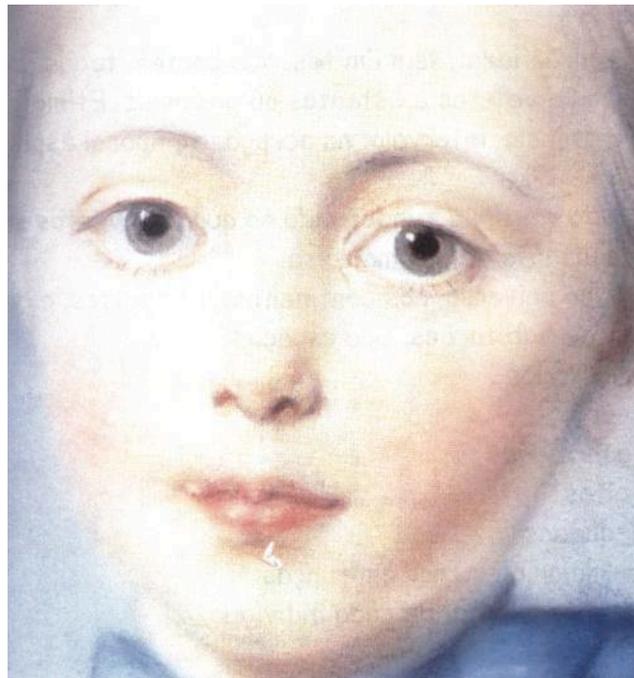
Existe um tempo externo medido

- > pela natureza, estações, climas;
- > pelo movimento dos planetas;
- > pelos calendários;
- > pelos relógios;
- > pelo sinal da escola;
- > pelo cartão de entrada e saída;
- > pelo cotidiano;
- > pela vida...

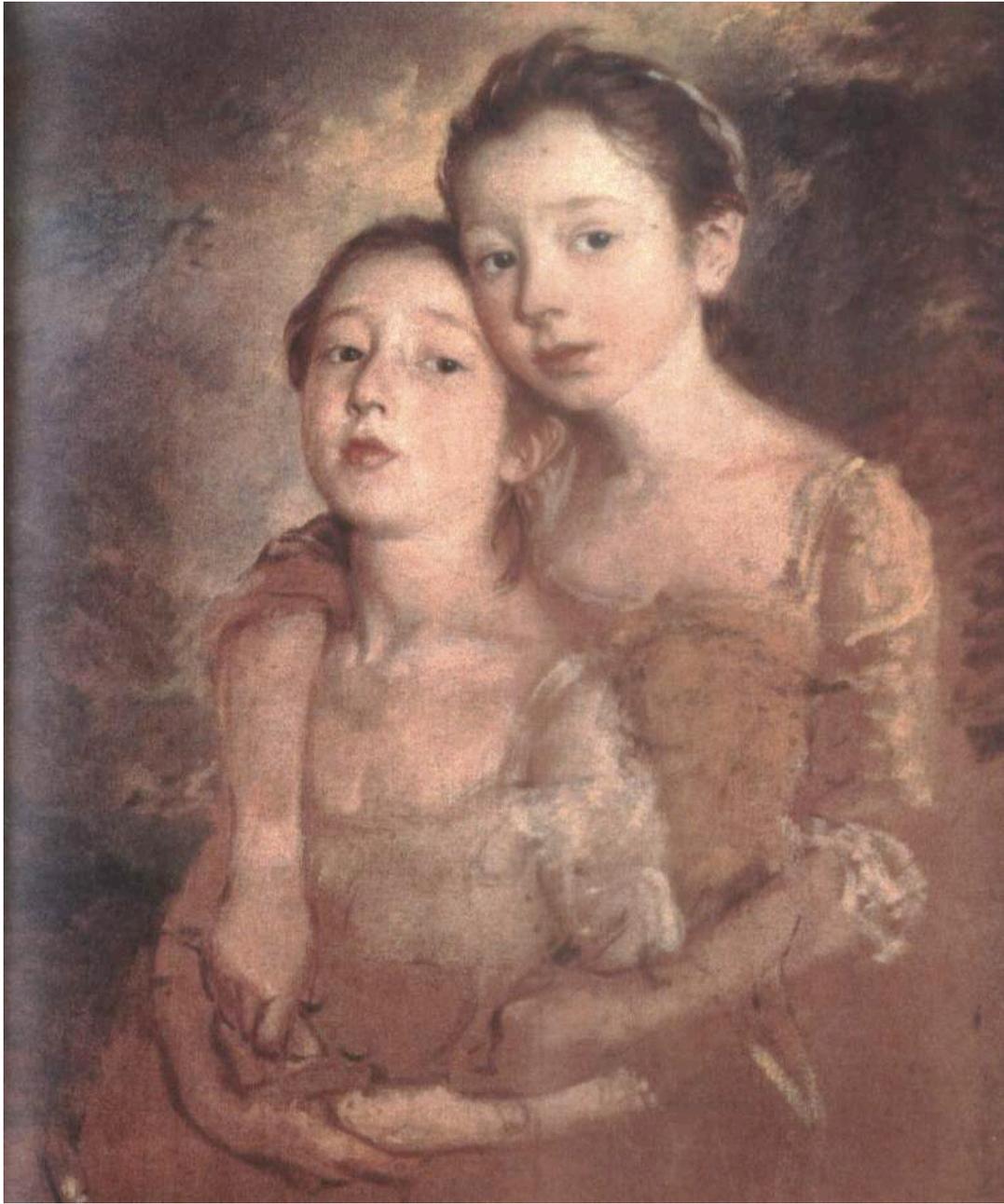
Existe um tempo interno marcado

- > pelos sinais do corpo de cada um;
- > pelas necessidades de cada um;
- > pela fase de vida;
- > por impulsos, intuições;
- > por afetos, vínculos;
- > por pressões (internas e externas);
- > por desafios...

**NÃO PODE HAVER ESPAÇO EXTERNO SE NÃO HOUVER ESPAÇO INTERNO.  
NÃO PODE HAVER TEMPO EXTERNO SE NÃO HOUVER TEMPO INTERNO.**



**DESEJOS**



**GOSTOS**



## SEGREDOS

*O que guardas aí menina?*

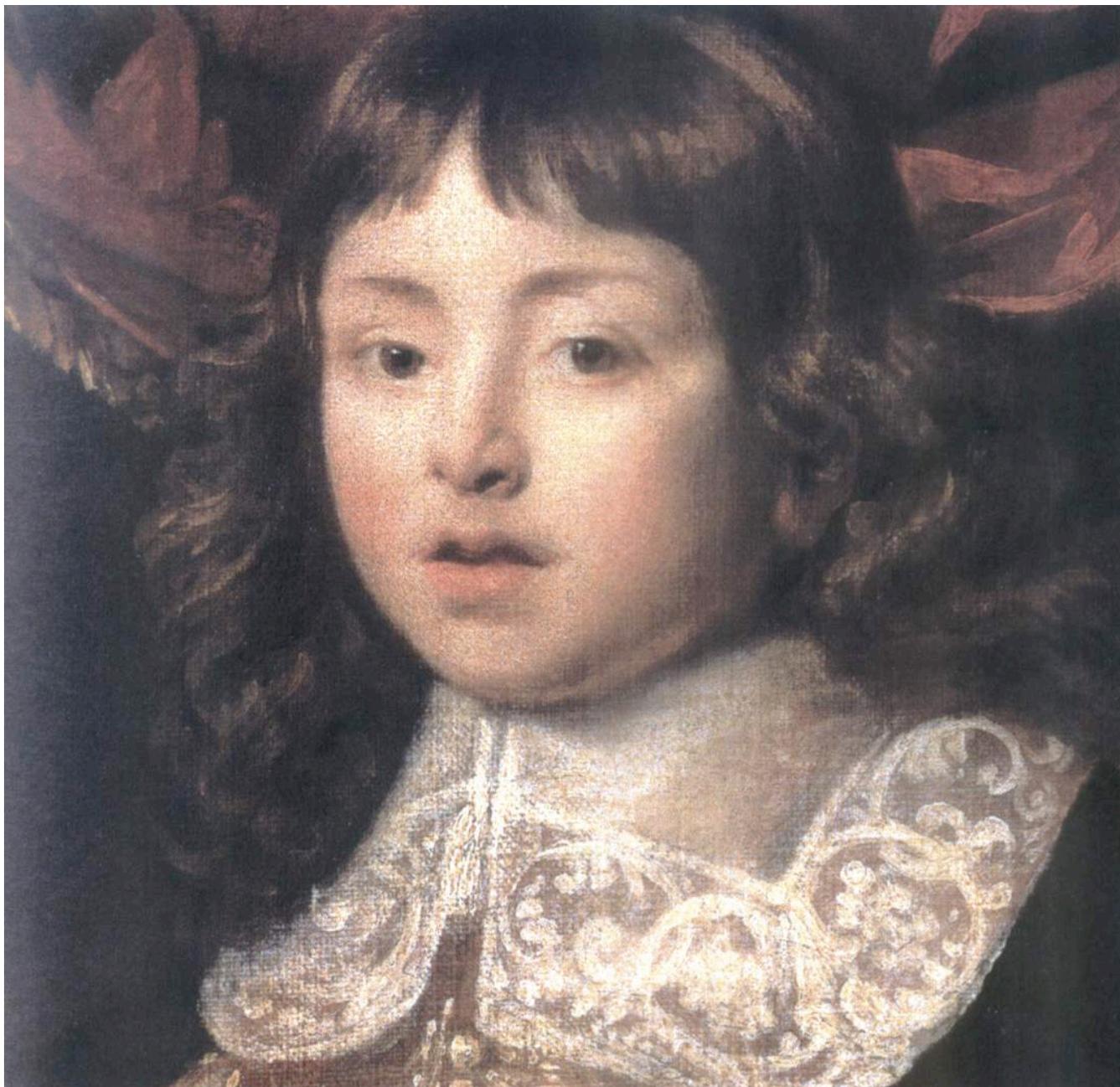
Segredo, do latim *secretus*, significa afastado, escondido, oculto.

A vida interior da criança está aberta, mas, mesmo assim, constitui um segredo para nós, adultos, por ser difícil de interpretar.

*"A experiência do segredo oferece a realidade de uma experiência da vida humana muito mais complexa: a possibilidade de um segundo mundo junto ao mundo manifesto" - George Simmel.*

O segredo pode ser descrito como expressões de: ações clandestinas, práticas sagradas, procurar um esconderijo, cobrir os olhos, disfarçar uma intenção, esconder uma decepção.

**O NÃO CONFESSADO - o segredo, a vergonha, a transgressão,  
o mistério... Para sempre, talvez.**



**SUSTOS**



**CONFLITOS**



## PAPÉIS NOS DIFERENTES GRUPOS

Com os amigos



Na família



Na escola

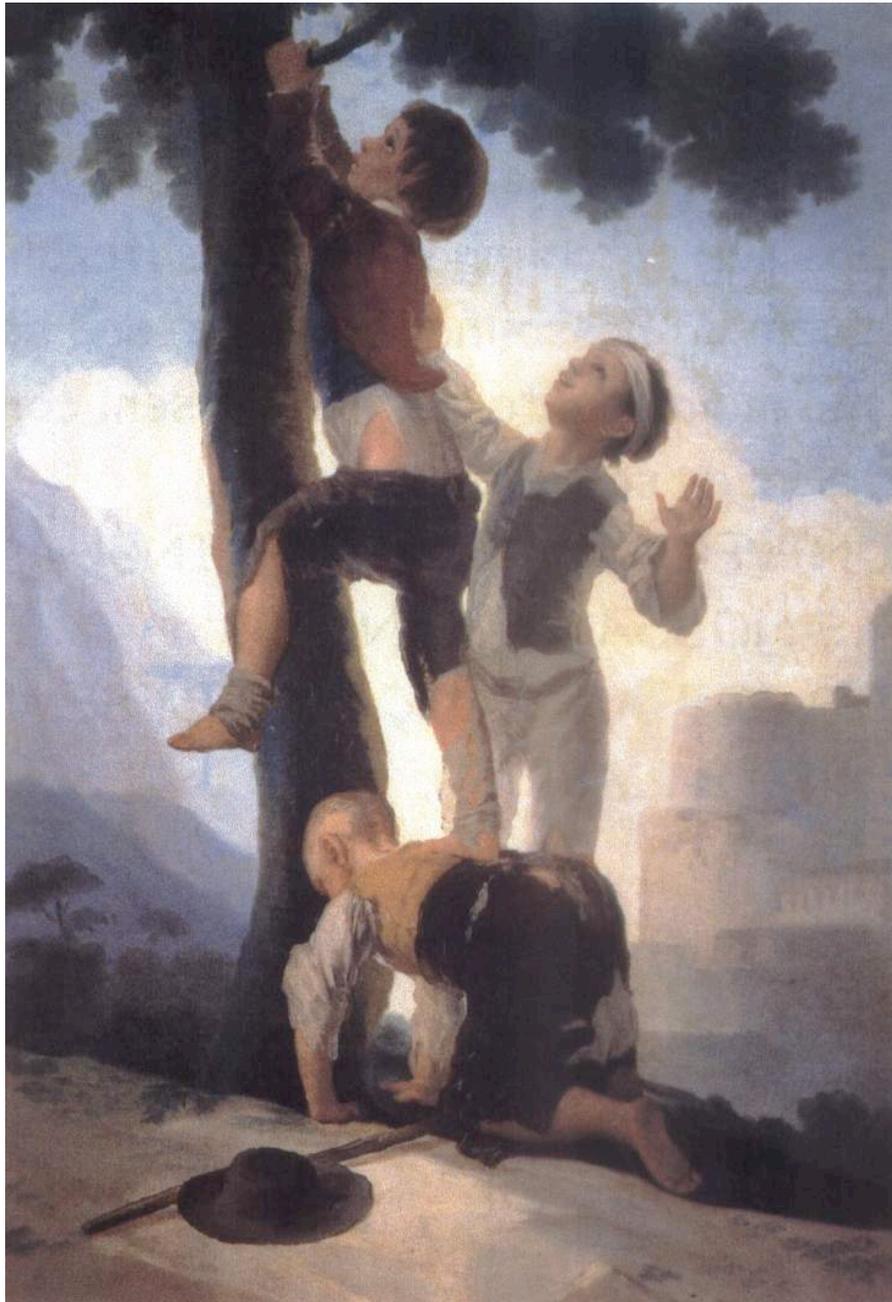


### CHEIROS, PERFUMES

*"... quem quisesse penetrar na zona da infância indeterminada, na infância a um tempo sem nomes próprios e sem história, seria sem dúvida ajudado pela volta das grandes lembranças vagas... dos odores de outrora... Nós os reencontramos fechando os olhos... para saborear-lhes a profundidade... um odor amado constitui o centro de uma intimidade... Cada cheiro de infância é uma lâmparina no quarto das lembranças".-  
Bachelard.*



**COMIDAS**



**DIFICULDADES**



**HABILIDADES/POTENCIAIS**

## PENSANDO "EM VOZ ALTA"

Estamos frente a uma realidade complexa que mora em um âmbito não consciente do educador: não lemos nas entrelinhas, não desliteralizamos; acreditamos no que vemos, não ouvimos o que vêm do nosso inconsciente, das nossas percepções, das nossas intuições. Deixamos, na maior parte das vezes, sem consciência, escapar um universo riquíssimo de pistas interiores sobre a criança.

COMO TER ACESSO A ESTE UNIVERSO OCULTO DE LINGUAGENS SIMBÓLICAS  
DAS NOSSAS CRIANÇAS?

COMO SE DÁ ESTE DIÁLOGO COM A CRIANÇA? (NEM SEMPRE ATRAVÉS DA  
PALAVRA?).



O desafio é o de aprender a observar, a olhar, a ouvir, a ver, a aguçar nossa percepção interna.

Quais seriam os caminhos?:

\* Caminho do autodesenvolvimento:

- auto-observação, resgate da nossa criança interior / procura por canais de auto-expressão;

\* Caminhos para contribuir com o desenvolvimento da criança:

- adequação de atividades;

- colocação de desafios;

- observação / olhar / ouvir / perceber;

- registros;

- avaliação contínua;

- trocas, reflexões em grupo;

- estudos / pesquisas;

- propiciar e estimular canais expressivos individuais.

### O fruto de carvalho\*



*James Hillman, psicoterapeuta americano, traz uma reflexão interessante a respeito dos sinais que aparecem ao longo da nossa vida que revelam nosso verdadeiro ser. A teoria do fruto de carvalho propõe que todos nascemos com uma imagem que nos define. Essa imagem, essa idéia é uma centelha de consciência. A teoria do fruto de carvalho afirma que cada vida é formada por sua imagem única, uma imagem que é a essência dessa vida e a chama para um destino.*

*O fruto de carvalho, além do seu significado literal botânico (1), tem ainda significados mitológicos(2) e etimológicos(3).*

*(1) É uma planta embrionária. A essência do carvalho está toda contida nela.*

*(2) O carvalho era uma árvore ancestral mágica na Europa mediterrânea, germânica e celta. Os carvalhos eram árvores pais que atraíam raios dos céus e árvores-mãe dando à luz humanos em vários mitos. A árvore em sua forma de noz traz em si também a verdade. Os frutos de carvalho são imagens da personalidade primordial. Os carvalhos são árvores-alma por serem refúgios de abelhas e abrigarem o mel, considerado em muitas culturas como néctar divino. Mas, sobretudo porque adivinhos e sacerdotisas moravam nelas ou em volta delas e podiam expressar o conhecimento e compreensão do carvalho. O carvalho era usado como oráculo. Como todas as árvores, o carvalho por seu porte, idade, beleza e solidez é especialmente sábio e seus frutos trazem toda a sua sabedoria condensada em um pequeno núcleo.*

*(3) Há muita riqueza de sentidos etimológicos da palavra - carvalho vem do alemão antigo e significa fruto, produzir; em sânscrito significa. empurrar, dirigir para, conduzir ou guiar. Em grego designa que é atirado ou cai como a noz de uma árvore, ou lançado como os dados. Etimologicamente, o carvalho tem um encanto primordial: dança com a vida, é sensível, tem também uma ação balística.*

*Há uma crença antiga que considerava o fruto de carvalho um alimento primordial. A vocação é o primeiro alimento da psique. O fruto de carvalho encerra não só a vida em potencial como também a insatisfação pelo que não foi realizado.*

*Embora o sabor do fruto de carvalho possa ser nutritivo e doce, o cerne da noz é também amargo.*

*Hillman associa a teoria do fruto de carvalho à imagem que lhe dá fundamento.*

Um objetivo essencial seria o de descobrir o fruto de carvalho, sinais que a criança aponta, lendo e percebendo:

- suas habilidades e potenciais latentes (desenvolvimento da auto-estima);
- suas dificuldades (desafio não comparativo).

\* Este texto foi originalmente publicado no livro "Dinâmicas criativas - um caminho para a transformação de grupos" da minha autoria.

*"Cada um teria a responsabilidade ética e moral consigo e com a sociedade, de encontrar e dar sentido à própria vida; ou seja, construir e viver seu próprio mito".  
... O único objetivo da vida humana seria o de ascender uma luz na escuridão do mero ser" - Carl Jung.*

*"A criança representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. É a impossibilidade de ser-de-outra-forma, equipada com todas as forças instintivas naturais, ao passo que a consciência sempre se emaranha em uma suposta possibilidade de ser-de-outra-forma. O impulso e compulsão para a auto-realização é lei da natureza e, por isso, tem força invencível, mesmo que o seu efeito seja no início insignificante e improvável" - Jung.*

O arquétipo criança é o novo, o vir-a-ser, a nova época cultural. A força do arquétipo da criança quer ser realizada na vida de cada adulto. Mas essa energia incrivelmente forte, impulsionando em direção ao desenvolvimento e à realização dos potenciais do ser humano é, desde muito, cedo atrofiada ou soterrada.

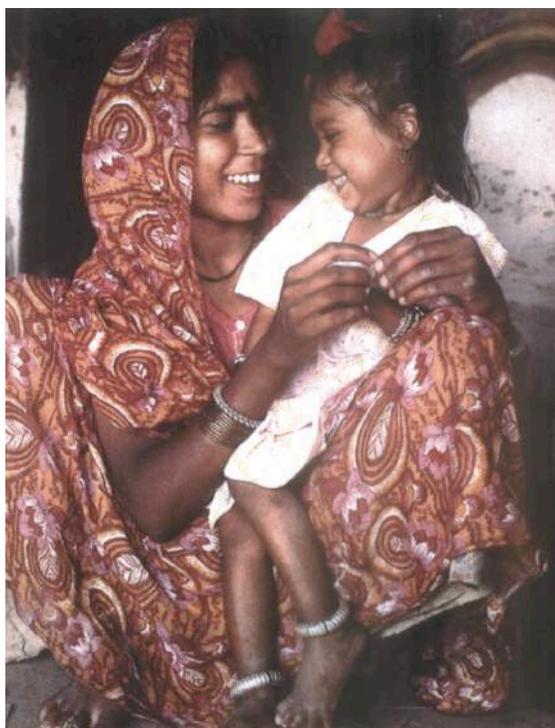
A educação e os limites são necessários para a formação da personalidade e para a adaptação ao meio ambiente. Contudo, devemos deixar que aconteça aquilo que quer acontecer e partir do núcleo da alma da criança.

De uma semente de girassol nasce outro girassol, não uma rosa. A criança somente adquire confiança básica no seu processo quando pode se tornar girassol, se for isso que está dentro dela. Se ela tiver de tornar-se rosa é como se o seu meio ambiente colocasse nela uma pele estranha sob a qual seu próprio ser se atrofia, até se sufoca. A criança pode até se adaptar a essa pele estranha ou até contribuir à formação dela, mas sua essência individual não é percebida sob essa pele. Tanto as crianças quanto os adultos têm um saber sobre o potencial da sua alma. Como é possível ativar essas forças vitais do si-mesmo de cada um? Manifestações do inconsciente - sonhos, imaginação, fantasias de todo tipo, podem dar-nos algumas pistas.

Por isso, criar espaços livres e protegidos onde a criança possa ser ela mesma e expressar-se, é tão importante.

## PROPOSTA DE OBSERVAÇÃO DE UMA IMAGEM

*A imagem apresentada à continuação foi selecionada para propor uma possibilidade de um olhar mais profundo, perceptivo e significativo do universo infantil. Foi escolhida uma fotografia, diferentemente das imagens pictóricas mostradas na primeira parte deste capítulo, justamente para aproximar nosso olhar de uma situação real, como as que vivemos no nosso cotidiano.*



- 1 - Observe a imagem e registre as sensações, sentimentos, lembranças que ela lhe evoca.
- 2 - Crie uma seqüência dos elementos observados.
- 3 - Coloque-se no lugar de cada um dos personagens da cena, começando por aquele com o qual você mais se identifica.
- 4 - Crie uma história.
- 5 - Associe uma música ao movimento da imagem.
- 6 - Troque as impressões da vivência com alguém que tenha feito o mesmo exercício.

*A partir desta vivência e como síntese da seqüência de imagens pictóricas colocadas acima, sugiro que você repita este exercício do olhar para quaisquer imagens do cotidiano que você tenha oportunidade de "captar" junto às suas crianças. Qualquer situação, mesmo que não fotografada com uma câmera, pode ser apreendida para ser "olhada", observada, ouvida a partir dos referenciais pessoais de cada observador. Uma mesma imagem terá tantas leituras possíveis quanto observadores, motivo pelo qual a troca de impressões e informações, qualquer que seja a situação, é tão enriquecedora e importante para uma compreensão mais ampla e profunda.*

## B - CONCEITOS ESSENCIAIS

*Faço, nesta parte da obra, uma incursão pelo mundo dos símbolos, seus autores, suas concepções.*

### O QUE SÃO SIGNIFICADOS

- Pesquisadores e psicanalistas identificaram quatro níveis para os significados:
- os SIGNOS que expressam o significado voluntariamente produzido pela reflexão do ser humano;
  - os SONHOS, LAPSOS, ATOS FALHOS, GESTOS, MÍMICAS que expressam o significado produzido pelo inconsciente pessoal. É onde começa o universo dos SÍMBOLOS: cada vez que um signo vira mais do que queremos que ele diga, torna-se um símbolo.
  - os ARQUÉTIPOS - o significado produzido pelo inconsciente coletivo.
  - o SAGRADO - o sentido transcendental, a dimensão ainda desconhecida, além da natureza humana.

### O QUE SÃO IMAGENS

*"As imagens são mais fortes do que as próprias idéias" - Bachelard*

Na concepção de Jean-Jacques Wunenburger a imagem é uma instância entre o sensível e o intelectual. É a "iconosfera primeva" a partir da qual a consciência tece suas relações ao mundo e ao significado. Encerra o potencial de constituir uma representação do real, encerra um sentido oculto, profundo. A imagem ilustra os caminhos entre o de cima e o de baixo, tem uma vida própria, independentemente do sujeito que a encontra. A imagem simbólica torna-se uma espécie de base, de viveiro que produz conteúdos visuais e ideais.

As imagens são embriões de significados. A consciência pode penetrar parcialmente deixando de certa forma, sempre na penumbra, uma virtualidade, uma potencialidade imaginária (ARQUÉTIPOS).

A diversidade das imagens pode ser comparada a uma árvore.

Na ÁRVORE DAS IMAGENS:

- > A copa representa a forma exterior da imagem.
- > O tronco é o portador de significado.
- > As raízes são formas mais profundamente escondidas.

Cada pessoa, na sua medida, experimenta, em função dos acontecimentos, percepções mais ou menos ricas, mais ou menos influenciadas pelas informações arquetípicas. A capacidade de circular na árvore de imagens assinala a maior ou menor capacidade e fecundidade de uma imaginação.

Há três níveis de formação das imagens:

1 - Conjunto de imagens mentais e materiais que se apresentam como reprodução do real. Sabedoria correspondente: SEMIOLOGIA.

2 - Imagens que se apresentam como substituição de um real ausente ou inexistente, abrindo um campo de representação do irreal (ex: um fantasma, a ficção): entrada no simbólico. Sabedoria correspondente: CIÊNCIA DOS FANTASMAS, SONHOS, FICÇÕES.

3 - Representações imaginais, surreais. Ex: imagens visuais, esquemas, formas geométricas, arquétipos, parábolas e mitos nos falam como revelações. Sabedoria correspondente: ICONOLOGIA SIMBÓLICA.

*"As imagens visuais são tão nítidas, formam com tanta naturalidade quadros que resumem a vida, que têm um privilégio de fácil evocação nas nossas lembranças de infância". - Bachelard.*

A imagem simbólica representa a imagem mais fecunda. A partir do momento em que a imagem não se satisfaz mais totalmente com ela mesma, quando há um convite a estabelecer uma dimensão de significação ausente, transcendente, é quando a imagem pode se apresentar como simbólica.

Gerald Epstein, especialista norte-americano que trabalha com a cura a partir das imagens, afirma que a imagem é a linguagem verdadeira e natural da vida interior. É a linguagem silenciosa que é comunicada da realidade invisível para a realidade visível através de um canal de comunicação chamado mente.

## O QUE SÃO SIGNOS

Bachelard nos diz que signo é "aquilo que representa ou substitui outra coisa; aquilo que tem valor evocativo, mágico ou místico; um objeto material que representa ou designa uma realidade complexa; uma pessoa ou personagem que representa determinado comportamento ou atividade".

Um signo é um objeto ou uma idéia que, de uma forma particularmente direta, representa ou remete para outra coisa: um anúncio, um sinal de trânsito, um gesto. A sociedade adota signos para se definir: uma bandeira, uma roupa de marca. O símbolo tem um significado mais profundo.

Luc Benoist afirma que "o signo tem por base a mediação. Define manifestações de qualquer natureza que possam ser interpretadas como reveladoras de um outro fenômeno, frequentemente não manifesto".

Charles Sanders Peirce, o criador da semiótica, afirma que um signo é alguma coisa que representa uma outra coisa. Para ele não há lugar no mundo onde não haja signos que irão compor as diversas linguagens.

## O QUE É UM SINAL

Para Campbell um sinal é "uma referência a algo que é conhecido ou possível de ser conhecido de uma maneira perfeitamente racional... O sinal 'indica' um lugar cognoscível, físico... Um símbolo refere-se a um poder espiritual que é operativo na vida e conhecido apenas por seus efeitos".

## O QUE É ALEGORIA

Campbell nos diz que a alegoria é "... na poesia e na literatura... um modo de falar sobre algo já conhecido - de uma maneira interessante, através de imagens".

## O QUE É ANALOGIA

Luc Bigé afirma que sempre a analogia transgride o conhecido para ir para o desconhecido, estabelece uma relação entre o conhecido e o desconhecido, para falar de um significado comum à multiplicidade dos fenômenos.

Para elaborar um modelo analógico é necessário pensar sobre sua estrutura, sobre as ligações de semelhança que se tecem, sobre as novas informações trazidas por esse modelo.

*A psicologia tem uma vocação explicativa, tenta compreender o homem em termos de causalidade.*

*Os sistemas analógicos não explicam nada, permitem ver o que está em jogo; não respondem ao "como" mas ao "porque".*

*Os símbolos, tijolos constitutivos dos sistemas analógicos descrevem um estado ou uma sucessão de estados, mostram a globalidade da situação de um ser humano.*

*Saber ler os signos, perceber o significado de uma situação é uma habilidade do hemisfério direito do cérebro e não tem relação alguma com saber compreender as seqüências causais, reservado ao hemisfério esquerdo.*

*O pensamento analógico não conhece um campo de coerência claro. Fazer uma analogia é como destacar uma similaridade de função entre dois ou mais níveis de organização diferentes.*

*A analogia descreve semelhanças de função (Para que serve?). Ela utiliza a linguagem simbólica.*

*A ciência descreve diferenças de forma ou de funcionamento (Como funciona?). Ela utiliza palavras, gramática, números e operações.*

Tomemos o exemplo de um rio: visto desde a margem, separa o território; visto do interior, canaliza os movimentos da água; visto de cima é uma linha de força: objetivo de afirmar simbolicamente sua identidade.

Esta metáfora do rio na sua função de limite tenta explicitar o pensamento analógico do ponto de vista da física da célula, do órgão, do organismo e do grupo humano. Seria possível utilizar o mesmo "raciocínio" para descrever o sistema nos seus componentes sensíveis (a partir do reino animal), mentais (a partir do reino humano) e, eventualmente, espirituais.

## O QUE É METÁFORA

Uma metáfora é a utilização de uma coisa no lugar de outra. Ela ilustra, sugere por meio de uma imagem.

## O QUE SÃO MITOS

São relatos simbólicos - contos dos Deuses, de humanos com poderes sobre-humanos e de acontecimentos extraordinários - que foram de vital importância em todas as culturas.

Para Claude Lévi-Strauss o mito é um modelo capaz de explicar as aparentes contradições da vida.

Temas dos mitos:

- explicações do estado das coisas (Ex: origem do milho);
- criação do mundo;
- mortalidade e destino do indivíduo (Livro Tibetano dos Mortos);
- forma de a sociedade liberar idéias e experiências reprimidas (Freud - Édipo);
- viagens simbólicas através da vida e seus protagonistas - encarnações de arquétipos subconscientes (Jung) (Ex: a jornada do herói - Campbell).

Mircea Eliade diz que o mito é o relato de uma história verdadeira de uma representação. É sempre uma representação coletiva transmitida através de várias gerações que relata uma explicação do mundo.

Joseph Campbell nos ensina que os mitos são "pistas para as potencialidades espirituais da vida humana".

Os mitos ensinam que o que conta, de fato, é o valor e o prodígio de estarmos vivos; ensinam que você pode se voltar para dentro e começar a captar as mensagens dos símbolos.

"A mitologia ensina o que está por trás da literatura e das artes... É um alimento vital e tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação".

Cada pessoa deveria encontrar um aspecto do mito que se relacione com sua própria vida.

Os mitos têm quatro funções:

1 - Função mística - os mitos abrem o mundo para a dimensão do mistério. "Se o mistério se manifestar através de todas as coisas, o universo se tornará, por assim dizer, uma pintura sagrada".

2 - Dimensão cosmológica - a ciência ocupa-se dela.

3 - Função sociológica - suporte e validação de determinada ordem social, função do mito que assumiu a direção do nosso mundo e não se atualizou (ética, leis da vida).

4 - Função pedagógica - como viver uma vida humana sob qualquer circunstância.

"Mitos e sonhos vêm do mesmo lugar, de tomadas de consciência de uma espécie tal que precisam encontrar expressão numa forma simbólica" - diz Campbell. O mito que está por vir é o que fala do planeta e de todas as pessoas que estão nele. Este mito falará do que todos os mitos têm falado: do amadurecimento dos indivíduos, da dependência até a idade adulta, à maturidade e à morte; de como se relacionar com esta sociedade e como relacionar esta sociedade com o mundo da natureza e com o cosmos.

As imagens míticas são um mistério e passam de geração a geração de forma inconsciente. Os mitos ajudam o ser humano a ler as mensagens, falam das probabilidades típicas.

Luc Bigé afirma que o mito é simbólico e, sobretudo operativo, ou seja, capaz de transformar profundamente o indivíduo ou a nação que se identifique com ele.

Geneviève Droz atribui cinco características ao mito:

1 - É um relato fictício.

2 - Propõe um discurso sugestivo e imaginado apelando para a imaginação mais do que para o raciocínio.

3- É portador de significado velado por trás da fábula e pede para ser traduzido, interpretado, decifrado: é aberto a diferentes níveis de significações.

4 - Não é um método, mas um meio de expor o verossímil, sugere o provável.

5 - Contém uma dupla intenção pedagógica: restabelece o espírito cansado e sustenta um discurso que "flui".

A colocação em cena do mito tem por função criar um curto-circuito no mental para permitir uma tomada de consciência, para abrir uma porta para que do desconhecido surja o conhecido. Toda a humanidade encarna uma história mítica. Colocá-las em cena e vivenciá-las é como objetivá-las, tomar consciência delas.

O mito é a linguagem da globalidade. Porém, o significado que veicula responde a uma necessidade individual e coletiva do presente.

Assim como os símbolos, os mitos estão vivos.

## O QUE SÃO ARQUÉTIPOS

Os arquétipos são guias energéticos que conduzem ao nosso potencial mais elevado.

Platão, na Grécia antiga, afirmava existirem Idéias ou Formas arquetípicas, bases da sua visão filosófica. Platão via deuses e deusas da tradição grega como símbolos de padrões humanos de emoção.

Jung, o grande formulador desta idéia, afirma que os arquétipos são como órgãos da psique pré-racional. São formas e ideais herdados, eternos, idênticos, tendo suas origens no início da história humana. Os arquétipos vinculam-se ao inconsciente coletivo, experiência herdada de toda a raça humana. O conteúdo específico aparece na vida individual onde a experiência pessoal se vê captada dentro dessas formas.

Os arquétipos são anteprojetos internos do que significa ser plenamente humano. São qualidades como: verdade, justiça, heroísmo, sabedoria, valor, amor, expressas em mitos e lendas, para os quais todos nascem com predisposições instintivas para com elas. São dinâmicas e moram no subconsciente, mas podem vir à consciência sob a forma de símbolos ou de sistemas de símbolos.

Avançamos para a saúde psicológica quando reconhecemos e reconciliamos nossas energias arquetípicas em conflito: através da psicoterapia, do estudo do simbolismo dos sonhos ou a partir da meditação sobre os símbolos existentes.

Joseph Campbell afirmava que os arquétipos expressam "necessidades, instintos e potenciais humanos comuns a todos nós". Campbell acreditava que o inconsciente coletivo consistia em motivos mitológicos ou imagens primordiais, razão pela qual os mitos de todas as nações seriam seus verdadeiros expoentes. Toda a mitologia pode ser considerada uma espécie de projeção do inconsciente coletivo.

## O QUE SÃO OS RITOS

São característicos das sociedades que preparam cada indivíduo para o seu papel nela: batismo, casamento, funeral, etc.

Alguns ritos:

- Nas religiões temos rituais de purificação simbólica.
- Nas sociedades tribais há rituais de iniciação (ex: passagem da adolescência para a idade adulta).
- Nos casamentos, anéis e roupas são usados para "significar" a nova condição.
- Ritual de fertilidade (astecas).
- Nos sistemas ocultos como a magia, a cabala, a alquimia.
- A oração como ato pessoal ou coletivo de comunicação com o sagrado.

Campbell pesquisou os rituais mitológicos que atuam na sociedade atual: cerimônias de casamento, de posse de uma autoridade, o alistamento para o exército, vestir um uniforme, entre inúmeros outros.

## DEUSES

Campbell nos diz que os deuses são "personificações das energias que formam a vida - as próprias energias que criam as árvores e fazem com que os animais se movam e com que as ondas dos oceanos se agitem. As próprias energias que existem em seu corpo são personificadas pelos deuses. "Elas estão vivas e existem na vida de cada pessoa. As divindades são metáforas transparentes à transcendência. Uma divindade que não é reconhecida, reverenciada e à qual não é permitido participar de nossa vida consciente passa a ser um ídolo".

As energias dos deuses são as *nossas* energias.

## O QUE É LINGUAGEM

O Dicionário Aurélio define a linguagem como "todo sistema de signos que serve de meio de comunicação entre indivíduos e que pode ser percebido pelos diversos órgãos dos sentidos, o que leva a distinguir-se uma linguagem visual, uma linguagem auditiva, uma linguagem tátil, etc. Ou ainda, outras mais complexas, constituídas, ao mesmo tempo, de elementos diversos".

## O QUE SÃO SÍMBOLOS

Os símbolos são expressões profundas da natureza humana. Têm estado presentes em todas as culturas e em todos os tempos e têm acompanhado o desenvolvimento das civilizações desde o primeiro símbolo, surgido nas pinturas rupestres do Paleolítico. Os símbolos têm um grande poder de evocar, já que se dirigem ao nosso intelecto, às nossas emoções e ao nosso espírito. O seu estudo é o estudo da humanidade. As civilizações antigas utilizavam os símbolos na arte, na religião, nos mitos e rituais, significados conservados ainda hoje.

O símbolo gera-se no subconsciente como expressão espontânea de alguma profunda faculdade interna da que temos consciência. O simbolismo substituindo, representa.

René Alleau, importante pesquisador nesta área, afirma que "um símbolo não significa: evoca e focaliza, reúne e concentra de forma analógica e polivalente, uma multiplicidade de sentidos que não se reduzem a um único significado nem apenas a alguns".

O símbolo depende do contexto no qual está inserido. Penetrar no mundo dos símbolos é como adivinhar uma música do universo. Para tal é necessária uma intuição e

um sentido inato de analogia (chave da simbólica geral), dom que pode ser desenvolvido. Existe um ouvido simbólico mais comum nos povos primitivos, em estado latente no homem civilizado.

Freud via os símbolos como meros SIGNOS, expressões concretas da realidade conhecida.

Jung percebeu, a partir da análise de sonhos, a repetição de imagens profundamente simbólicas, estas muito similares com os símbolos das religiões, mitos, lendas e rituais. Ele estudou a universalidade de alguns símbolos e destacou a importância do simbolismo nos processos psíquicos. "O símbolo designa uma entidade desconhecida, difícil de ser alcançada e... nunca completamente definível".

Para Joseph Campbell, mitólogo norte-americano "o símbolo deve ser transparente à transcendência".

Luc Bigé, especialista francês, afirma que o símbolo é o grande mediador entre a realidade subjetiva e a vida objetiva. Existe uma lei da ressonância que rege a vida simbólica: "os fatos que encontramos são a expressão simbólica dos nossos pensamentos mais íntimos". "O visível é espelho do invisível, mas, como todo espelho, inverte a imagem". O símbolo é a imagem da natureza. A Lei da Ressonância afirma que o que está acima é como o que está embaixo; o que está embaixo é a expressão simbólica do que está acima. Cada forma é portadora de significado, cada significado tenta tomar forma através de um objeto, uma situação, um nome, um gesto.

Os símbolos vêm a nós, eles nos olham... Eles anunciam muito mais do que enunciam. O símbolo é a linguagem da liberdade, pois não impõe nenhuma verdade, apenas "sugere" àquele que sabe ver e àqueles que estão prontos para aprender, adaptando-se naturalmente ao contexto, ao nível de consciência e à capacidade de iluminação de cada pessoa. O símbolo diz do significado. O homem é o "veículo" capaz de personalizar esse sentido através de uma obra de arte, um descobrimento científico, uma criação literária - formas de expressar valores humanos.

O universo simbólico formaliza instrumentos para que o de fora e o de dentro se comuniquem. O símbolo torna-se o grande mediador entre o universo da realidade subjetiva e a vida objetiva.

*O símbolo é, fundamentalmente, a linguagem da natureza, é o traço deixado pelos arquétipos no mundo físico, sua assinatura, o signo da sua passagem.*

A leitura simbólica não leva em conta juízos de valor, mas oferece uma informação indispensável à tomada de consciência da natureza profunda do ser humano. A mitologia é de grande ajuda: o herói, símbolo do indivíduo que renuncia à sua segurança para ir ao encontro da sua natureza profunda, mostra que o "erro" é uma

parte integrante e inevitável do processo de individuação, uma das causas do seu sucesso.

Para o simbolista, cada ato, cada situação concreta são a expressão de uma significação da qual o protagonista nem sempre tem consciência; pois não é somente ele que fala, mas o conjunto da sua vida que diz alguma coisa sobre ele.

O significado não se inventa, se descortina. Por onde "ele passa" deixa traços: símbolos, mitos, acontecimentos, objetos, cores, ou seja, o conjunto das formas do nosso universo.

O juízo de valor informa sobre os pressupostos ideológicos da pessoa e da sociedade, enquanto que *a exploração do mundo dos significados por meio dos símbolos permite compreender a complementaridade e as interações de um conjunto de valores.*

Ler simbolicamente os acontecimentos dá novamente significados ao que somos, ao que fazemos e o próximo passo a ser empreendido para cumprir nossa existência.

Cada mito, cada povo olha um mesmo símbolo com seus óculos, por vezes colorido pela sua história, sua geografia e sua cultura. Um símbolo só tem significado quando recolocado no seu contexto, já seja o mito, o sonho, o sistema religioso ou pressupostos metafísicos. Seja qual for a natureza do símbolo, uma "ponte" conecta o que estava separado. As linguagens simbólicas são de uma extraordinária coerência para aquele que sabe ver, além da forma, a lógica do significado; para aquele que sabe, intuitivamente, perceber o lado profundo das imagens e depois, graças ao contexto, identificar o que deve ser "religado".

No universo simbólico, a riqueza de significados é muito mais profunda do que nas linguagens convencionais pelos fatores seguintes: a grande quantidade de imagens e de palavras; o papel "seletivo" do contexto que não admite determinados significados e elimina outros; a autocontradição do símbolo que expressa uma idéia e exatamente seu contrário; a possibilidade de compreender o objeto simbólico em diferentes níveis de realidade.

*A primeira função do símbolo é a de reunir: o indivíduo com ele mesmo, com os outros, com o Divino e com os diferentes reinos da natureza. A análise intelectual do símbolo é somente possível junto com a intuição e a percepção global da história na qual está integrado. Interessa, mais do que o resultado, o processo utilizado para conseguir chegar lá: nele, a intuição é estimulada, a tomada de consciência. Assim, o símbolo torna-se vivo, inolvidável e profundamente dinâmico para aquele que aceita sua íntima presença.*

O símbolo é operativo: trata do significado que é produzido ou percebido a partir de um estado de espírito e provoca um novo estado.

Podemos, pois, desenhar uma geografia imaginária, de cada objeto ou acontecimento, provisória já que o universo dos significados está em movimento constante. Esta geografia pode ser representada sob um conjunto de significados: nos planos físico, biológico, semântico, mitológico analisando os valores de consciência/conhecimento, vida eterna/vida temporal, coração/desejo, etc. A partir desses dados é possível ampliar o símbolo ao universo simbólico. Assim, seria possível

criar um mapa do mundo imaginário. Este tipo de representação, muito embrionária ainda, poderá mostrar que o imaginário não é um caos indescritível, descobrir os níveis de organização do universo dos significados, decodificar a "lógica do significado" e, finalmente, relacionar arquétipos fundadores que animam, mais intensamente do que outros, este mundo do imaginário.

Uma geografia do imaginário poderia conduzir-nos a uma revolução suave, transformadora no universo das nossas representações. Poderiam mudar o significado e o valor que damos às nossas vidas individuais, à sociedade e ao planeta.

O conhecimento operativo age em qualquer lugar no qual o indivíduo aceite se deixar transformar pelo ato do conhecimento: estabelecendo-se uma ressonância entre o conhecível e aquele que conhece. Este conhecimento operativo surge quando existe um vínculo analógico entre o mundo interior e o mundo exterior.

Somos seres simbólicos e enquanto tais simbolizamos através de sistemas de representação para expressar sentimentos e pensamentos e, assim, elaborar o que acontece no mundo, afirma Miriam Celeste Martins.

## **OS SÍMBOLOS NA ARTE**

Os símbolos mais significativos e emocionantes da humanidade estão reunidos na história da arte, expressando as crenças e preocupações de cada época.

No Antigo Egito, nomes de reis e nobres inscritos nas estátuas simbolizavam o descanso eterno após a morte. Nos túmulos as inscrições de símbolos mágicos e orações rituais a Osíris simbolizavam a salvação da alma do morto.

Na Idade de Bronze (3.000 a 1.100 a.C.), no Mediterrâneo, foram descobertas as realizações mais significativas da arte ocidental.

A civilização minóica de Creta usava o espiral, linhas onduladas e motivos geométricos nos seus objetos de metal como símbolos relacionados ao mar e aos elementos - senso de uma existência partilhada com a natureza. Também eram usados como talismãs para dar segurança a marujos e viajantes.

Nos frescos minoicos encontraram-se descrições de rituais, cerimônias religiosas e batalhas. As representações de touros e outros animais são símbolos de proteção.

Após esses reinados nos século XIII a.C., os gregos adotaram o estilo geométrico das culturas anteriores - o simbolismo de formas abstratas (desenhos em zig-zag, triângulos, esvásticas) dominou na arte por quatro séculos.

No século VIII a.C. começaram a aparecer temas de animais e figuras humanas estereotipadas, rituais e batalhas na cerâmica e outros objetos.

No século VII a.C. através da arte da narrativa, foram encontrados relatos de ações de deuses e heróis (encarnações de arquétipos subconscientes) que

simbolizavam a procura do autoconhecimento, metáforas para os aspectos da vida. Os gregos adotaram parte das culturas síria, fenícia e egípcia.

Na arte Oriental e da Índia, o erotismo dos deuses hindus simbolizava a diversidade da criação. As técnicas tântricas simbolizavam a união sexual como caminho para a iluminação (Linga de Shiva - energia criativa; leiteiras - aventuras amorosas de Shiva).

Na arte Chinesa, destacaram-se as mensagens espirituais e morais transmitidas através de paisagens e o mundo natural. Cada elemento simbolizava um aspecto da humanidade:

- a água, o sangue das montanhas;
- a grama e árvores, o seu cabelo;
- as nuvens e névoas, suas roupas;
- o sábio solitário, a sua alma;
- o bambu, o espírito do sábio (podia se inclinar, mas não quebrar);
- o jade, a pureza.

Na arquitetura, telhados curvos simbolizavam a rejeição aos demônios.

Na Europa medieval, os ícones cristãos eram focos de veneração. A visão mítica do universo estava refletida em todas as formas de arte visual, na literatura e nas catedrais góticas.

No Renascimento houve uma grande mudança: maior naturalismo nas artes visuais. A natureza, o corpo humano e a mitologia greco-romana foram temas importantes na pintura e escultura religiosas (Ex: Michelangelo, Rafael no Vaticano).

## **OS SÍMBOLOS NOS SONHOS**

Os sonhos são produtos involuntários da psique. As mensagens aparecem em forma de símbolos, confusas.

Há três níveis de funcionamento dos sonhos:

- 1 - simbólico - tomar um sonho pelo que é, as representações de experiências e preocupações que vêm do dia, no pré-consciente.
- 2 - simbólico mundano - mais profundo - símbolos para expressar elementos do subconsciente pessoal (relacionado com preocupações físicas, emocionais e sexuais).
- 3 - simbólico superior - desejo de encontrar um sentido para a vida além do físico, emocional e sexual. Surgem do inconsciente coletivo. Os GRANDES SONHOS para Jung contêm imagens arquetípicas, parte da linguagem simbólica universal identificada nas diferentes culturas.

Nos sonhos, os símbolos sofrem rápidas transformações - os símbolos e os acontecimentos dos sonhos se relacionam entre si por seu significado mais do que pela sua aparência.

Através dessa linguagem a vida psicológica consciente permite que as esperanças, advertências e medos se tornem conscientes.

## UMA RELEITURA DAS IDÉIAS DO PIAGET SOBRE A FORMAÇÃO DO SÍMBOLO NA CRIANÇA

*Piaget foi, sem dúvida, meu primeiro grande mestre, cujas idéias me impulsionaram no estudo do desenvolvimento da criança e na compreensão do jogo. Durante muitos anos suas idéias constituíram o alicerce do meu pensamento com relação ao desenvolvimento cognitivo da criança. Ampliando e aprofundando meus estudos fui descobrindo outros autores e linhas de pensamento que contribuíram para uma visão mais integrada do ser humano. Mas o construtivismo proposto por Piaget me acompanha internamente na minha forma de compreender o processo de desenvolvimento e aprendizagem do ser humano.*

*No que se refere ao simbolismo, Piaget traz importantes conceitos para as reflexões da presente obra. Ele propõe uma análise da estrutura do pensamento simbólico da criança que, detendo-se especificamente no jogo simbólico, traz uma significativa contribuição para a compreensão de como se processa a formação do símbolo na criança.*

*Embora a ênfase deste livro esteja no conteúdo e significação do simbolismo infantil, não poderia deixar de trazer um breve ensaio sobre as idéias de Piaget a este respeito.*

*O leitor poderá encontrar uma explicação mais detalhada sobre o Jogo simbólico, no meu livro "Brincar, crescer e aprender: o resgate do jogo infantil".*

Na sua obra "A formação do símbolo na criança" Piaget esmiúça sua concepção sobre o simbolismo na criança e o processo de formação do mesmo. Piaget afirma que o símbolo surge de uma semelhança entre o objeto presente ou significante e o objeto ausente ou significado. O pensamento simbólico é oposto ao pensamento racional.

Para Piaget, o pensamento simbólico ultrapassa o inconsciente: existe o jogo de imaginação ou de ficção, jogo simbólico, a manifestação mais importante do pensamento simbólico na criança.

Existem no jogo infantil manifestações de um simbolismo mais oculto e Piaget pergunta-se se existe uma linha que separe o simbolismo consciente do simbolismo oculto. Para ele todo símbolo é consciente e inconsciente: além dos significados compreensíveis de imediato pelo sujeito, pode ter significações mais profundas que escapam à consciência do sujeito pensante.

Todo símbolo pode ser primário ou secundário: no simbolismo primário a criança imita ou substitui um objeto para representar outro ausente: há uma assimilação do real ao eu. No simbolismo secundário entram em jogo as preocupações ou desejos mais íntimos e secretos, os inconfessáveis. Cada pessoa que participa da vida da criança provoca "esquemas afetivos" no vínculo com ela. São esses esquemas que determinam, segundo Piaget, os principais simbolismos secundários.

No jogo de faz de conta em que a criança brinca de ser pai, mãe, irmãos, ela os representa, simboliza, revelando, segundo Piaget, tendências e sentimentos:

- . de ligação ou resistência;
- . de submissão ou independência;
- . de desejo de atrair para si os pais ou de ciúme;
- . de necessidade de mudar o ambiente.

A criança costuma, frente a determinadas situações, antes de achar uma solução, simbolizar diferentes possibilidades. Assim que descobre uma solução ela acrescenta à brincadeira novas fantasias ou antigas readaptadas. As soluções simbólicas são conhecidas por meio de imagens.

Os sonhos infantis prolongam o jogo simbólico. Quando a criança brinca com diferentes objetos, o símbolo por ela construído espontaneamente é tão revelador quanto o do sonho. Nesse sentido os sonhos assemelham-se ao jogo simbólico. A diferença está em que no jogo há um controle mais consciente do que no sonho. No jogo podem se utilizar todo tipo de objetos que facilitem a imaginação. No sonho os objetos são representados por uma imaginação.

Piaget acreditava que entre o simbolismo consciente e o simbolismo inconsciente existem intermediários, sendo que o jogo simbólico apresenta todos os matizes possíveis entre os símbolos análogos aos do sonho e os símbolos construídos intencionalmente pelo sujeito.

O jogo simbólico é a expressão de uma assimilação do real ao eu (simbolismo lúdico). O princípio do simbolismo inconsciente é a "supressão da consciência do eu por absorção imaginária total do mundo exterior".

## 4. POSSIBILIDADES NAS PRÁTICAS E NAS PESQUISAS

### A. AS PRÁTICAS: ENSAIOS DE LEITURAS SIMBÓLICAS

*Esboçarei, no presente capítulo, propostas de leitura de algumas linguagens simbólicas, a saber, o brincar, os contos de fadas e a arte.*

*Com tais propostas não pretendo mostrar métodos definitivos ou fechados, mas abrir para um universo de possibilidades, ampliação e aprofundamento na compreensão do universo infantil.*

Proponho dois tipos de leituras de símbolos: uma leitura do **simbolismo externo** e uma leitura do **simbolismo interno**. Defino simbolismo externo como aquele atribuído por uma determinada cultura, época, contexto social: é uma leitura mais relacionada ao coletivo. O simbolismo interno é aquele atribuído pelo leitor-observador-ouvinte de forma individual, a partir das suas emoções, insights, vivências pessoais: é uma leitura individual.

A junção de ambos, simbolismo externo e simbolismo interno, é o que acredito ser a leitura mais rica e significativa para uma compreensão mais profunda da criança.

### O BRINCAR

O UNIVERSO DO BRINCAR - uma leitura histórica, simbólica e sagrada do jogo.

O brincar, assim como a arte, o movimento, a expressão plástica, verbal e musical, pode ser considerado como uma linguagem, através da qual as crianças se comunicam, entre si e com os adultos. O brincar é um sistema de signos que representa, de forma inconsciente, a vida real, sob o olhar daquele que brinca (o jogo simbólico, por exemplo); o brinquedo ou os objetos utilizados no jogo, representam uma ponte, um meio de comunicação, a partir do qual designa-se uma realidade mais complexa.

O Brincar traz de volta a alma da nossa criança: no ato de brincar, o ser humano se mostra na sua essência, sem sabê-lo, de forma inconsciente. O brincante troca, socializa, coopera e compete, ganha e perde. Emociona-se, grita, chora, ri, perde a paciência, fica ansioso, aliviado. Erra, acerta. Põe em jogo seu corpo inteiro: suas habilidades motoras e de movimento vêm-se desafiadas.

No brincar, o ser humano imita, medita, sonha, imagina. Seus desejos e seus medos transformam-se, naquele segundo, em realidade. O brincar descortina um mundo possível e imaginário para os brincantes. O brincar convida a ser eu mesmo.

Tanto os brinquedos quanto as brincadeiras, assim como as atitudes dos "brincantes", constituem um sistema de signos, uma linguagem, que precisamos aprender a ouvir, a decifrar, a compreender.

A linguagem do brincar caracteriza-se pela sua universalidade: ela é tão antiga quanto a existência do ser humano, atravessando o tempo e as fronteiras. Uma linguagem que tem se perpetuado na sua forma, apesar dos seus conteúdos se transformarem.

O brincar pode ser lido e interpretado de forma científica, acadêmica, analítica, clínica. Universal, histórica, regional, cultural, folclórica. E também sob um olhar místico, ritualístico, simbólico, misterioso. Inúmeros teóricos têm contribuído com suas leituras construtivistas, pedagógicas, psicológicas, sociológicas, biológicas, antropológicas.

*Considero importante, neste momento, traçar um panorama histórico do brincar para mostrar como seu simbolismo era inerente e fundamental e foi se perdendo ao longo do caminho. É possível fazer uma releitura hoje, deste universo lúdico, partindo dos fatos e materiais concretos, passando por uma visão mais ecológica, cooperativa, resgatando o simbolismo mais profundo de jogos, brinquedos e brincadeiras e adentrando o universo transcendente da ludicidade, com o intuito de complementar e integrar o universo das contribuições e pesquisas já realizadas nesta área.*

Esta primeira proposta de "leitura" do brincar refere-se ao seu simbolismo externo.

## TRAÇOS HISTÓRICOS DOS JOGOS E BRINQUEDOS

A história dos jogos e brinquedos é tão antiga quanto o homem. Ela não consta somente nos livros de história, mas são também seus testemunhos a arte, a antropologia, a arqueologia e a tradição oral.

A seguir, uma breve síntese para ilustrar algumas das características mais conhecidas deste universo da ludicidade, cujos traços comuns são:

- sua universalidade;
- sua eternidade;
- terem suas origens na criação coletiva;
- estarem, em sua maior parte, ligados a práticas religiosas;
- serem formas de linguagens;
- serem espelhos da cultura das diferentes sociedades;
- suas estruturas permanecerem imutáveis e suas regras sofrerem transformações através do tempo e das várias regiões;
- constituírem oportunidades de expressão, desenvolvimento e socialização.

Iremos perceber também que os jogos estão, na sua origem, ligados ao SAGRADO.

## LINHA DO TEMPO

> NOS PRIMÓRDIOS DO MUNDO o tempo era consagrado à preservação da vida e não existia ainda a noção de tempo livre como o conhecemos hoje.

> NA CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA, nos túmulos, foi encontrado um grande número de bonecas. As crianças brincavam com sacos cheios de grãos e mais tarde recebiam bonecas pequenas e bichos de terra cozida. O cavalinho sobre rodas surge nesta época.

> NA CIVILIZAÇÃO GREGA, as bonecas, feitas em argila cozida com membros articulados, eram encontradas nos quartos das crianças. Brincar de boneca era uma atividade relacionada com os ritos da fecundidade e tinha VALOR DE UMA OFERENDA - forma de diálogo do homem com o invisível.

O jogo dos ossinhos era muito popular tanto entre as crianças quanto entre os adultos. Eles serviam para adivinhar o futuro. Porém, este jogo provinha provavelmente do Oriente Médio. No começo esses ossinhos vinham das patas de cordeiros e cabras. Mais tarde foram fabricados em cristal de roca ou em bronze, conservando a forma original.

Os meninos brincavam com pipas. No Extremo Oriente o Papagaio representava a alma exterior do seu proprietário que estava, no solo, ligado magicamente (pelo fio) à frágil armação do papel de seda; na Coreia, a pipa funcionava como bode expiatório para libertar dos males uma comunidade pecadora.

Os piões eram muito populares. Há muitas representações que mostram como os adultos também brincavam. Eram jogos voltados para as classes mais ricas.

O jogo de bola era muito popular: o futebol estava, na sua origem, ligado à disputa do globo solar entre duas fratrias antagonistas.

Na Grécia era dada muita atenção ao desenvolvimento do corpo pelo que o jogo e o esporte eram tão importantes quanto o estudo. Como exemplos: a marcha, a corrida ou a natação, exercícios de ginástica ou corridas de 100 a 158 metros.

> NA CIVILIZAÇÃO ROMANA, as brincadeiras eram muito similares às dos gregos. Os romanos eram muito atraídos pelo jogo de bolinhas, que datava de vários séculos, com a forma melhorada. As bolinhas antigas eram muito rudimentares, enquanto que as da época romana eram muito mais lisas e coloridas.

No Foro Romano em Roma foram descobertas as mais antigas gravuras do jogo de amarelinha, muito brincado nos pavilhões de mármore e nas vias romanas. Uma das versões relata que a amarelinha representava o labirinto onde o iniciado se perdia.

GRÉCIA E ROMA organizavam seus jogos por ocasião das festas. O jogo aparecia como um RITO SOCIAL, que exprimia e reforçava, à maneira de um símbolo, a unidade do grupo, cujas oposições internas se exteriorizavam e se resolviam nessas manifestações lúdicas.

Cada jogo era consagrado a um Deus:

- os Jogos Olímpicos a Zeus;
- os Jogos Píticos a Apolo;
- os Jogos Ístmicos a Poseidon;
- a Deusa da fecundidade, Deméter, tinha reservado um lugar de honra: inclinava a ver nesses jogos a luta entre as forças da vida e da morte, um símbolo da evolução do grão que fermenta e que morre. Os dois campos, o vencedor e o vencido expressavam, de forma sintética, o conflito cósmico e biológico, presidido pela Deusa Deméter que ilustrava o retorno do ciclo das colheitas.

> NA IDADE MÉDIA, a vida reduziu-se ao trabalho e ao combate, pelo que os exercícios de combate tornaram-se muito importantes. Somente nos séculos XIII e XIV esses torneios sanguinolentos tornaram-se concursos esportivos.

JOGO COMO RITO DE SAÍDA - o faz de conta (de cenas de combate, por exemplo) era tido como uma readaptação à vida cotidiana, real.

A luta era muito popular. O tiro ao alvo com arco ocupava muito tempo a partir de uma necessidade militar.

No inverno, os exercícios eram feitos sob teto.

O milenar jogo de bola tornou-se popular. Era considerada uma ocupação fútil.

A criança não era considerada como hoje em dia. Ter brinquedo e brincar dependia da classe sócio econômica dos pais. As crianças da burguesia tinham belos e caros brinquedos e tempo para brincar. Na corte do rei Henrique III de França, o Bilboquê era um exercício muito popular.

Já os filhos dos operários tinham que ajudar no sustento da família e no pouco tempo livre que lhes sobrava, recebiam brinquedos fabricados pelos pais, sempre relacionado ao trabalho dos mesmos.

Os ceramistas fabricavam pequenas figuras de cacalecios em argila branca.

As bonecas e os brinquedos eram vendidos pelos mercadores ambulantes nas quermesses ou outras festas. Entre outros, havia bonecas comuns e bolas feitas de linha. O princípio das bonecas articuladas nasceu, provavelmente, na religião: tanto na Igreja Bizantina quanto na Igreja Ocidental, há estátuas de Santos com os membros articulados.

Simbolismo de alguns jogos:

- O MASTRO DE COCANHA OU PAU-DE-SEBO estava ligado aos mitos da conquista do céu.

- Os JOGOS DE CORDA auguravam a preeminência das estações.

- Muitos jogos tinham VALOR ENCANTATÓRIO.
- Alguns jogos eram considerados RITO DE ENTRADA, tanto para as crianças quanto para os primitivos.
- Outros jogos eram considerados como CIÊNCIA INICIÁTICA -

- > O TARÔ simbolizava o caminho iniciático de evolução em direção à sabedoria. Relacionado com a Cabala, os arquétipos, o zodíaco, etc.
- > As seis faces dos DADOS simbolizavam seis aspectos simbólicos do mundo: mineral, vegetal, animal, humano, psíquico, divino.

> NOS SÉCULOS XI e XII, na época do Renascimento eram dadas casas de bonecas como presentes de casamento. Eram mais peças de enfeite do que para brincar. Do ponto de vista histórico essas casinhas são muito interessantes, pois refletem a arrumação interior. Os habitantes de Nuremberg eram conhecidos como os fabricantes de bonecas. Eles fabricavam também as casinhas de bonecas. A semelhança das mesmas com as casas reais eram conscientemente usadas para preparar as jovens de 12 a 14 anos.

Em gravuras do SÉCULO XVII podem-se ver, pela primeira vez, crianças que andavam sobre cavalinhos de madeira. A presença do cavalo de madeira entre os brancos nos tempos passados, mostra a importância do cavalo naquela época, tanto quanto o carro hoje.

> NO SÉCULO XIII, o diabolô, de origem chinesa, entra na Europa nesse período, na Inglaterra, França e nos Países Nórdicos. O ioiô chega também na China. Muitos jogos tiveram altos e baixos, mas esses dois ficaram muito populares.

Nessa época aparecem, cada vez mais, os brinquedos automáticos. Na antiguidade, Nero d' Alexandria construiu brinquedos engenhosos que mexiam e faziam barulho com a utilização de gotas d'água. Por volta de 1850 esses objetos foram construídos em grande escala e uma das causas deve ter sido a descoberta do ferro branco.

No final do SÉCULO XIII, a criança não era mais considerada um adulto. As concepções dos educadores e escritores românticos como Rousseau, tiveram um papel muito importante. A Froebel devemos a prática de tais teorias: ele queria estimular as crianças antes da idade escolar a fazer atividades criativas através de jogos semi-artísticos. Com esse objetivo foram inventadas as caixas de construção com formas sóbrias: retângulos, cubos, esferas e cilindros.

Ao lado das casas de bonecas completas, havia agora um interesse pelos detalhes: foram fabricados separadamente a cozinha, o banheiro, a sala, os fornos e todo o mobiliário completo. A pequena casa do operário era uma das causas pelo que não havia espaço suficiente para colocar casas de bonecas "em massa". O acabamento minucioso de todos os brinquedos diminuiu muito. Tudo era fabricado, cada vez mais na fábrica e um verdadeiro artesanato não era mais exigido.

> NO SÉCULO XIX, a revolução industrial fez com que a indústria domiciliar declinasse e os pais vão trabalhar fora. Foi o começo dos jardins e pré-escolas. Não eram obrigatórias. Nas primeiras escolinhas havia maior interesse pelos jogos seculares, como o jogo dos ossinhos e o jogo de bolinhas, o que certamente contribuiu para a preservação dos mesmos.

O trabalho das crianças acontece cada vez mais, o que não é fato novo, pois já na idade média a criança era integrada às tarefas domésticas. Isto acontecia dentro da família, que levava em consideração as possibilidades da criança. Mas a criança devia também trabalhar fora e ela devia realizar tarefas que muitas vezes não tinha capacidade de assumir. Para as pessoas comuns não se falava mais em jogo.

O contraste entre pobres e ricos manifesta-se de forma marcante nos jogos e brinquedos. Em 1885 aparece o primeiro carro de Karl Benz, imitado mais tarde pela indústria do brinquedo. Eram muito caros e para muitas crianças seu único prazer era sonhar e contentar-se com "caixas de sabonete" (Quem teria mais prazer?).

Outra invenção do Século XIX foi o trem e logicamente foram logo fabricados trens de madeira e mais tarde em metal. Com o aperfeiçoamento das vias férreas chegaram também as vias de miniatura e o adulto entrou no mundo dos jogos e brinquedos.

> NO SÉCULO XX, depois da Segunda Guerra Mundial há mais acesso em geral e as crianças, ricas e pobres, recebem quase os mesmos brinquedos.

Pela diminuição na duração do trabalho adulto, aparece a idéia de "hobby". Os fabricantes de brinquedos lançam no mercado todo tipo de brinquedo especializado, caixas de construção e pacotes especiais (geralmente destinados aos adultos que se agrupam em "Hobby-Clubs").

As crianças sofrem essa influência, desejando cada vez mais, brinquedos sofisticados com botões e controles remotos.

**OS JOGOS PREDOMINANTES NUMA ÉPOCA SIMBOLIZAM SEUS INTERESSES PRINCIPAIS.** Jogos como o Monopólio, o Máster Mind, o Cubo Rubik, os Jogos de negócios anunciam a era da eletrônica, matemática, mecânica e robótica).

> Neste SÉCULO XXI, pode-se destacar, como contraposição à indústria de brinquedos e ao brinquedo "tecnológico", a importância que o jogo adquire dentro de uma sociedade sem fronteiras, especialmente os Jogos cooperativos, os jogos em família, o resgate dos jogos tradicionais, a criação de espaços de jogo nos inúmeros ambientes nos quais a criança convive, a grande incidência e repercussão de publicações sobre o lúdico, os vínculos propiciados pelo brincar, assim como o jogo nas diversas manifestações e expressões: música, dança, estética, cotidiano, arte, etc.

Podemos falar em uma "Ecologia lúdica".

Mas caminhemos um pouco além para refletir à respeito da SACRALIDADE E SIMBOLISMO DO JOGO.

Podemos proceder a uma leitura simbólica de alguns jogos e brincadeiras realizando analogias e refletindo sobre os significados dos mesmos. São dados que vêm enriquecer nossa leitura do brincar.

**OS JOGOS SÃO A ALMA DAS RELAÇÕES HUMANAS E EDUCADORAS EFICAZES.**

Vamos conhecer de forma mais detalhada uma leitura do simbolismo externo de três brincadeiras.

#### a) A AMARELINHA

Também conhecida como Macaca, Semana, Aeroplano ou Homem, em francês, MARELLE - malha, pedra achatada cujo significado está relacionado com a moral. Na China a Amarelinha está ligada ao dragão. A diversidade de nomenclaturas já espelha uma significação simbólica.

O desenho representa o itinerário de um herói em busca do seu objetivo. É a imagem simplificada do plano de uma catedral - o jogo vai da ORIGEM ao PARAÍSO. No plano horizontal - PONTE, PASSAGEM DIFÍCIL. Os jogos estão, em geral, em um plano horizontal. Essa horizontalidade sugere que o jogo não seria um fator de progresso espiritual. Por essa, entre outras razões, os jogos eram condenados por autoridades religiosas como fúteis: por não permitirem a elevação da alma, pois ficavam na terra; pois podiam suscitar paixões violentas; por não produzirem obras nem bens; por não poder se confiar neles.

Também conhecida como Escada de Jacó - subida ao Céu, Paraíso - significava progresso de ordem espiritual.

A regra de não pisar nas linhas e jogar a pedra dentro de uma casa espelha a necessidade de saber onde se está, se dentro de uma fronteira, ao abrigo da incerteza e do caos.

O itinerário para o Paraíso é feito de etapas, de desafios. As dúvidas, situações ambíguas são sancionadas.

Pula-se em um pé só: quem anda em um pé é coxo. O pé é símbolo da alma, então o coxo revela um "defeito" da alma, espiritual.

Evoca-se o LOUCO do Tarô cujo simbolismo lembra a proposta de um caminho espiritual para o Paraíso que é onde está a luz.

O jogador que empurra com o pé sua alma-pedra é da melhor espécie, pois ele "simula". Quando chega ao Paraíso, irá plantar os dois pés na Terra. No retorno, outras dificuldades podem aparecer.

Variação: quando a pedra é colocada sobre o pé que está no ar é um retorno da alma (pedra) ao seu lugar natural, o corpo.

#### b) O PIÃO

Na Grécia era popular já cinco séculos antes de Cristo.

Na Europa tornou-se popular na Idade Média e estava ligado a cerimônias cristãs muito antigas.

Na Inglaterra faziam-se competições entre diferentes paróquias, cada uma com seu próprio pião.

Na França medieval, o mais comum era o "sabot" (tamanco de madeira) feito com casco de animais, girado com as mãos. Na "corrida de sabots" ganhava o pião que chegava mais longe e rodava mais tempo. Nas Batalhas, um pião tentava derrubar o outro.

TIPOS de piões:

- Pião de haste longa
- Pião de corda
- Pião parisiense - de metal oco emite uma nota musical
- Pião da Alemanha - circular e furado emite sons
- Pião japonês - solta vários outros piões do seu interior ao girar
- Pitorra - com prego na base
- Totons - para ler a sorte (tipo Dreidl)
- Sabot - com uma vareta ou chicote

Há vários simbolismos do Pião:

- > Instrumento mágico para lançar a sorte aos deuses.
- > Na Malásia existiam rituais com piões gigantes de mais de seis kg. que giravam muito tempo durante a colheita de arroz e era brincado pelo povo.
- > Na Idade Média, o jogo esotérico era um costume do "Flagelo do Aleluia": os sabots eram "caçados" pelas crianças para fora da Catedral.
- > A forma do pião era relacionada com a forma da cruz do sacrifício - símbolo do instrumento de tortura "strebolis" em forma de cilindro em torno do qual atava-se o condenado. As crianças, símbolo de vida nova, davam chicotadas.

No final do século XX apareceu o simbolismo de rotação da Terra: idéia de relação com a rotação vertiginosa em volta de um centro, de um eixo que faz do homem um ser enraizado que reencontra a verdade da sua matéria, a terra.

### c) OS ASTRÁGALOS

Na Grécia Antiga, os astrágalos eram feitos dos ossos retirados das patas dos carneiros.

Os astrágalos são os ancestrais dos dados.

Eram considerados:

- Jogos de azar
- Práticas divinatórias - interpretadas por um sacerdote ou uma pitonisa.

Há testemunhos da existência de astrágalos em vasos gregos com figuras de deuses e mortais jogando. Se faz menção dos astrágalos na *Ilíada* e na *Odisséia* de Homero.

Uma das possíveis origens é asiática.

Os soldados gregos teriam aprendido a jogar na guerra de Tróia (Sófocles).

Os romanos difundiram o jogo nos países em que realizavam campanhas militares.

No Ártico, na Rússia e na Polinésia era um jogo popular.

Os esquimós e na Groenlândia jogava-se com ossos de focas.

O principal objetivo era formar diferentes figuras.

A palavra 'astrágalos' significa *estrela* = cucarne. Eles têm a forma de ganizes naturais, de marfim, osso, plástico, tendo: embaixo, um lado liso - kyon - cão que vale 1, o ás, ponto nefasto, imagem da morte; encima, um lado sinuoso - coos - que vale 6, a imagem da vida; um lado convexo - pranés - que vale 4; um lado côncavo - yption - que vale 3; somando, ao todo, 14.

Em Ficorini, na Itália, existem reproduções de várias pedras gravadas:  
- uma oval que representava um monstro com cabeça de carneiro (1º. Signo do Zodíaco) e cauda de peixe (último signo do Zodíaco).

Feitas as considerações acima, apresento, a continuação, uma proposta de leitura do simbolismo interno do ato de brincar.

*Até aqui foi analisado o simbolismo externo de alguns jogos ou brincadeiras. Olhemos agora para uma criança brincando: suas atitudes, sua expressão corporal, seus gestos, seus diálogos com os objetos ou com outras crianças, seu movimento, quase que uma dança, a história criada e inventada, as frases imitadas e outras criadas.*



*Quanta coisa a criança está "dizendo!? Perceba o gesto, o movimento: consigo enxergá-lo, ter um olhar menos fixo, mais fluido? O que a imagem do ato de brincar que tenho diante de mim está me dizendo? Ouça, observe, sinta tudo o que ela expressa neste ato de brincar no qual ela tem a oportunidade de ser ela mesma, das profundezas do seu ser.*

*Quanta riqueza a criança mostra-nos numa singela brincadeira que, de tão simples, pode parecer tão inocente, mas quão cheia de significados ocultos que deixamos passar... Observe, reflita, faça suas analogias, entre neste universo, escute, não fale, não pergunte, ouça com seu coração e um novo caminho do universo infantil irá se desvendar.*

## **OS CONTOS DE FADAS**

Uma incursão na gramática do reino do significado ou uma analogia para iluminar os processos de transformação.

A partir da proposta de leitura simbólica interna e externa, faço, na leitura a seguir, uma incursão no universo dos contos de fadas a partir de uma leitura externa dos símbolos. O grande desafio, porém, seria o de tentar estabelecer uma relação com as vivências interiores de cada leitor, na tentativa de poder fazer também uma leitura simbólica interna.

O que Goethe procurava para a planta (a protoplanta a partir da qual seria possível inventar plantas até o infinito, a partir da observação), Vladimir Propp descobriu sobre os contos de fadas. Folclorista russo (1875-1970), traz o protoconto revelando o impacto de um estrutura arquetípica primeira sobre nossas representações. Este protoconto gera uma infinidade de contos. Ele analisou uma centena de contos russos a partir dos quais identificou uma matriz da qual todos os outros são conseqüências (*Morfologie du conte - Ed. Du Seuil*). Ele dá pouca importância aos conteúdos dos contos, afirmando que somente as *funções* são significativas:

- 1 - Os elementos constantes, permanentes do conto são as funções dos personagens. As funções são as partes constitutivas fundamentais do conto.
- 2 - O número de funções do conto de fadas é limitado.
- 3 - A sucessão das funções é rigorosamente idêntica em todos os contos.

Propp descreve a estrutura dos contos. Luc Bigé enriquece esta interpretação funcional acrescentando uma leitura simbólica das diversas etapas, o que vem trazer conteúdo à análise dos contos.

A estrutura descrita por Propp define uma organização universal comum a todos os contos. A análise simbólica de Bigé tenta decodificar o significado dessa estrutura.

Os contos de fadas e os mitos conservam a memória dos processos de transformação que vão do antigo estado de consciência (o antigo rei) ao novo (o jovem eleito). A mensagem de ambos é fundamental nestes tempos em que a procura de significados confunde-se com inúmeras opiniões individuais.

*Sugiro que, para acompanhar a seqüência descrita a seguir, o leitor escolha um conto de fadas tradicional ou, ainda, uma história de vida pessoal, que possam ser lidas à luz das seqüências apresentadas.*

O protoconto começa com uma introdução onde os membros da família são **enumerados**.

\* Simbolicamente toda criação começa por uma situação existencial: quem sou eu? O que tenho? Qual o meu estado de consciência atual? Este estado é chamado a se transformar, a desaparecer.

No seio deste reino há uma felicidade destacada: um jardim esplêndido onde crescem maçãs de ouro, por exemplo. Mas acontece sempre um fato inesperado: alguém da família se **afasta** ou alguém é **interditado** ou recebe uma **ordem**.

Na seqüência, a interdição é **transgredida** (por exemplo, a princesa chega em casa depois da meia noite).

\* Simbolicamente trata-se de um questionamento das tradições, da lei. O mal faz sua entrada em cena: seu papel é atrapalhar a paz e a felicidade familiar (sob a forma de um lobo, um dragão, um diabo, etc.).

\* Simbolicamente, o herói, o agressor e os outros personagens do conto formam um todo, como nos sonhos que ilustram as múltiplas faces do sonhador. O desejo inconsciente aparece furtivamente sob a forma de monstro: em linguagem simbólica, esta aí para ser visto, para "mostrar" alguma coisa de forma evidente. Toda criação começa, portanto por uma transgressão seguida de um reconhecimento desse diabólico ou monstruoso. Furtividade e monstruosidade estão naturalmente ligadas.

**Interrogação:** o agressor tenta obter informações através de perguntas (Onde você encontrou essas pedras finas?, por exemplo). O agressor recebe **informações** da sua vítima (a rainha conversa com o espelho, por exemplo, que lhe informa que na floresta há alguém mais bonita). O malvado é quem "rouba" uma informação secreta que não deveria ter sido revelada segundo critérios de valores antigos.

A seguir, o agressor tenta **enganar** sua vítima para aprisionar a ela ou a seus bens. Para tal, ele metamorfoseia-se ou utiliza meios mágicos (por exemplo, a bruxa

torna-se uma boa velhinha, a ladra vira uma pedinte, etc.). Há três categorias de enganos:

- Persuasão ou astúcia - engano intelectual.
- Meios mágicos - engano afetivo.
- Outros meios enganosos ou violentos - engano psíquico.

O arquétipo agressor desvenda sua natureza contraditória e complementar: a bruxa e a boa velhinha são duas faces opostas do feminino. **A ladra pega, a mendicante recebe.** Assim mesmo o dragão e o cordeiro são duas imagens do diabo: uma selvagem e perigosa, a outra domesticável e familiar.

\* Esta fase de engano magnifica o poder do inconsciente que quer ver a luz, o que leva a uma confusão que "envenena" a consciência. O agressor possui uma nova informação, mas deve usar a força, a esperteza ou a magia para se fazer entender. Após esta etapa de criação, trata-se de deixar agir a nova visão no seio de antigos valores: aceitação da utopia, fascínio pela beleza das idéias. Aqui vai nascer a **cumplicidade**. A vítima deixa-se enganar e ajuda, assim, seu inimigo, apesar dela.

O agressor prejudica, a seguir, um dos membros da família. Esta função dará ao conto seu movimento. A intriga enreda-se no momento do **delito**, aparecendo, muitas vezes, sob a forma de rapto ou roubo.

O maldoso cria uma situação de falta. A **decisão** de mudar acontece verdadeiramente quando existe um sentimento de urgência percebido por todos.

Na estrutura do protoconto há um momento de **meditação, de transição**: a novidade do delito ou da falta é divulgada. O herói entra verdadeiramente em cena indo à procura do que falta.

Processo de renovação da consciência: o criador só pode avançar.

Causas da partida do herói-buscador:

- um chamado de socorro;
- o herói parte a pedido do rei, após de uma reza ou de uma promessa feita;
- a consciência da infelicidade é revelada;
- o herói parte por iniciativa própria.

Causas da partida do herói-vítima:

- ele é mandado longe da sua casa;
- o herói condenado à morte é libertado secretamente;
- uma bruxaria seguida de expulsão e de traição.

O processo de criação é, já seja consciente (herói-buscador), já seja um caminho imposto pelas vias do desconhecido (herói-vítima). Não é possível criar se não soubermos o que estamos procurando: a vida nos guia.

A seguir, o **doador** entra em cena: renovação da consciência. Se o doador é hostil, trata-se de um teste que permite à pessoa mostrar sua determinação e sua adesão ao seu projeto.

O *herói reage*, por exemplo, prestando um serviço. Depois, um auxiliar mágico é **colocado à disposição do herói**. Mas se o herói reage negativamente, ele morre, de alguma forma.

\*Simbolicamente, ser comido significa ser reabsorvido pelo velho mundo; ser cortado sublinha um risco de destruição; ser congelado indica imobilidade.

O objeto mágico representa a nova qualidade para a qual a pessoa toma consciência para cumprir e ser bem sucedida na sua tarefa. Essa qualidade inesperada tomará a forma de um animal (afetividade), de um vegetal (vitalidade), de um objeto (qualidade física) ou será simplesmente uma qualidade de alma. **Um doador é reconhecido, pois seu reencontro é sempre fortuito**, é um dom da vida (uma mensagem, um reencontro, um livro, etc.) que vai alimentar o projeto de criação.

À fase do dom segue a fase da decisão. Uma vez que a adesão é expressa, o herói descobre os meios de ir mais longe. **O herói não decide por ter nele as qualidades para ser bem sucedido, mas ele descobre essas qualidades por ele ter decidido partir.**

Dando continuidade, nosso herói **movimenta-se no espaço entre dois reinos**. Há várias formas de movimento:

- ele é orientado por alguém que já passou por ali, segue um mestre;
- ele é inspirado e segue sua intuição;
- ele explora suas próprias profundezas, seu inconsciente;
- ele desenvolve a capacidade de pensar por si mesmo: teorização, exploração de idéias;
- ele investe física e emocionalmente;
- ele é conduzido, guiado pela sua alma ou por uma função do seu inconsciente;
- indica-se-lhe o caminho, ele aceita conselhos e sabe reconhecer bons conselheiros.

Durante o caminho, o herói reencontra o "malvado" a quem ele confronta em um **combate**. É quando começam as dificuldades da criação que conduzem muitas vezes a atalhos ou duram muito tempo. O herói deve combater sua tendência ao mau humor crônico, à transgressão permanente, que o tirariam do seu objetivo e conservar somente aqueles objetivos que ele é capaz de cumprir.

O herói atinge o objetivo da sua busca (espada mágica, princesa, Graal): toma consciência do que ele buscava desde o início do conto, adquire um novo estado de consciência e descobre novos valores. A falta é preenchida.

A partir desta etapa, o cumprimento do desejo toma forma.

O herói vai receber uma **marca**.

\* A recepção desta marca simboliza uma mudança de identidade que segue o cumprimento do desejo: tomada de consciência íntima e profunda dos novos valores que transformam significativamente a natureza do ser.

O herói acede à **vitória**.

***É somente quando a pessoa torna-se exemplar desses novos valores que o agressor desaparece ou não tem mais pressa.***

Finalmente, o delito inicial é reparado e a falta preenchida:

- o personagem encantado retoma o que era: o fator inconsciente e imaturo amadurece e fica consciente;
- o morto ressuscita: uma nova vida começa;
- o prisioneiro é libertado: uma capacidade é libertada.

*As funções até aqui descritas constituem a parte preparatória do conto.*

Em continuação, o herói tenta **voltar** à casa do seu pai ou ao reino de origem.

É necessário virar "estrangeiro" para os nossos seres queridos antes de poder retornar, eventualmente, levando-lhes alguma coisa nova.

Desde o início o herói é **perseguido**. São as diferentes formas que o velho mundo utiliza para impedir que os novos valores se desenvolvam:

- através de um dragão voador ou uma forma de objeto voador - críticas negativas;
- o perseguidor transforma-se em objeto atraente: a armadilha da sedução - a corrupção;
- o perseguidor tenta devorar o herói - a armadilha da recuperação e da assimilação;
- o perseguidor tenta matar o herói - a negação do novo.

Porém, o herói é **salvo**. São diferentes formas de proteger a nova semente:

- sendo levado pelos ares: ver as coisas do alto;
- colocando obstáculos no caminho dos perseguidores;
- transformando-se em objetos que o tornem desconhecido;
- o herói esconde-se ao longo da sua fuga: discrição;
- transformando-se em animal, pedra, etc: transforma-se, adapta-se;
- recebendo ajuda divina ou mágica: é salvo magicamente.

O herói **chega como um desconhecido** à sua casa ou como um aprendiz.

Ele deve provar grande humildade para justificar e mostrar aquilo de que se tornou consciente. Isto pode ser realizado no seu mundo ou no mundo afora.

Acontece que um falso herói faz valer **pretensões mentirosas**. Se o herói retorna ao lar, serão seus irmãos que proclamarão essas pretensões fazendo-se passar por conquistadores do objeto.

O conto traz uma questão crucial: o herói está verdadeiramente à altura das suas pretensões?

A esta altura, o rei ou outro personagem propõe ao herói uma **tarefa difícil**: administrar sua prova junto a pessoas que não tenham passado pela experiência. Esta tarefa pode ter diferentes caras:

- a prova do comer e do beber: mostrar que a nova visão dá conta de questões resolvidas pela antiga, mas mais rápida e eficientemente;
- a prova do fogo: criar um novo dinamismo;
- a prova da adivinhação: resolver questões que o antigo paradigma não conseguia;
- a prova da escolha: permitir decisões que antigamente pareciam impossíveis;
- a prova de força, de comportamento e de coragem: empreender um ato que antes parecia irrealizável;
- a prova da paciência;
- a obrigação de fabricar alguma coisa: a criação de um novo objeto tecnicamente inviável pelo antigo método.

**A tarefa é aceita e cumprida.**

A tarefa é difícil para o herói só aparentemente.

Muitas vezes é graças ao auxiliar (objeto mágico) que o herói irá conseguir: sua generosidade e abertura a outra coisa são as chaves do seu sucesso.

**Assim, o herói é reconhecido** e o falso herói ou o agressor é desmascarado.

O herói recebe uma nova aparência. É **transformado**. O falso herói será punido.

Finalmente, o herói casa e sobe ao trono. Passa a etapa da iniciação, consequência do seu contato **consciente e permanente** com novos valores dos quais virou um exemplo. **O herói torna-se exemplar e cumpre, assim, o objetivo último da transcendência.**

A partir das seqüências anteriormente enunciadas, podem ser sintetizadas as fases do processo de criação, apresentadas simbólica e estruturalmente nos contos de fadas:

I - *Autoritarismo*. Estado de sítio, interdição e ficar longe da casa paterna. Força esclerosante de uma moralidade cujos fundamentos legais vacilam por não estarem adaptados às necessidades da época.

II - *Transgressão exacerbada, revolta permanente, luta de classes*. Transgressão, interrogação e recepção de uma informação proibida.

III - *Caos*. Mentira e cumplicidade, fascínio libertador da utopia.

IV - *Afirmção de novos valores*. Tomada de consciência da falta e partida do herói.

V - *Dom, desperdício de recursos e de boa vontade.* Dom, no duplo sentido de receber e dar. Recepção do objeto mágico, tomada de consciência de capacidades inexploradas.

VI - *Dispersão, trocas, movimentos, origens de insegurança permanente.* Movimento no espaço (curiosidade), luta contra a tentação da transgressão permanente e contra o apego às utopias.

VII - *Incapacidade de se comunicar e sair de si.* A marca, a vitória sobre o agressor e o reparo da falta.

VIII - *Volta ao pai.* A volta do herói que é perseguido e depois salvo.

IX - *Nunca se sentir pronto antes de fazer qualquer coisa.* Chegada de incógnito no seu reino ou no estrangeiro. Perfeccionismo.

X - *Alianças.* Pretensões mentirosas do falso herói.

XI - *Acreditar que o complicado é mais sério que o simples.* A tarefa difícil é cumprida.

XII - *Fazer crer ao outro que pode viver um bom tempo no mundo da lua.* Reconhecimento social e descoberta da mentira.

XIII - *Atitude dogmática.* Transfiguração, pena do falso herói e casamento com a princesa.

Cada seqüência é um passo do processo. Deter-se em uma delas (ausência de visão global) torna-se, tanto para a pessoa quanto para a civilização, literalmente patológico.

Sugiro, para um maior aprofundamento, as obras de Marie Louise Von Franz sobre os contos de fada, nas quais lida com as idéias de individuação, a sombra e o mal e o feminino, assim como com o simbolismo profundo dos mesmos.

## A ARTE

A arte tem se inserido nos currículos de um grande número de escolas e salas de aula e vem conquistando, lentamente, seu merecido lugar por ser mais uma das linguagens expressivas fundamentais do universo infantil e, sem dúvida alguma, cheia de simbolismos. O que se observa na maior parte das iniciativas nesta área é um percurso pelas diversas técnicas e materiais. Grande é o desafio ainda, no sentido de desvendar o simbolismo dos desenhos, pinturas, esculturas, criações musicais, expressões corporais, representações teatrais e outras obras de arte desenvolvidas pelas crianças. A produção pode ser considerável em termos de quantidade e qualidade e, mais uma vez, deixamos escapar um material extremamente significativo do que a criança "diz", não literalmente, através da sua obra de arte, não somente com seu produto final, mas também no decorrer do processo criativo. Existem alguns estudos muito sérios a respeito do significado e evolução do desenho da criança, a utilização de cores e uma inserção, tímida ainda, da importância de olhar o simbolismo da obra de

arte infantil. Porém, deixamos passar muita coisa ou fazemos uma "leitura", ainda bastante superficial deste universo tão rico de possibilidades e significações.

Aprender a exercer a pluralidade dos sentidos e a descobrir diferentes caminhos de observar o mundo é um dos maiores desafios dos nossos educadores. Na visão de Loris Malaguzzi, criador de jardins de infância na cidade de Réggio Emília na Itália, verdadeiras ilhas em um mundo onde domina o "imperialismo do olho", é na contínua interação entre o pensamento e o meio ambiente que nascem as linguagens das crianças, sejam expressivas, simbólicas, cognitivas, imaginativas ou metafóricas. Se dermos à criança os instrumentos de exploração, percepção e intercâmbio, ela irá se comportar frente ao mundo como um detetive ou um semiologista: ela possui a arte de levantar hipóteses para reconstruir e explicar as coisas. As crianças têm o dom de uma multiplicidade de potencialidades que precisam ser estimuladas para se manifestarem. Em Réggio Emília, o ambiente e a criatividade têm mostrado ser o ponto alto para tais manifestações: > o ambiente deve constituir uma força geradora de situações emocionais e cognitivas de bem estar e confiança; deve deixar à criança desenvolver sensações físicas, psicológicas, olfativas, imaginativas, auditivas, táteis.

> a criatividade, enquanto sabedoria, tem suas raízes naquilo que é próprio da criança no seu patrimônio cultural, seus gostos e sua intuição.

O trabalho com material de sucata, com luzes e sombras, com cores, com elementos da natureza, levam à criança, se prontamente estimulada, a descobrir a musicalidade, a dança, a imaginação e a palavra nas cores, texturas, materiais.

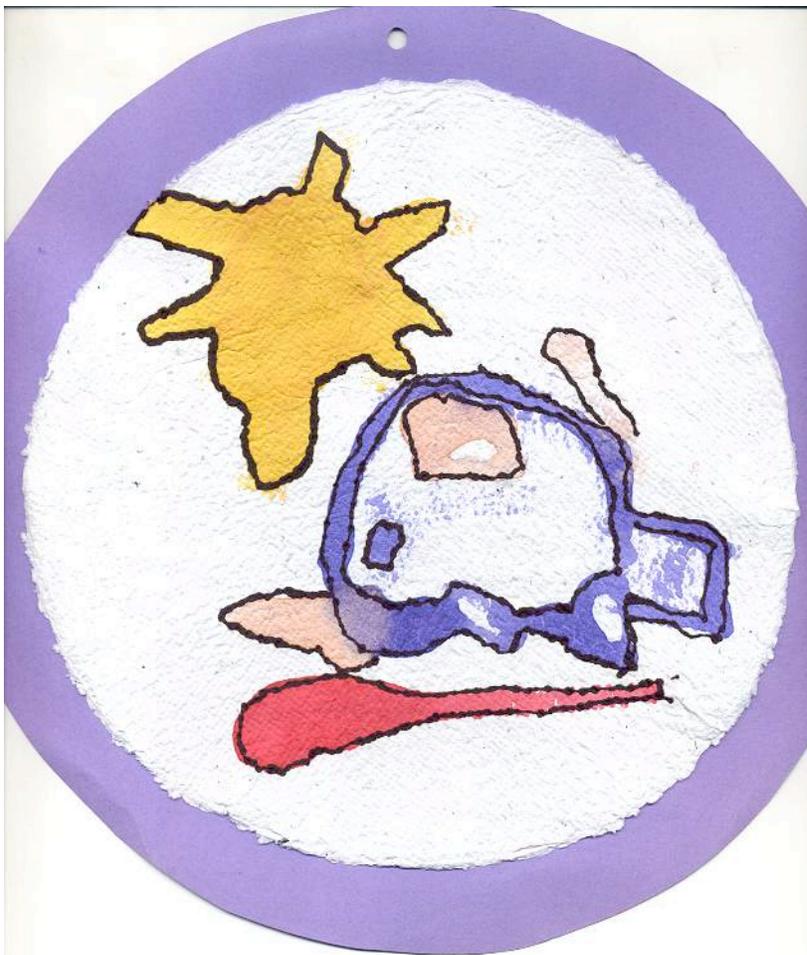
Em propostas deste porte, o papel do educador é o de permitir às crianças de se expressarem através de diversas linguagens artísticas e ajudá-las a definir aquilo de que elas precisam para levar uma idéia a termo.

A criança tem a oportunidade, através da linguagem da arte, de expressar-se e de construir. A criação está no coração do entorno da criança. A arte torna-se símbolo de uma relação privilegiada que se estabelece entre a criança e o mundo que ela percebe.

Mirian Celeste Martins desvenda, na sua obra, o maravilhoso universo das possibilidades por trás da arte. Ela afirma que, por trás das sensações, percepções e lembranças despertadas por uma imagem, há uma história pessoal, experiências e conhecimentos anteriores. Ela entende a arte como a criação de algo novo, "a representação simbólica de objetos e idéias visuais, plásticos, sonoros, gestuais, corporais..." sob diversas realidades. A autora nos diz que "as produções artísticas são ficções reveladoras, criadas pelos sentidos, imaginação, percepção, sentimento, pensamento e a memória simbólica do ser humano". Este une a sua "capacidade de operar os meios com sabedoria (a techné)... com a sua capacidade de criação (a poiesis)", mostrando verdades da natureza e da vida.

A proposta a que sugiro, a seguir, parte da possibilidade de estabelecer uma ponte entre uma leitura simbólica interna e uma leitura simbólica externa.

*Veja um exemplo de uma possível "leitura" simbólica e analógica a partir de uma pintura feita por uma criança de quatro anos.*



**N.J. - quatro anos.**

*Dê livre vazão à sua capacidade de ler esta imagem, ouvir sua intuição, dar movimento à pintura fora e dentro de você. Perceba, não somente o que a imagem pode significar concretamente, mas tente estabelecer relações contextuais; ler "através" da imagem, o simbolismo dos seus elementos e do conjunto; tente fazer uma leitura analógica com um mito ou um conto 're-conhecido' ou associado por você. Deixe, finalmente que a imagem fale a você. Tente perceber como o seu corpo, as suas sensações e sentidos a acolhem. Faça uma pausa e tente ficar neste instante, neste "respiro" para "ouvir" a obra de arte dentro de você.*

Dou pequenos passos neste universo da arte e acredito que há ainda um grande campo de pesquisas a serem desvendadas.

Sugiro uma aproximação ao trabalho de Roberto Gambini no âmbito dos sonhos, pesquisa esta que oferece várias pistas inspiradoras para a incursão em outras linguagens simbólicas.

Nas três propostas anteriores, o brincar, os contos de fadas e a arte ou em qualquer outra linguagem simbólica, o grande desafio é o de estabelecer um "diálogo" entre as imagens que vêm de fora com seu simbolismo externo, com as imagens que vêm de dentro com seu simbolismo interno; um diálogo entre as imagens que vêm de cima com as imagens que vêm de baixo; entre o significado superficial, concreto, cartesiano e o significado profundo, abstrato, transcendente. Só assim será possível ter um olhar integrado e significativo do universo da criança.

## B. AS PESQUISAS

### EDUCAÇÃO

Não poderia deixar de lado a educação, tanto a formal quanto a não formal. A seguir, proponho um "ensaio" de compreensão ampliada da educação, fazendo referência, tanto à educação da infância, à educação do jovem e à do adulto. Trata-se de um exercício para tentar ampliar o conceito sobre a educação.

A seguir, um ensaio de leitura simbólica externa da Educação.

Toda educação deveria formar o espírito simultaneamente nas leituras científica, ecológica, simbólica e operativa. Cada uma dessas quatro formas de pensamento requer métodos específicos: duas agem e duas vêem.

\* O saber objetivo científico transforma o mundo agindo sobre a matéria por meio de uma tecnologia sofisticada.

\* O saber ecológico mostra situações materiais.

\* O saber simbólico mostra situações psicológicas.

\* O conhecimento operativo transforma o mundo agindo sobre a realidade subjetiva.

➤ Hoje em dia somente a Educação materialista, científica é reconhecida, para a grande maioria, como válida e necessária.

A educação científica acentua a importância dos fatos e da sua memorização. O aluno deve aprender a memorizar datas, fórmulas matemáticas, físicas e químicas e depois demonstrar seus conhecimentos através de provas. Ele aprende a observar minuciosamente o real e a classificá-lo em categorias. *O único critério de sucesso é o dos resultados. Em síntese é necessário saber fazer.*

Estudos = especialização = poder.

Características:

- Um saber positivo, objetivo, objetiviza o aluno, julgado com os mesmos critérios que valem para a ciência: de um lado notas, de outro medidas. Os alunos são avaliados em função do seu sucesso nas provas, são julgados sobre valores quantitativos.

- Um saber especializado cria especialistas competentes em uma única área da vida.

- Uma visão do mundo baseada sobre a seleção natural e a competitividade.

- As disciplinas artísticas, julgadas inúteis, praticamente não existem ou se existem é dentro de um ambiente extremamente competitivo.

- Cada aluno está sozinho frente aos outros, considerados seus concorrentes.

➤ Na Educação ecológica domina a consciência de que as interações são mais importantes sobre o objeto de estudo do que o objeto em si mesmo.

Características:

- Ciência do fluxo e das relações. Saber dos processos. Escolha dos saberes ensinados.

- Trabalho em grupo, cooperação.
- Interatividade entre educadores e alunos. Interação permanente entre os pensadores.
- Alunos selecionados a partir das suas visões. As provas consistem em esclarecer uma situação, recolocando-a no seu contexto. A literatura e a expressão oral são mais importantes do que a matemática e a física. Trata-se de mostrar.
- Necessidade de multiplicar os estudos do meio ou pesquisas de campo.
- Os alunos são avaliados a partir da sua flexibilidade e da sua capacidade de fazer ligações. Procura-se troca de informações. A auto-avaliação é desejada. Ninguém é dono da verdade.
- A palavra chave é cooperação.

### ECO-EDUCAÇÃO

*Fazendo uma análise paralela com os princípios norteadores da Ecologia, proponho, a seguir, uma reflexão a respeito de como esses mesmos princípios podem ser aplicados no âmbito da Educação, no que denomino de Eco-educação.*

Princípios:

- Interdependência - Ao falarmos de educação, não podemos somente nos restringir à escola, mas, ampliando esta idéia de que a educação acontece somente entre quatro paredes, percebe-se a importância que todos os protagonistas têm nesta rede educacional: crianças, pais, mestres, família estendida, vizinhos, comunidade, cidade, país, mídia, etc. O comportamento, modismos, valores de cada um dependem do comportamento de todos os outros ao seu redor. Não é somente nos livros escolares que a criança aprende, mas nos exemplos que ela encontra ao seu redor, no cotidiano do dia a dia. Todas as ações desenvolvidas por qualquer um dos integrantes de uma rede irão influenciar diretamente todos os componentes da mesma. Os valores pelos quais uma sociedade ou comunidade se pauta estarão sendo impressos em todos seus membros. Nada nem ninguém está isolado e isento de quaisquer influências, tanto positivas quanto negativas.
- Reciclagem - Destaca-se aqui a importância primordial da troca, acesso e democratização de informações e experiências como um caminho para a "realimentação" contínua dos membros que integram qualquer sistema educacional.
- Cooperação - a importância e influência desta postura, cooperativa, está, lentamente, transformando as atitudes, dia a dia, de inúmeras pessoas, famílias, instituições, empresas e governos. Não é mais possível realizar mudanças materiais, atitudinais ou de pensamento, sem parcerias que possam, juntas, transformar para melhor as suas comunidades, cuidando, não somente dos problemas como também levando novas formas e possibilidades de sustento e evolução.
- Flexibilidade - Este é, talvez, um dos aspectos mais desafiadores da eco-educação para os novos tempos. Os sistemas tradicionais precisam dar este passo desafiador de se flexibilizarem já que nossa história é testemunha da grande falta

de flexibilidade e adaptação, aspectos que realmente são imprescindíveis para abrir caminho para a transformação e adequação, tão necessárias, nos diversos âmbitos e propostas educacionais. Fundamental levar em conta, com relação a este princípio, o fato de que tudo está em movimento o tempo todo e qualquer situação ou pensamento cristalizado leva à paralisação.

- Diversidade - Este é um princípio amplamente debatido nos dias atuais, trabalhando-se temas como inclusão, aceitação e somatória dos diferentes. Diversos pontos de vista, diversas relações, diversas soluções e caminhos só podem vir a enriquecer as aprendizagens de uns e outros, protagonistas das inúmeras relações tecidas nos vários entornos educacionais.

➤ A Educação simbólica é claramente contrária ao pensamento científico.

Características:

- A percepção intuitiva de um significado evoca uma abertura da consciência cujo sintoma é um sentimento de contentamento acompanhado de uma certeza interior.
- O aluno deveria ser orientado a desenvolver sua intuição, ou seja, aprender a deixar-se pensar mais do que a fazer um esforço de pensamento.
- O aluno deveria envolver-se pessoalmente e intensamente no processo de conhecimento, pois ele perceberá que seu grau de percepção das idéias depende estreitamente do seu estado de consciência. Para ele, o trabalho no mundo exterior é indissociável de um trabalho sobre ele mesmo. Ele reflete, mas somente no significado do espelho. Quanto mais ele se conhece mais ele conhece o mundo à sua volta.
- Para aplicar o pensamento simbólico é importante integrar informações adquiridas nos dois quadrantes precedentes. Os objetos e os contextos devem ser vistos como portadores de um significado que o olhar intuitivo do aluno será capaz de decodificar.
- O trabalho em grupo e a cooperação são indispensáveis.
- Os tempos de silêncio e interiorização são tão essenciais quanto os tempos de falas e de exteriorização. O objetivo é a harmonização dos opostos.
- A análise dos sonhos, a mitologia, os contos de fadas, a antropologia, a semiologia e a arte deveriam ser privilegiadas.
- O aluno deveria ser levado a pensar de forma simbólica sobre os diferentes níveis da realidade interior (física, afetiva, mental e espiritual) com sua contrapartida exterior (vida social, progresso dos conhecimentos científicos, vida partilhada). O ponto de partida das suas reflexões podem ser os mitos, os sonhos, os contos, as formas de vida e os objetos do seu cotidiano. *Pensar de forma simbólica significa compreender a unidade de significado que liga a vida interior e a vida exterior: é porque o símbolo é inclusivo.*
- Os resultados mais importantes serão a capacidade de "esclarecer", tornar uma situação iluminada.
- A aquisição do significado das realidades é baseada em uma ética da cooperação: esta ética baseia-se, por sua vez, no conhecimento íntimo das leis do universo "interior".

➤ A Educação operativa tenta mostrar que ensinar, 'co-nascer' implica em ser capaz de perceber e depois acolher as "inergias" que moram no universo dos significados. Os métodos educacionais para atingir este objetivo podem ser rituais, peças de teatro ou provas "iniciáticas". O importante é o aluno virar "ator", aquele que sabe encarnar outros personagens que não ele mesmo. Ele descobre que pode improvisar, ou seja, entrar em ressonância com uma qualidade de energia presente no universo do significado que é fonte de inspiração.

Se, como Jung sugeria, existe um universo de forças significativas que organizam ao mesmo tempo nossa realidade física e nosso mundo psíquico (sincronicidade), qualquer um capaz de contatar este universo obterá efeitos sem causa material.

Para que a utilização operativa das formas simbólicas (sons, cores, objetos, rituais, etc.) seja realizada sem riscos é necessário percorrer os quadrantes anteriores com sucesso: um espírito capaz de precisão e discriminação adquirido graças ao pensamento científico do primeiro quadrante; uma percepção aguçada das situações globais e do contexto, qualidade desenvolvida no segundo quadrante; e a intuição do significado do instante, da necessidade do momento, graças à leitura simbólica do 3º quadrante.

## DESAFIOS

### Ampliação e aprofundamento do olhar

*Tentando esboçar uma síntese das idéias colocadas ao longo deste capítulo, proponho o desafio de realizar também, complementando uma leitura quadrifoliada que amplia o olhar, uma leitura que aprofunde o olhar.*

Pode-se fazer uma leitura amplificadora que abranja os quatro pontos de vista anteriormente propostos: o cartesiano, o ecológico, o simbólico e o operativo ou transcendental.

Dentro de cada um desses quadrantes pode-se fazer uma leitura mais aprofundada:

- \* no primeiro quadrante, utilizando a proposta de observação, registro e análise de dados. O olhar fixo, focado nos detalhes.
- \* no segundo quadrante, fazendo uma leitura que inclua interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade e diversidade. O olhar fluido, focado nas seqüências. Colocar-se no lugar de, tornar-se a imagem ou o outro.
- \* no terceiro quadrante pode-se realizar uma leitura do simbolismo dos elementos observados utilizando analogias, contos, mitos e suas estruturas para ter uma compreensão mais significativa. Captar o gesto, o movimento, o corpo e as sensações - chaves da essência do ser.
- \* no quarto quadrante pode ser feita uma leitura transcendental que nos leve ao ponto do silêncio ou da meditação, à transcendência: o olhar aberto.

Neste processo enfrentamos, pois, o desafio de mover-nos entre a pura facticidade e inconsciência dos acontecimentos para a plenitude, a consciência, o si mesmo; o desafio de conjugar leituras simbólicas externas com leituras simbólicas internas.

Estes quatro quadrantes nem sempre são tão evidentemente distinguíveis. Eles vêm contribuir mais como pistas para o nosso caminho do olhar do que como um método propriamente dito.

Ficam, a partir daqui, os desafios de continuar ampliando e aprofundando a nossa leitura e compreensão da criança, do jovem, da sua essência e dos seus processos, a partir dos ensaios, possibilidades e reflexões propostos e mergulhar em universos que dizem respeito a: "*O arquétipo da criança*"; "*A teia da vida da criança*"; "*A criança com infância*"; "*O processo da imaginação*"; "*A intuição do educador*"; "*O desvendar dos tesouros da infância*"; "*A abertura de novas fronteiras na educação*" e inúmeros outros, já que este caminho é sem fim, significativo e profundo.



"Menina com regador" - 1876 - Auguste Renoir

## 5. PÓS FÁCIO

- O que você quer ser quando crescer? - perguntei ao meu filho de cinco anos.
- Jogador de futebol - ele respondeu.
- E o que mais? - ainda insisti.
- Pintor, policial, herói... - respondeu ele.
- Tudo isso? Como você vai fazer? - disse eu.
- 2ª feira, jogador de futebol; 3ª feira, pintor; 4ª feira, policial; 5ª feira, herói, 6ª feira vou ser eu; sábado vou ser eu; domingo vou ser eu - concluiu, deixando-me sem palavras.

*Assim é que é a criança: ela mesma e é isso que ela quer ser. Basta deixá-la SER ouvindo-a, olhando para ela. Esta é a nossa lição de casa.*

*Adriana Friedmann*

*Primavera de 2004*

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENOIST, Luc - "Signos, Símbolos e Mitos" - Original em francês de 1975 - Edições 70, Portugal.
- BERTAZZO, I. - "Cidadão corpo" - SESC/Opera Prima, SP, 1996.
- BERTHERAT, T. & BERNSTEIN, C. - "O Corpo tem suas razões" - São Paulo: Martins Fontes, 1985 (1976).
- BERTHERAT, T. - "As estações do corpo" - São Paulo: Martins Fontes, 1987 (1985).
- \_\_\_\_\_ - "A toca do tigre" - São Paulo: Martins Fontes, 1990 (1989).
- BETTELHEIM, B. - "A psicanálise dos contos de fadas" - Paz e Terra, Brasil, 1980.
- BIGÉ, Jean Luc - "La force du symbolique" - Ed. Dervy, Paris, 2003
- BOA, Fraser - "E por falar em mitos... Conversas com Joseph Campbell" - Ed. Verus, Campinas, SP, 2004.
- BONAVENTURE, J. - "O que conta o conto" - Paulinas, SP, 1992.
- BRAZELTON, T. Berry - "Ouvindo uma criança" - Martins Fontes, SP, 1990.
- BRUCE-MITFORD, Miranda - "O livro ilustrado dos signos e símbolos" - Original em inglês de 1996, Centralivros ed., s/d.
- BUHLER, W. - "O corpo como instrumento da alma" - Associação Beneficente Tobias, SP, 1995. DAHLKE, Rudiger - "A doença como linguagem da alma" - Cultrix, SP.
- BULFINCH, Thomas - "O livro de ouro da mitologia" - Ediouro, RJ, 2001.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho - "A construção amorosa do saber" - Religare, SP, 2003.
- CALVINO, I. - "Fábulas Italianas" - Companhia das Letras, SP, 1992.
- CAMPBELL, Eileen - "Dicionário da mente, do corpo e do espírito" - Mandarim, SP, 1997.
- CAMPBELL, J. - "O herói de mil faces" - Pensamento, SP, 1998.
  - "O poder do mito" - Palas Athena, SP, 1990.
  - "Para viver os mitos" - Ed. Cultrix, SP, 2000.
- CHÂTEAU, J. - "O jogo e a criança" - Summus, SP, 1987.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT A. - "Dicionário de símbolos" - José Olympio, RJ, 1992.
- DAVIS, F. - "A comunicação não verbal" - Summus, SP, 1979.
- DURAND, Gilbert - "A imaginação simbólica" - Original em francês de 1964 - Gabinete técnico de Edições 70, Ltda, 1993 (6ª. Ed.).
- EDWARDS, C. "As cem linguagens da criança: a abordagem de Réggio Emilia na educação da primeira infância". Porto Alegre: Artmed, 1999.

- ELIADE, Mircea - "Imágenes y símbolos" - Original em francês de 1955 - Grupo Santillana de Edições, Madrid, 1955 a 1999.  
- "El mito del eterno retorno", Emecé, Buenos Aires, 2001.
- EL KONIN, Daniil - "Psicologia do Jogo" - São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- EPSTEIN, Gerald - "Imagens que curam", Livro Pleno, 1989.
- FAZZIOLI, Edoardo - "Caractères Chinois" - Flammarion, França, 1987.
- FONTANA, David - "El lenguaje secreto de los símbolos" - trad. Do original de 1993 - Editora Círculo de Leitores, Barcelona, 1993.
- FRIEDMANN, Adriana. "Brincar: crescer e aprender - o resgate do jogo infantil". São Paulo: Editora Moderna, 1996.
- \_\_\_\_\_. "A arte de brincar". São Paulo: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. "Cadernos do Nepsid: 1, 2 e 3". São Paulo: Nepsid, 2003.
- \_\_\_\_\_. "Organização do ambiente" in Revista do Professor v. 19, n. 75. Porto Alegre, 2003.
- \_\_\_\_\_. "O papel do brincar na cultura contemporânea". In Revista Pátio Educação Infantil - ANO I, N. 3, Porto Alegre: Artmed, 2003/2004.
- \_\_\_\_\_ & Craemer, U. (org.). "Caminhos para uma Aliança pela Infância" - São Paulo: Aliança pela Infância, 2003.
- \_\_\_\_\_. "Dinâmicas criativas: um caminho para a transformação de grupos". São Paulo: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_ et alii. "O direito de brincar - a brinquedoteca" - São Paulo, Scritta, 1992.
- FRONTISI-DUCROUX, Françoise - "L' ABCdaire de la Mythologie grecque et romaine" - Flammarion, França, 1999.
- FRUTIGER, Adrian - "Sinais e símbolos" - Martins Fontes, SP, 1999.
- Gimenez Ramos, Denise et al. - "Os animais e a psique" - Palas Athena, SP, 1999.
- GAWAIN, S. - "Visualização criativa" - Pensamento, SP, 1978.
- GIMENEZ RAMOS, Denise - "A psique do corpo - uma compreensão simbólica da doença" - Summus, SP, 1994.
- GLOCKER, Michaela - "Consultório Pediátrico" - Ed. Antroposófica, SP.
- GREENE, Liz - "Uma viagem através dos mitos" - Jorge Zahar, RJ, 2001.
- HAMILTON, Edith - "Mitologia" - Martins Fontes, SP, 1992.
- HEYDEBRAND, C. Von - "A natureza anímica da criança" - Antroposófica, SP, 1991.
- HILLMAN, James - "O código do ser" - Objetiva, RJ, 1997.
- HOFMANN, Helmut - "Como trabalhar intuitivamente com os símbolos" - Ed. Pensamento, SP, 1999.
- JUNG, Carl - "A dinâmica do inconsciente" - Vozes, Petrópolis, 1998.  
- "O homem e seus símbolos" - Nova Fronteira, RJ, 1964.

- LOWEN, A - "Alegria - a entrega ao corpo e à vida" - Summus, SP.
- LOWENFELD, V. - "A criança e sua arte" - Mestre Jou, SP, 1977.
- LURKER, Manfred - "Dicionário de Simbologia" - Martins Fontes, SP, 2003.
- MACIEL, Corintha - "Mitodrama: universo mítico e seu poder de cura" - Ed. Agora Ltda., SP, 2000.
- MARTINS, Mirian Celeste - "Didática do ensino da arte: a língua do mundo - Poetizar, fruir e conhecer arte" - FTD, SP, 1998.
- MATURANA, H. e Verden-Zöller, G. - "Amar e brincar" - Palas Athena, SP, 2004.
- MENEGUELLO CARDOSO, C. - "A canção da inteireza" - Summus, SP, 1995.
- MIRÓ, J. - "A cor dos meus sonhos" - Estação Liberdade, SP, 1992.
- OSTROWER, Fayga - "Acasos e criação artística" - Ed. Campus, RJ, 1995.
- PHILIP, Neil - "O livro ilustrado dos mitos, contos e lendas do mundo" - Original da Inglaterra - Ed. Marco Zero, 1996.
- PIAGET, Jean. "A formação do símbolo na criança - imitação, jogo e sonho, imagem e representação" Rio de Janeiro: Zahar editoras, 1978.
- PIERI, Paolo Francesco - "Dicionário junguiano" - Paulus, SP, 2002.
- POWELL, James - "O tao dos símbolos" - Ed. Pensamento, SP, 1997.
- QUEIRÓZ, N. de - "Histórias da Tradição Sufi" - Dervish Inst., RJ, 1993.
- SAFRA, G. - A po-ética na clínica contemporânea - Aparecida, SP, Idéias e Letras, 2004.
- SCOZ, Beatriz - "Por uma educação com alma" - Vozes.
- SILVEIRA, Nice da - "O mundo das imagens" - Ed. Ática, SP, 1992.
- SOUZENELLE, Annick de - "O simbolismo do corpo humano" - Pensamento, SP, 1995.
- STEINER, R. - "A educação da criança segundo a ciência espiritual" - Antroposófica, SP, 1996.
- TEPPERWEIN, Kurt - "O que a doença quer dizer" - Ed. Ground, SP, 2002.
- TITIEV, Mischa - "Introdução à Antropologia cultural" - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, (1959), 1969.
- TRESIDDER, Jack - "O grande livro dos símbolos" - Original em inglês de 1997, Ediouro, RJ, 2002.
- TRINDADE, André - "A criança e seu corpo: gesto e identidade" in Caminhos para uma Aliança pela Infância, SP, 2003.
- VON FRANZ, M. L. - "A interpretação dos contos de fada" - Ed. Paulinas, SP, 1990.
- Weil, P., Leloup, J.Y., Crema, R. - "Normose: a patologia da normalidade" - Verus editora, 2004.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques - "La vie des images" - Presses Universitaires de Grenoble, França, 2002.

Créditos das obras de arte, fotografias e imagens.

- Elizabeth Louse Vigée Le Brun - "*Mademoiselle Brongniart*" - 1788 - (National Gallery - London)
- Orlando Teruz - "*Cabra cega*" (Col. do artista) - 1902 - RJ
- Berthe Morisot - "*Le Berceau*" - 1872 - Paris (Musée d'Orsay)
- François Gerard - "*Le Peintre Jean-Baptiste Isabey et sa fille*" - 1795 - França (Louvre)
- Constantin Hansen - "*Jeunes Garçons jouant aux dès devant le château de Christiansborg à Copenhague*" - 1834 - França (Musée du Louvre, Paris)
- William Hogart - "*The Graham children*" - 1742 - (National Gallery - London) - Inglaterra
- Maurice Denis - "*Les premiers pas de Dominique*" - 1911 - França (Musée de Beaux Arts, Rennes)
- Félix Vallotton - "*Le ballon*" - 1899 - Paris (Musée d'Orsay)
- John Constable - "*The Cornfield*" - 1826 - Inglaterra (National Gallery - London)
- Jacob Maris - "*A Girl feeding a bird in a cage*" - por volta de 1867 - Alemanha (National Gallery - London)
- Nicolas Bernard Lépicier - "*L' enfant em pénitence*" - 1760 - França (Musée des Beaux Arts, Lyon)
- Marie Bashkirtseff - "*Le Meeting*" - 1884 - França (Musée d'Orsay, Paris)
- Jacob Van Oost The Elder - "*Two boys before an Easel*" - por volta de 1645 - Flâmnico - (National Gallery - London)
- Presciliano Silva - "*Menina de mantilha verde*" (Fundação Museu Carlos Costa Pinto - Salvador) - 1925 - Brasil
- Thomas Gainsborough - "*The Painter's Daughters chasing a Butterfly*" - 1756 - Inglaterra (National Gallery - London)
- Le Nain Brothers, Antoine, Louis and Mathieu - "*A Woman and Five Children*" - 1642 - França (National Gallery - London)
- Hyppolyte dit Paul Delaroche - "*L'enfance de Pic de la Mirandole*" - 1800 - França (Musée de Beaux Arts, Nantes)
- Jacques Émile Blanche - "*Petite Fille peignant*" - 1892 - França (Musée de Beaux Arts, Rouen)
- Foto - domínio público
- Nicolas Joloidovsky - 2003 - Brasil
- Nicolas Joloidovsky - 2004 - Brasil
- Foto - domínio público
- Rodolfo Amoedo - "*Menino tocando tambor*" (Museu Nacional de Belas Artes - RJ) - 1878 - Rio de Janeiro - Brasil

- Molenaer, Jan - "*Two Boys and a Girl making Music*" - (National Gallery - London) (Hohn Constable - 1826 - Inglaterra)
- Sir Thomas Laurence - "*Les enfants de John Angerstein*" - 1808 - França (Musée du Louvre, Paris)
- Parreiras "*Menino com arapuca*" (Col. Abrahão Zarzur - SP) - 1901 - Rio de Janeiro - Brasil
- Caspar Netscher - "*A Lady teaching a Child to read, and a Child playing with a Dog*" (*La Maîtresse d' école*) - 1670 - (National Gallery - London) - Alemanha
- Constantin Hansen - "*Jeunes Garçons jouant aux dès devant le château de Christiansborg à Copenhague*" - 1834 - França (Musée du Louvre, Paris)
- Henri Rousseau dit le Douanier - "*Les Représentants des puissances étrangères venant saluer la République en signe de paix*" - 1907 - Paris (Musée Picasso)
- Auguste Renoir - "*Claude Renoir jouant*" - 1908 - Paris (Musée de l' Orangerie)
- Jean Baptiste Siméon Chardin - "*L' enfant au toton*" - 1738 - França (Musée du Louvre)
- Sir Joshua Reynolds - "*Lady Cockburn and her Three Eldest Sons*" - 1773 - Inglaterra
- Joshua Reynolds - "*Senhorita Jane Bowles*" - 1775 - Inglaterra
- Carl Larsson - "*Jeux d' échecs*" - 1902 - Estocolmo
- Georges Seraut - "*Étude pour une baignade à Asnières*" - 1883 - França (Musée d' Orsay, Paris)
- Elisabeth-Louise Vigée Le Brun - "*Portrait of a boy holding a rose*" - 1789 - França
- André Dargelas - "*La famille heureuse*" - 1828-1906 - França (Wolverhampton, Art Gallery)
- Jean Baptiste Siméon Chardin - "*Le Bénédicité*" - 1740 - França (Louvre)
- Edward Potthast - "*Um feriado*" - 1915 - Estados Unidos (Instituto de Arte de Chicago)
- Jean Baptiste Perronneau - "*A Girl with a Kitten*" - (National Gallery - London) - 1745 - França
- Thomas Gainsborough - "*The painter's Daughters with a cat*" - 1760 - Inglaterra
- Pierre Bonnard - "*L' après midi bourgeoise ou La famille Terrasse*" - 1900 - Paris - França (Musée d' Orsay)
- Flemish - "*Portrait of a boy holding a rose*" - 1600 - (National Gallery - London)
- Nicolaes Maes - "*Christ blessing the Children*" - 1652 - Alemanha
- Carl Larsson - "*La Sainte-Emilie dans la cabane aux provisions*" - 1890 - Estocolmo (Nationalmuseum)

- François Boucher - "*Le Déjeuner*" - 1739 - Paris - França (Louvre)
- Jean Geoffroy - "*Em classe, le travail des petits*" - 1889 - França (Ministère de L'Éducation nationale, Paris)
- Batista da Costa - "*No jardim de Petrópolis*" (Col. Abrahão Zarzur - SP) - 1900 - Petrópolis - Rio de Janeiro - Brasil
- Salmson Hugo Fredrick - "*A La barrière de Dalby, à Skane*" - 1884 - França (Musée d'Orsay, Paris)
- Francisco de Goya - "*Enfants grim pant aux arbres*" - 1791 - Espanha (Museo del Prado)
- Pierre-Auguste Renoir - "*The umbrellas*" - entre 1881 e 1886 - França
- Carl Larsson - "*La veille du Réveillon*" - 1892 - Estocolmo
- Leopoldo Joloidovsky - 2002 - Brasil
- Domínio público
- Nicolas Joloidovsky - 2003 - Brasil
- Auguste Renoir - "*Menina com regador*" - 1876 - França

